

Sexta-feira
31 Julho 2009
www.ipsilon.pt

P
Público

Jeff Koons Bill Callahan James Gray d3ö Edgar Martins Erwin Olaf Thomas Mapfumo

ípsilon

Rui Cardoso Martins, novo romance

Viagem entre a vida e a morte

pelas entranhas de Lisboa

CONVOCATÓRIA

novos talentos fnac

NOVO TALENTO FNAC

FOTOGRAFIA 2009

**ENTREGA A TUA CANDIDATURA
ATÉ 30 DE SETEMBRO**

NOVOS TALENTOS É O DESTAQUE QUE A FNAC DEDICA A FOTÓGRAFOS PROMISSORES AINDA DESCONHECIDOS QUE SE DISTINGUEM PELA QUALIDADE E INOVAÇÃO DO SEU TRABALHO, À MARGEM DAS CORRENTES, DESPRENDIDO DE ESTILOS E MODAS.

REGULAMENTO DISPONÍVEL NA FNAC OU EM [HTTP://CULTURA.FNAC.PT](http://cultura.fnac.pt)

APOIOS:



JORNAL OFICIAL:

ípsilon



www.fnac.pt



Jay-Z encerra a trilogia "Blueprint" em Setembro



Rihanna

Jay-Z convidou MGMT e Rihanna para o disco novo

É um rapaz com bom gosto (e um dos mais brilhantes "rappers" da década), escreve a "Les Inrockuptibles": Jay-Z convidou os MGMT (mas bom, também convidou a Rihanna) para o disco com que vai encerrar a trilogia "Blueprint", lá para finais de Setembro. Coube ao duo de Brooklyn escrever a introdução do álbum, que quem já ouviu descreve como "um eficaz regresso aos origens" de Jay-Z. O "rapper" novaiorquino disse à Reuters que "The Blueprint 3" fecha um círculo: "O primeiro 'Blueprint' foi construído a partir de 'samples' soul, do lugar de onde eu vinha, do que eu ouvia enquanto crescia junto da minha avó, da pop. Vejo este novo 'Blueprint' como um clássico contemporâneo, no sentido em que nós - o Usher, o Justin Timberlake, a Beyoncé e eu - estamos à beira de nos transformar no equivalente dos ícones que admirávamos quando éramos novos, como Marvin Gaye e Frank Sinatra". O núcleo-duro do novo álbum está pronto desde Novembro do ano passado, o que deu a Jay-Z "algum recuo" para fazer as alterações impostas pelo "estado actual da música": "O meu álbum não é só um álbum; inscreve-se numa obra colectiva, o hip hop". →

Sumário

Rui Cardoso Martins 6

Não se pode andar em Lisboa da mesma forma depois de ler "Deixem Passar o Homem Invisível"

James Gray 12

Fez um filme, "Duplo Amor", sobre a condição de se estar apaixonado: inevitavelmente "ridícula"

Bill Callahan 16

O autor de "Sometimes I Wish I Was An Eagle" fala da morte, de ter filhos, da juventude, do seu horror à exposição.

d36 20

Oito anos, três EPs e centenas de concertos depois, o álbum "Exposed"

Edgar Martins 24

Retorno à polémica

Jeff Koons 30

Armado em Popeye, o marinheiro, em Londres

Ficha Técnica

Director José Manuel Fernandes

Editor Vasco Câmara, Inês Nadasai (adjunta)

Conselho editorial Isabel Coutinho, Oscar Faria, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano

Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara

Directora de arte Sónia Matos

Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Mariana Soares

Editor de fotografia Miguel Madeira

E-mail: ippsilon@publico.pt



MGMT

Os uigures não cabem no mundo de Jia Zhangke

Jia Zhangke não gosta de confusões. Por isso, quando o realizador chinês soube que corria o risco de ser apanhado na mesma sala que a activista da etnia uigur Rebiya Kadeer, abandonou o Festival Internacional de Cinema de Melbourne.

Os incidentes que no início de Julho levaram a província de Xinjiang - a única da China onde há uma maioria de muçulmanos - para as primeiras páginas dos jornais provocaram duas centenas de mortos. E continuam a criar ondas de choque.

Jia Zhangke admite que sabe pouco da história daquela província autónoma. "Mas os incidentes em Urumqi [a capital] foram apenas há duas semanas e, no mínimo, devo ser cauteloso", explica num comunicado para justificar a sua saída repentina.

O Governo de Pequim responsabiliza Kadeer, exilada nos Estados Unidos, pelos distúrbios. Ora, a líder do World Uyghur Congress está em Melbourne por causa do filme "10 Conditions of Love", que fala sobre a forma como a sua luta pela autodeterminação uigur afecta a sua família. Kadeer, que foi em tempos uma das empresárias mais ricas da China, tem onze filhos, alguns a viver ainda em Xinjiang. O regime de Pequim ainda tentou convencer os organizadores a retirarem o filme. Em vão. Como

resposta, e horas depois da cerimónia de abertura, hackers" chineses sabotaram o "site do Festival: substituíram a informação sobre "10 Conditions of Love" por slogans anti-Kadeer e bandeiras da China, noticiou o diário australiano "The Age". "Gostamos de filmes, mas odiamos Kadeer", diz uma das mensagens.

O director do festival, Richard Moore, também se queixou que os funcionários foram bombardeados por emails violentos desde que foi conhecida a decisão de não retirar o filme. "É obviamente uma campanha concertada por nos recusarmos a ceder às exigências do Governo chinês", disse ao jornal.

Os tentáculos de Pequim chegaram a outros lados, e foram três, ainda segundo o "The Age", os realizadores chineses que saíram de Melbourne.

Talvez Jia Zhangke não queria comprometer futuros fundos. Só começou a filmar com o apoio do Estado em 2004, quando rodou "O Mundo": um filme sobre um parque temático onde cabiam no mesmo espaço as pirâmides do Egito ou a Torre Eiffel. Aparentemente, no mundo de Jia Zhangke, já não cabe

Xinjiang. *Francisca Gorjão*

Henriques



Jia Zhangke saiu de Melbourne para não se cruzar com a activista Rebiya Kadeer



Zhang Yimou faz "biopic" sobre Bruce Lee

Ainda não se sabe quem vai ser Bruce Lee no "biopic" de Zhang Yimou

O chinês Zhang Yimou ("Esposas e Concubinas", "O Herói") vai realizar um "biopic" sobre Bruce Lee. São três filmes que contam a vida do actor e ícone das artes marciais, do nascimento até à morte, em 1973. A estreia do primeiro filme está marcada para 27 de Setembro de 2010, altura em que se comemoram os 70 anos do nascimento de Bruce Lee. Esta primeira parte do filme está orçamentada em 7,3 milhões de dólares. No "site" da "Les Inrockuptibles" é anunciado que Tony Leung Ka Fai, actor de "O Amante" (não confundir com Tony Leung Chiu-Wai, o protagonista de "Disponível para Amar"), fará de pai de Lee, mas ainda não se sabe quem vai interpretar o papel principal. Um museu dedicado à vida de Bruce Lee vai também abrir em Hong-Kong.

Thom Yorke na banda sonora de "Lua Nova"

É verdade. Thom Yorke, vocalista

da banda britânica Radiohead, sempre compôs uma canção para a banda sonora do filme "Lua Nova", a adaptação do segundo volume da saga "Luz e Escuridão", de Stephenie Meyer. Chris Weitz, o realizador deste filme, confirmou aquilo que até agora era só rumor. Numa entrevista à HitFix.com o realizador disse que ainda não tinha ouvido a canção mas que o iria fazer no dia seguinte. E brincou. Afirmou que "em princípio" a incluiria a canção na banda sonora de "Lua Nova" a não ser que a canção soasse como se ele estivesse a arrotar (sic). "15 Step", a primeira canção do álbum "In Rainbows", o mais recente dos Radiohead, aparecia nos créditos finais do primeiro filme "Crepúsculo". Mas a música não entrou no CD da banda sonora - que incluía Muse e Paramore. Também Bon Iver está a compor para "Lua Nova", a continuação do filme "Crepúsculo" que acompanha a história da adolescente Bella (Kristen Stewart) e do vampiro, Edward (Robert Pattinson).



Já não é só um rumor: Thom Yorke compôs uma canção para "Lua Nova"

"The Beatles: Rock Band" sai a 9 de Setembro



Os Beatles já estão em vídeo-jogo

Quando o jogo começa, eles são quatro miúdos de colete e gravata no -1 do Cavern, em Liverpool; quando o jogo acaba, estão muito mais perto do céu (e usam casacos de peles), no telhado de um edifício da baixa de Londres. É esta a história - que já conhecemos da vida real - de "The Beatles: Rock Band", o jogo que a Apple Corps e a MTV Games lançam a 9 de Setembro. Até lá, vamos sabendo algumas coisas: o ambiente geral da coisa (há um vídeo de apresentação e dois "trailers" a rodar no "site" oficial, www.thebeatlesrockband.com) e 25 das 45 faixas que integram o alinhamento final (do A de "And your bird can sing" ao Y de "Yellow submarine", passando por "Get back", "I am the walrus", "Paperback writer" e "Within you without you"), integralmente remisturadas por Gilles Martin, filho do lendário produtor dos Beatles, George Martin. Produzido com os meios de um filme de época - as roupas, os adereços e até os bigodes dos Beatles foram fielmente reproduzidos para a ocasião -, o jogo vai sair ao mesmo tempo que uma colecção de réplicas exclusivas dos instrumentos da banda (sim, isto é para fanáticos). A bateria Ludwig de Ringo Starr, o baixo Höfner de Paul McCartney, a guitarra Gretsch Duo de George Harrison e a Rickenbacker de John Lennon vão estar disponíveis

para quem quiser levar o jogo completamente a sério. Outra novidade: "The Beatles: Rock Band" é o primeiro vídeo-jogo musical a apostar nas harmonias (dá para cantar a três, e para ganhar pontos bônus com isso). Antes de carregar no play, os jogadores são ainda convidados a sentar-se a ver os tutoriais para aprender a usar os instrumentos que mudaram o mundo. Tudo somado, isto não é jogo para ser mais famoso do que Jesus Cristo, mas quase (mas isto, claro, é porque também somos fanáticos).

Amy Winehouse vai ter biografia autorizada

Antes do Natal vai ser publicada no Reino Unido uma biografia autorizada da cantora Amy Winehouse. É escrita pela jornalista especialista em entrevistar celebridades Daphne Barak, tem como título "Saving Amy", e incluirá fotografias. Daphne Barak passou seis meses a entrevistar a cantora e a sua família na ilha de

Santa Lúcia, e está agora preparada para abordar não só a infância e a adolescência de Amy Winehouse, como também para reflectir sobre o que lhe trouxe a fama e sobre os seus problemas com o álcool e as drogas. A biografia erá editada na New Holland - editora que está a fazer um esforço para apostar em livros mais "mainstream" do que aqueles que costumam publicar. A notícia foi divulgada pela revista britânica "The Bookseller" e este livro é a primeira obra da jornalista Daphne Barak, que tem no currículo entrevistas a Michael Jackson, Madre Teresa e Hillary Clinton. Em Janeiro, no Festival de Sundance, nos EUA, vai ser exibido um documentário que inclui entrevistas à cantora e aos seus pais.

Tudo sobre Amy Winehouse, e a tempo das compras de Natal



www.meofibra.pt



QUEREMOS MEOS COM FIBRA.



- Mais de 120 canais
- TV em toda a casa sem boxes adicionais
- Imagem com hiper definição - HD
- Internet 100 Megas garantidos

A partir de **€49,90/mês**
Ligue 16 200



meofibra

À VELOCIDADE DA LUZ



A vida triunfa

Há uma catástrofe em Lisboa. Um cego e uma criança caem num esgoto. Caminham por baixo da terra, a contar histórias um ao outro. Rui Cardoso Martins acredita que há palavras que salvam. Um dia em que tinha de matar o tempo, pôs-se a andar entre S. Sebastião e o Tejo. “Deixem Passar o Homem Invisível” é uma viagem entre a vida e a morte. Alexandra Lucas Coelho (texto), Enric Vives-Rubio (fotos)

Igreja de S. Sebastião da Pedreira (sem o autor)

Julho e, olá, que é isto? De repente o céu desce, Lisboa muda de cara, uma chuva fina como picos de água com gás, e flores de buganvília a rodopiam na sarjeta, sopradas pelo vento. Pelo menos desde 1755 sabemos que todo o mal pode acontecer, e quando faz sol não se acredita. Até parece que temos os pés no chão. Mas o chão é só uma tampa entre nós e o fundo. E no fundo, basalto, vermes, ratos. Pedacinhos de ossos, diria Camilo Pessanha, se não fossem esqueletos inteiros.

Por exemplo, aqui, em S. Sebastião da Pedreira, o Marquês de Pombal “mandou abrir uma sepultura para milhares de corpos”, lembra Rui Cardoso Martins em “Deixem Passar o Homem Invisível”, o seu segundo romance. “A zona que vai desde o Parque, ali acima, até debaixo dos armazéns espanhóis e provavelmente parte desta encosta, serviu de vala comum no Terramoto de 1755.”

Não se pode andar em Lisboa da mesma forma depois de ler este livro e o largo de S. Sebastião é só o princípio - da viagem entre a vida e a morte que é o livro, e da conversa peripatética que o Ípsilon propôs ao autor.

O encontro ficou marcado para as 11h30 e agora são 11h15, o autor ainda

não chegou. Dá para entrar na igreja e procurar aquele anjo azul com uns olhos raspados amarelo-gema, dois sóis no lugar dos olhos. Está na capa do livro.

A igreja tem uma escada de cada lado e ao cimo uma varanda. Há um som de broca no ar, as cárias de Lisboa sempre em reparação. Mas quando se empurra a porta de vidro, a temperatura cai e a cidade desaparece. Fica aquele silêncio das igrejas que cheira a pedra fria e a lamparina.

António, o cego do livro, também faz isto. Entra com a mulher na igreja para ver as cenas em azulejo. “Ver não é um verbo proibido entre os cegos, pelo contrário”, aprendeu o autor.

Fachada e escadarias enganam. A igreja de S. Sebastião é inesperadamente pequena. Altar em talha dourada, paredes cobertas com a vida do santo, três nuças de mulheres e uma nuca de homem entre os bancos corridos.

Mas há outro homem de pé, agarrado às grades da capela baptismal, como faria um prisioneiro.

Quando ele sai é possível espreitar a imagem por cima da pia, um baptismo com Deus sentado numa nuvem.

Do céu à caixa de “esmolos pelas almas do Purgatório”, trata-se sempre e sem dúvida de fé. Mas ter fé é diferente de acreditar, aprendeu o autor à sua custa.

Não se pode andar em Lisboa da mesma forma depois de ler este livro e o largo de S. Sebastião é só o princípio - da viagem entre a vida e a morte que é o livro, e da conversa peripatética que o Ípsilon propôs ao autor

Uma “piedosa matrona que extrae as setas ao mártir S. Sebastião” aparece na capela seguinte, e este S. Sebastião dá ares de Johnny Depp com sobranceiras depiladas, cabelo em cachos, bíceps de Neptuno. Mirem-se no exemplo, já lá estava tudo.

Várias figuras de azulejo têm os olhos raspados mas nenhuma se parece com o anjo da capa.

De volta à varanda, ainda sopra aquela espécie de chuva. Passa um

avião quase a aterrar no meio das casas. Mais um medo que Lisboa tem, e logo esquece.

Uma camioneta de móveis do Redondo descarrega do outro lado da rua. A esquina dos “armazéns espanhóis” anuncia descontos de 70 por cento. O pátio ao lado da igreja tem três velhos bancos de madeira atados com cordas. Certamente já aqui se sentou alguém que acredite em milagres.

Igreja de S. Sebastião da Pedreira (com o autor)

Antes das 9h, o autor estava a deixar os filhos, Henrique e Sara, a seguir foi fazer exercício e portanto chega cheio de fome. Enquanto come uma sandes mista na esplanada mais próxima da igreja, passa um cavaleiro rechonchudo, que pára de repente, todo ele entusiasmo.

- Bom dia! Tenho aqui umas colónias muito boas, quer ver?

Rui Cardoso Martins quase se engasga.

- Umas quê?

- Umas colónias!

- ...

- Perfumes!

Com a sua gentileza habitual, o autor declina, e acaba a sandes a ma- →



Igreja António, o cego do livro, entra com a sua mulher na igreja para ver as cenas em azulejo. "Ver não é um verbo proibido entre os cegos, pelo contrário", aprendeu o autor

← tutar, enquanto o vendedor se afasta.

- Só me aconteceram coisas malucas. Uma colónias! Daqui a pouco era o Mapa Cor-de-Rosa.

- Andei na igreja à procura do anjo da capa, mas não o encontrei.

- Esse não está lá. Está no Museu do Azulejo. Um amigo meu fotografou-o.

Aquilo dos olhos raspados foi uma epidemia vândala. Os azulejos começaram a aparecer por aí assim.

Subimos à igreja e Rui espregueira o pátio com os velhos bancos.

- Os escuteiros são aqui.

Isto é relevante para o livro, porque o companheiro de viagem do cego António é um escuteiro de oito anos chamado João. Agarram-se um ao outro durante uma enxurrada monumental em Lisboa que os apalha em frente a esta igreja. Até que o chão cede.

"Deixem Passar o Homem Invisível" é, então, a odisséia de António e João por um antigo esgoto que desce pelas entranhas de Lisboa, de S. Sebastião ao Tejo. As autoridades salvadoras vão descrendo que eles estejam vivos, mas há quem continue a acreditar, como o mágico Serip (Pires ao contrário), que vai gritando em italo-português pelas sarjetas, enquanto faz o percurso à superfície.

Fora gritar, é isso que vamos fazer esta manhã.

- Eu tinha a ideia de que seria possível atravessar Lisboa por baixo, a descida ao Rio dos Infernos - diz Rui na varanda da igreja, a olhar para o chão onde no livro se abre o buraco.

Nada que a realidade não tenha inventado. Aconteceu por exemplo a um autocarro de Lisboa.

- Andei em investigações no Museu da Água, onde falei com o dr. Raul Vital.

Este dr. Raul também se chama dr. Raul no livro, tal como as investigações do livro, em busca dos mapas de velhos boqueiros, são as que o autor fez.

- Eu queria partir de S. Sebastião por ser uma vala comum do Terramoto. Ali está a cidade nova, os armazéns espanhóis, aqui uma igreja muito bonita. Escavar o basalto para o metro nesta zona foi terrível, teve de ser com uma broca.

Rui Cardoso Martins viu fotografias e leu os livros da construção do metro, um dos três subterrâneos de Lisboa (os outros são esgotos e águas limpas). E apesar da falta de mapas, porque muitos arderam nos vários

incêndios da câmara, confirmou a existência de um boqueirão entre S. Sebastião e o rio, primeiro tão apertado que obriga a andar de gatas, e depois com mais de dois metros.

Perguntou ao dr. Raul: - É possível entrar aqui e sair no Tejo?

O perito não viu razão para que não fosse.

- A partir daí podia começar a aventura.

Debaixo do chão ser cego não é vantagem, porque não se vê nada de qualquer forma, e a única coisa em que os cegos são diferentes das outras pessoas é de nisso. "Cegos são pessoas que não vêem, na minha opinião", diz a epígrafe do livro. Ou seja, não são atrasados nem surdos.

- Tive um amigo cego no liceu, lá em Portalegre, um tipo bestial. Sempre pensei fazer um livro que colocasse os cegos na sua dimensão humana. É o contrário de os transformar em metáfora e alegoria, ou do ensino do papel social de ceguinho, que tem de ser modesto, que não pode dizer que gosta de mulheres.

António não é modesto e o que mais quer ver são mulheres bonitas.

Mas a Rui Cardoso Martins também interessava a ideia do milagre, até que ponto se acredita, e fez uma viagem a Fátima de propósito.

- Quando um cego cega, vai passando de milagre falhado em milagre falhado.

Essas são as viagens em que "é preciso comer alguma coisa ou o Apocalipse cai-nos na fraqueza".

Rua de S. Sebastião

Damos as costas à igreja, descendo a rua pelo meio da rua, uma sina lisboeta. Passeios curtos, persianas encardidas, mo-persianas las sem roupa, A Lealdade Penhores, Lda.

Tudo isto é a capital de que Rui aprendeu a gostar. Nascido em Portalegre em 1967, vive em Lisboa desde a universidade (Comunicação Social na Nova, fomos colegas de turma, já esclareci isto uma vez). De resto, talvez apenas um alentejano possa escrever que "o pão nunca se deita fora, só em último caso, bolor negro ou rato", e outras frases deste romance.

A sua estreia tão forte, "E Se Eu Gostasse Muito de Morrer", teve mais de uma edição em Portugal, tradução em Espanha e vai sair agora na Hungria. Quem o tenha lido deixou Rui Cardoso Martins naquele sem-tempo da infância alentejana, e vai reencontrá-lo agora em Lisboa no tempo dos GPS.

- Ainda o primeiro livro não tinha saído e eu já estava a pensar neste. Até fui ver "A Última Ceia". Eu preciso de ver.

"A Última Ceia" está em Milão, e isso também está no livro, em "flashback". António, o cego, e Serip, o mágico, fazem um "truco" para contornar as filas de espera e ver a obra-prima de Leonardo.

E agora atenção, do lado direito da rua:

- Sushi alentejano! - O autor aproxima-se do menu na porta, que diz

Rui Cardoso Martins faz às frases o mesmo que faz entre a gente quando teme ser excessivo. Torce o rabo ao "grand final", dá-lhe uma volta de parafuso, sempre grande e nunca grandiloquente. Não é exactamente modéstia, é não saber ser mau, apesar de saber como isso é fácil

"Eddy's Kitchen ©". - Marca registada! Gosto muito quando dois mundos colidem.

De certa forma, é o que vai acontecer também um bocadinho mais à frente, no antigo bebedor de cavalos, agora abrigo de homens. Sacos de plástico, garrafas de água vazias, um carrinho de bebé podre, o cimo de uma cabeça a mexer-se do lado de lá do muro.

- Está ali um sem-abrigo. A cabeça mostra a cara. É uma mulher de boné. Começa a grasnar como um corvo.

Rui sabe de uma indignação monárquica, aqui. Quando um homem não levantou bem a bandeira à sua passagem, o rei D. Carlos exclamou: "Seu alarve!"

- E a freguesia ficou a chamar-se dos Alvarves.

Uns metros mais e passamos por baixo da Rua Filipe Folque. As escadas que vêm de cima têm um "graffito" com cara de boneco japonês e asas de anjo.

- Um dia vim fazer este caminho como estamos a fazer agora. Era um dia em que tinha de matar o tempo, o dia em que a Tereza fez a operação de quase nove horas, em Santa Maria.

A Tereza é a mulher com quem Rui começou a namorar há 15 anos e casou há 11, mãe do Henrique e da Sara, jornalista, crítica de livros, editora, biógrafa, argumentalista - Tereza

UAL "Tem duas cisternas. Era aquela terrível diferença social entre quem tinha água limpa e quem não tinha"

za Coelho. Quem leu jornais e livros em Portugal desde os anos 80, leu-a de certeza, e não se esquece. Escrevia sem esforço e fulminante, via-se logo que era dela, e escreveu muito, mas como se não tivesse importância, porque o que ela queria mesmo era ler. Não há muitos escritores assim.

Foi a equipa do Santa Maria que pôs Rui a andar, no dia da operação. Acharam que ia dar em maluco se ficasse ali.

- Fiz este caminho, voltei lá ao fim da tarde e tinha corrido muito bem. Um tumor fora da cabeça.

Depois Rui começou a escrever "Deixem Passar o Homem Invisível" no Natal de 2007.

- Entreguei-o à Tereza um ano depois. Já estava lá a frase final.

Leiam para crer. É o livro de um amor como no poema de Quevedo, "hão-de ser pó, mas pó enamorado", alguém duvida? No dia a seguir a Rui lhe entregou o livro, Tereza adoeceu com uma gripe e morreu semanas depois, de uma septicémia.

"Minha Olívia Palito, onde estás tu, querida, para te salvar?", pergunta António, dentro do esgoto quando pensa na mulher. "Queria dar-te mais um beijo, abraçar-te na nossa casa pequenina."

Rui caminha pelo meio da rua vestido de preto, com os anéis de Tereza no dedo mindinho.

S. Sebastião/Viriato/Andaluz

Estamos na ponta final da Rua de S. Sebastião da Pedreira, quase à esquina da Rua do Viriato, onde fica o PÚBLICO, casa de Rui Cardoso Martins durante vários anos de grande jornalismo como repórter e cronista. E eis que sobe em sentido contrário um dos seus amigos de lá e até hoje, David Lopes Ramos. Mal nos vê, nem precisa de perguntar: - Já sei o que estão a fazer. Não só já leu o livro como até lá vem citado, a propósito desse petisco que é a vida.

E sobre isso tem o narrador muito a dizer: "Qualquer pessoa encontra nos santos algo que lhe diga respeito: a vida é dura." Ou: "O mundo é um lugar perigoso e vai piorar." Ou: "Também apendi a ser mau. Aprende-se num instante." Ou: "É simples: uma pessoa fica má porque quer fazer mal a alguém." Diz o narrador, e repete o autor: "Ainda bem que não sou pessoa para interrogar os desígnios de Deus, ou começava a desanimar."

Entretanto já está à vista aquele "viaduto aéreo onde o metro respira dois segundos de ar livre". Por cima é a Avenida Fontes Pereira de Melo.

- O processo que tento usar é juntar passado e presente. Pensar é uma acção. Enquanto escrevo está a acontecer qualquer coisa. Numa cidade tão antiga, com tantas camadas, podíamos ter um GPS para ligar com as histórias dos romanos.

Pois Lisboa, mal se escava do bocadinho, é isto: "Até soldados do tempo dos mouros, com cota de malha, eles encontraram ao instalarem as novas linhas da TV Cabo." E o livro, que escava o seu caminho, vai encontrando o passado: "Fenícios, cartagineses, romanos, muçulmanos, cristãos nas margens do Tejo olhavam o sol a tocar a fortificação da colina, todas as manhãs de todos os séculos"

Histórias, claro, mas são as histórias que nos mantêm vivos.

"Deixem Passar o Homem Invisível" é uma odisséia e é as mil-e-uma-noites. Debaixo da terra, António conta histórias a João e João conta histórias a António. À superfície, Serip conta histórias à arqueóloga Madalena, e a arqueóloga Madalena retribui. Vale





tudo, o Popeye, a Heidi e o Marco, sí-fões, sanitas e autoclismos, “truccos” com alternadeiras que depois palmam tudo, tentativas de suicídio por atropelamento e suicídios involuntários com areia da praia, cegos aldrabões que nunca pagam bilhete, 15 mil descendentes de rato num ano, e até ca-maleões daltônicos.

As histórias são o triunfo da vida.

Escreve o narrador: “O que os podia salvar, na hipótese fraca de isso acontecer, o que os podia guiar no espaço e no tempo, e dar-lhes forças enormes e incomparáveis com qualquer desafio recente que se lhes colocara, era a narrativa. Era falarem e contarem coisas um ao outro, e histórias e livros, tudo o que aparecesse nas suas cabeças.”

E prestes a entrar no pequeno túnel escuro sobre o qual passa o metro, é de algo semelhante que o autor fala:

- Não existe a palavra da salvação, mas existem palavras salvadoras, aquelas que nos fazem aguentar. Só percebi isso no meio de uma tragédia pessoal, quando comecei a receber sms a dizer “Sei que as minhas palavras não têm importância...” Claro que têm importância. Se não fossem essas palavras, o que seria?

Rua de S. Marta

A partir do Largo do Andaluz é a Rua de S. Marta.

- Aqui fiz uma medição das tampas de esgoto. Estão de 100 em 100 metros, mais ou menos.

Um carrito branco pisa uma delas, como se fosse a ilustração sonora, tlonc. Rui espregueira por uma sarjeta. Vê-se a água escura reflectindo um pedaço trémulo de céu, beatas e restos a boiar.

- O Serip grita, mas isto não tem passagem possível. Este pequeno lagunho é o sifão, para evitar cheiros e que a porcaria suba. O sifão é que destruiu a vida daqueles exploradores de esgotos que apanhavam moedas.

E a caminho do céu, marquises de vidros opacos, fachadas com o sujo a escorrer, da última chuva.

Há uma teoria sobre terramotos segundo a qual vamos levar com um de 250 em 250 anos. Rui pensou nisso.

- Pensei: vão acontecer desgraças que nunca mais acabam. Os prémios de seguros aumentaram por causa desse ciclo.

O “graffiti” na esquina diz: “Vende-se ranço fresco e heroína.”

- Nunca tinha reparado nisto. A realidade está sempre a conspirar.

É uma frase de Alexandre Meilo, vem no livro.

No passeio da esquerda alguém deixou um par de sapatos pretos bicudos, de atacadores. Podiam ser os sapatos do mágico Serip.

- E o mágico, existe?

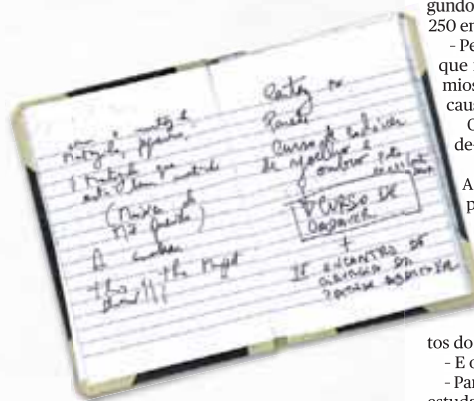
- Partilhei casa com ele quando vim estudar para Lisboa.

Mas não vamos por aí, porque as personagens nunca são só aquele ou aquela.

- Juntei umas reais com outras que elaborei, criei algumas que não existiam.

Foi não a uma mas a várias assembleias de cegos, onde o voto secreto, claro, é de braço no ar.

E a propósito, se dois não-cegos vão pelo meio da rua a contornar os obstáculos, como nós, imaginem os →





← cegos. Rui agarra na placa
“Excepto cargas e descargas”
espetada no passeio, mes-
mo à altura de fazer um la-
nho na ca-beça.
Logo à beira, o Manjar do
Herculano ofere- ce um “Me-
nu Económico” manuscrito
numa toalha de
papel colada à mon-
tra. E a esquadra da
polícia em frente.

- Também quis mostrar
a trapalhada do país quan-
do se instala o caos, quem é
que manda, a intervenção dos
jornalistas.

Lá estão, atrás da catástrofe,
enquanto os cidadãos-jornalistas
enchem as televisões com fotogra-
fias de telemóvel. “Eram de fraca
qualidade mas tinham a característi-
ca, muito apreciada, do homem no
centro do perigo.” Não saímos lá mui-
to bem disto.

- São os jornalistas da televisão,
sempre obrigados a estar em “stress”,
e a repetir, a repetir. Lembras-te de
Entre-os-Rios? A perguntarem dez ve-
zes aos comandantes dos bombeiros
se havia novidades.

Do lado esquerdo aparece agora a
Universidade Autónoma de Lisboa,
ex-Palácio dos Conde Redondo.

- Tem duas cisternas que tinham
ligação directa ao Aqueduto das Águas
Livres. Era aquela terrível diferença
social entre quem tinha água limpa e
quem não tinha.

A cisterna grande está no pátio de
entrada. A pequena está no pátio das
traseiras, agora rodeada de uns edifi-
cios tenebrosos e ninguém à vista.

- Achas que eles se salvam? - per-
gunta de repente o autor às voltas no
pátio, a pensar em António e João, os
seus heróis.

- Para que é que havia de lá estar a
última frase se não se salvassem?

- Essa frase caiu-me na Igreja dos
Mártires, ao Chiado, dois meses antes
de acabar o livro. Caiu-me assim co-
mo está.

Mas não pensem que a vamos dizer
aqui.

Rua de S. José

A rua muda de santo, Santa Marta pa-
ra S. José, mas continuamos sempre
a eito, agora a falar de “Lillias Fraser”,
o romance de Hélia Correia em que
uma menina atravessa o Terramoto,
e isto a propósito dos ratos. Há um
momento debaixo da terra em que Rui
põe António a morder um rato.

- Imaginei uma cena em que os ra-
tos se juntam mas medem mal o ini-
migo e a última coisa de que estão à
espera é de serem mordidos. Ah, e ele
tem a sorte de morder o chefe.

Um “graffito” com Zeca Afonso.
Manequins de plástico cor-de-galão



com camisetas dos anos 70.

- Parece tudo feito de "terylene".

A seguir a Florista de Santa Marta.

- Aqui comprei uma rosa para levar à Tereza naquele dia.

Há prédios entaipados como se fosse para sempre, com varandins nobres de pedra.

- Antes que me esqueça, quero falar do poder curativo da caminhada, que o Chatwin usa muito, e o Herzog também, e é o que as pessoas fazem quando vão a Fátima. É muito difícil estar quieto quando se está à espera de saber o resultado de algo que está na mão dos médicos. Ao menos podemos andar.

Um autocolante numa porta: "Tem problemas com baratas?" Ah, a vida na cidade.

Além dos livros, o que Rui faz no dia-a-dia é escrever as sátiras do Contra-Infamação ("humor não é aligeirar, é aprofundar", diz o livro). Também já escreveu dois filmes e talvez não fique por aqui. Trabalha em casa e gosta.

- Mas um dia penso ir viver para a Serra de S. Mamede.

Onde os pais têm casa e terra.

Livros da Primeira Classe e dançarinas de loiaça na montra dos antiquários de S. José. Pequeno desvio à esquerda para ir espreitar, na Rua da Fé, o lugar das assembleias de cegos. Passamos o casarão onde nasceu "o glorioso artista Rafael Bordalo Pinheiro" e duas portas adiante está a Casa da Comarca de Arganil, agremiação regionalista. É aqui mesmo. Mas batemos, batemos e ninguém.

- Gosto muito de Lisboa, sabes - revela, voltando a descer à Rua de S. José. - Tive um período complicado de adaptação.



Pátio do Tronco
À direita, em cotovelo (lá estão os azulejos de Leonel Moura), o Pátio do Tronco, onde Camões esteve preso. "Há palavras que só entendemos quando as atravessamos por dentro"

Teatro D. Maria II

"Estás a ver, o boqueirão passa por baixo do teatro", alerta Rui, apontando as traseiras do D. Maria

ção. Perder seis vezes a carteira num mês. Entrar num autocarro e as pessoas não se cumprimentam. Mas com os anos aprendi a gostar. Gosto da luz, do cheiro, da comida, destas tascas, peixe fresco em qualquer sítio.

- Um alentejano tejeano a dizer que se come bem em Lisboa?

- Quer dizer, no Alentejo come-se melhor.

Rua das Portas de Santo Antão

Palácio e jardins dos CTT e entramos na Rua das Portas de Santo Antão. Solar dos Prestunhos à esquerda, junto ao Elevador do Lavra.

- Quando foi o lançamento do António Lobo Antunes, fui eu e o Gonçalo M. Tavares apresentar. Depois viemos aqui jantar e levei um baile dos dois. Eh pá, leram tanto. Iam passando de país em país.

À direita, em cotovelo (lá estão os azulejos de Leonel Moura), o Pátio do Tronco, onde Camões esteve preso.

- Outra coisa que percebi com este livro é que há palavras que só entendemos quando as atravessamos por dentro. E poemas: "Alma minha gentil, que te partiste / tão cedo desta vida, descontente / repousa lá no céu eternamente / e viva eu cá na terra sempre triste."

Ainda está pesado o céu. Rui olha os telhados do pátio:

- Há uma coisa que tens de escrever. É que a vida triunfa.

Dá voltas, à procura de quem lhe diga onde era mesmo a prisão. Ao fundo aparece um homem.

- Penso que eles estavam aqui - O homem abarca o pátio com os braços.

Eles, os condenados. Estariam amarrados ao tal tronco? Faz lembrar os suplicios do livro, como o da santa que foi pendurada pelos cabelos.

- É a história do cristianismo - resume o autor. - Cada um a tentar encontrar o suplicio mais horrível, como se isso desse alguma vantagem.

Voltamos à rua. Do Politeama sai a voz da Piaf: "Balayés les amours / Et tous leurs trémolos / Balayés pour toujours / Je repars à zéro"

- Ali ao pé do Gambrinus já cabe um homem de pé - No boqueirão, quer dizer.

E a Piaf, seguindo-nos até ao Gambrinus: "Non! Rien de rien / Non! Je ne regrette rien / Ni le bien, qu'on m'a fait / Ni le mal, tout ça m'est bien égal!"

Falamos de percebes, ou perceves. Também estão no livro. Isso e caracóis.

- Só não gosto de kiwi - diz Rui. Cá estamos. E vamos entrar, porque foi o senhor Brito do balcão do Gambrinus que viu o tamanho do boqueirão aqui em frente durante umas obras e contou a Rui. Além disso, quem já comeu um preguinho do Gambrinus também entra.

- Eu venho aqui às vezes comemorar as vitórias do Benfica. Às vezes... Poucas vezes.

Rossio/Rua do Ouro/Cais das Colunas

Desde S. Sebastião já vamos em vários quilómetros de santos. Lombo tenro sempre recompõe, acompanhado da sua imperial, mas não olhem agora, que à saída do Gambrinus há uma lagosta ainda viva fora de água.

Onde é que íamos?

- Estás a ver, o boqueirão passa por baixo do teatro - alerta Rui, apontado as traseiras do D. Maria.

Sempre na peugada do boqueirão, ou seja de António e João, cruzamos o Rossio em diagonal até à Rua do Ouro. Se agora olharmos para a esquerda já vemos o castelo, com aquelas ameias de brincar do Estado Novo.

- Tem para lá uns canhões que roubaram de Marvão - diz Rui, e olhem que ele é da zona.

Rua do Ouro. Discoteca Amália do lado esquerdo.

- Isto tem umas caves muito húmidas, já começa a apanhar a zona das estacas,

embora a maré não suba até aqui.

O autor sabe porque foi lá. Tanto trabalho de casa.

- Aqui, o boqueirão já tem 2.70 por 2.20.

E na mesma onda da Piaf, não é que a Amália canta: "Amor que o vento / Como um lamento / Levou consigo / Mas que ainda agora / E a toda a hora / Trago comigo / Ai Mouraria..." Lá está a realidade.

- Algumas partes do livro foram escritas em macas de Santa Maria. Usava aqueles caderninhos...

Abre a mochila e tira dois cadernos Flecha, da Papelaria Fernandes, capa dura.

- Já não existem, os Moleskines mataram tudo - diz o autor, a olhar o meu Moleskine.

Fez quatro cadernos para o primeiro romance e quatro para este. Notas, bocados de diálogos, desenhos. Abre um ao acaso e mostra.

E além dos livros sobre o metro e o Terramoto, que leu mais?

- O "Coração" [Edmundo de Amicis, está no livro]. "O Soldadinho de Chumbo" [Andersen, está no livro]. "En la Ardiente Oscuridad", peça de um espanhol que tem várias peças sobre cegos, Antonio Buero Vallejo. Um romance do Hervé Guibert, "Des Aveugles". Estudos sobre o papel social do cego. Um cego aprende a ser cego para responder aos padrões.

E desembocamos no Terreiro do Paço, entaipado, esburcado por várias brocas. Quando contornamos os tapumes, o vento sopra tão forte que passamos a gritar, com as roupas enfunadas como velas. Julho, que diabo, e o rio em vagas, "escuro como a pele dum rato".

Rui Cardoso Martins tem mão para imagens, para diálogos, e para fazer do texto em geral uma experiência física: "... a atmosfera desembulhava-se como um plástico barulhento, de bombom..." Ou: "... um gelo inundou [lhe] a espinha e a testa, na confluência superior do nariz, o sítio onde dói nas imperiais bem tiradas..." Ou ainda: "Chupou os dedos e souberam-lhe a sangue fresco, isto é a aço."

Faz às frases o mesmo que faz entre a gente quando teme ser excessivo. Torce o rabo ao "grand final", dá-lhe uma volta de parafuso, sempre grande e nunca grandiloquente.

Não é exactamente modestia, é não saber ser mau, apesar de saber como isso é fácil.

Espreitamos os buracos onde os operários estão a trabalhar.

- Cinco metros? - calcula Rui. E o operário acena que sim.

Há gente para saber de tudo, e o que corre nas entranhas é todo um mundo.

- O dr. Raul disse-me que queria conhecer a Madalena.

Mas a Madalena só existe no livro.

- Ela tem os mesmos interesses dele, sanitas, lavatórios. Tem que haver alguém que goste desse assunto. Se não, co-



Cais das Colunas
"Sabes que o Tejo faz mesmo um vale de cento e tal metros?" Se a água recuasse toda para trás como em 1755 íamos ver, mas é melhor não

"Acredito na coragem física e na coragem moral. E contra a conspiração da realidade e o perigo do mundo é possível fazer alguma coisa, nem que seja contar uma história"

mo é que evitamos que os dejectos humanos vão parar ao Tejo?

Atravessamos a passeadeira para chegar ao Cais das Colunas. As ondas estalam nos degraus.

- Sabes que o Tejo faz mesmo um vale de cento e tal metros?

Se a água recuasse toda para trás como em 1755 íamos ver. É melhor não.

- Mas dá tempo de fugir, entre 30 minutos a uma hora.

Enric Vives-Rubio está à espera nos degraus, para fazer as fotografias. Rui posa com as ondas aos pés.

- Ali estão as tainhas a apanhar a porcaria - aponta o autor. - Elas gostam.

Não se vê, porque a maré está cheia, mas a porcaria vem do esgoto. Quer dizer, este é o fim do caminho.

Epílogo com Camões

Voltamos ao Pátio do Tronco para fotografar. Rui fica de pé no túnel, debaixo da cabeça de Camões.

- Saímos à rua, podemos morrer de um dia para o outro, perdemos pessoas de quem gostamos, temos de encontrar um caminho de sobrevivência no meio da incompetência, dos maus serviços do Estado, e no entanto a vida triunfa.

Está a ver porque é que não há outro título para esta conversa?

- A Tereza tinha uma frase extraordinária. Diz-se que quando Deus fecha uma porta abre uma janela. E ela dizia: "Pois, no 8º andar." Acredito na coragem física e na coragem moral. E contra a conspiração da realidade e o perigo do mundo é possível fazer alguma coisa, nem que seja contar uma história.

Não é a fé das igrejas.

- A fé é legítima, genuína, em muitos casos, e até saudável. Mas na minha opinião parte dos princípios errados. Se Deus me coloca perante a hipótese de um milagre e mo retira, então é má pessoa. A resposta mais simples é Deus não existir.

A dedicatória é para a Tereza. E para Henrique e Sara. "Não sabias que as crianças podiam ser estas criaturas maravilhosas, não sabias mesmo", pensa António, na escuridão do esgoto, ao ouvir João. "Pensamos que elas são uma coisa, mas são outra, muito mais forte e atenta e inteligente.... e forte, já disse."

Ver crítica de livros págs 34 e segs

Tereza Coelho (1959-2009), jornalista, editora, biógrafa, argumentista, a mulher com quem Rui Cardoso Martins casou

Talvez já poucos se lembrem que James Gray (n. 1969) fez o seu primeiro filme aos 24 anos ("Viver e Morrer em Little Odessa") e ganhou logo um Leão de Prata em Veneza 1994, fazendo disparar inevitáveis comparações com Orson Welles. Não parece ter-se deixado impressionar com isso, nem se apressou a cavalgar a onda. Foram precisos seis anos para acrescentar um "opus" 2, "The Yards" ("Nas Teias da Corrupção"), e depois mais sete para lhe dar sequência, com "We Own the Night/Nós Controlamos a Noite", um dos melhores filmes estreados em Portugal no ano passado.

"Duplo Amor" ("Two Lovers") é apenas o seu quarto filme em 15 anos, e talvez um sinal de que Gray esteja disposto a contrariar esta aura de cineasta bissexto. Compõem estes quatro filmes já uma "obra"? É inevitável pensar que sim, pois vinculam um estilo pessoal (uma "mise en scène"

"total" mas silenciosa) e condensam um núcleo temático rigorosamente desenvolvido (a família e a força dos laços de sangue, as comunidades de origem emigrante e as suas tradições).

"Duplo Amor", que é mais claramente um melodrama do que qualquer dos filmes precedentes, põe em cena uma tentação comum aos protagonistas de Gray: a fuga para fora da "bolsa" familiar e dos seus condicionamentos. Tentação contrariada por uma mistura entre a força das circunstâncias e a força dos valores arraigados - como "Nós Controlamos a Noite", "Duplo Amor" tem algo a ver com a história do bíblico filho pródigo, e por sob o "melodrama de paixão" espreita ainda o "melodrama familiar". Cinéfilo, herdeiro de Coppola e de Ford (mas em caso algum um copista), Gray, e deixem-nos pôr as coisas assim à Lester Bangs, é, jun-

tamente com outro nativo de 1969 (Wes Anderson), o futuro do cinema americano visto de 2009.

É impossível não reparar que em "Duplo Amor" deixou de fora os elementos narrativos de carácter policial, preponderantes nos seus outros filmes, e ficou só com uma história de amor, quase um melodrama. Há alguma razão para isto ter acontecido?

Por acaso até há. Também me podia ter feito a pergunta ao contrário, e inquirido pelas razões que me levaram a incluir esses elementos de carácter policial, por que não são propriamente filmes de género, nos meus três primeiros filmes. Mas é uma razão comezinha, lamento dizer. Era mais fácil convencer os produtores e encontrar financiamento se lhes promettesse um pouco de "gunplay" [algo como "cenas com pistolas" ou "tiro-teios"], e para albergar isso precisava

Sou neto de russos que emigraram para a América. Tenho um relação profunda com estas comunidades fechadas, onde o espírito familiar se confunde com a preservação de uma identidade cultural e conduz a uma espécie de insularidade



As noites brancas de James Gray

"Duplo Amor" é um filme sobre a paixão, sobre o estado de se estar apaixonado, que é inevitável 'pathos', diz-nos o realizador James Gray. Inspirou-se nas "Noites Brancas" de Dostoievski tal

“Duplo Amor” é apenas o quarto filme de James Gray em 15 anos

de um contorno policial para os argumentos. O meu interesse primordial não estava nem no policial nem no “gunplay”, mas foi graças ao policial e ao “gunplay” que pude fazer os meus primeiros filmes.

Mas agora já não precisa deles, a julgar por “Duplo Amor”...

Bem, desta vez não precisei... “Nós Controlamos a Noite”, de entre os meus filmes, foi o primeiro a conseguir um impacto significativo quer em popularidade e bilheteira, quer em atenção dos críticos e dos “media”. Nunca tinha tido estas coisas todas ao mesmo tempo, nesta escala. Em atenção a isso, e também porque o meu poder comercial ficou um mais forte, foi fácil convencer os produtores a deixarem-me fazer este filme como eu quisesse, com pistolas ou sem elas.

Pode-se inferir que “Duplo Amor” é o seu filme mais livre? Pode-se concentrar mais numa ideia a perseguir, e menos nas manobras para a conseguir perseguir?

Acho que posso dizer que é uma expressão mais pura do meu cinema... Como cineasta o que me interessa perseguir e trabalhar é uma autenticidade emocional...

...mas o “gunplay” nunca o impediu, e se há coisa marcante nos seus outros filmes é justamente essa impressão de autenticidade...

Sim, tem razão. Há uma nuvem de temas que me importa desenvolver, e não vejo mal nenhum na repetição temática. Pelo contrário, quero repetir os temas que me interessam. “Duplo Amor”, neste sentido, trabalhou numa via mais directa para eles. É o filme que está mais próximo do que eu imaginava e queria que os meus filmes fossem no tempo em que era só um aspirante a cineasta.

Outra mudança de padrão está na rapidez com que “Duplo Amor” se seguiu a “Nós Controlamos a Noite”. Estávamos habituados a intervalos de quatro ou cinco anos entre os seus filmes.

É verdade. Devo ter criado a reputação de cineasta lento. Mas não sou um cineasta lento, julgo até que trabalho muito depressa, e seguramente não preciso, por mim, de quatro ou cinco anos para fazer um filme. Já para conseguir as condições ideais para o fazer, a conversa é outra. Os intervalos explicam-se assim: uma espera pelas condições e garantias, pela certeza de que ia fazer o meu filme e não um filme qualquer. Para “Duplo Amor”, como lhe disse, tive condições e garantias como nunca tinha tido. E o resultado [risos] é que só foi preciso esperar uns meses para ver um novo filme de James Gray...

Era uma história antiga à espera de oportunidade, ou foi uma história escrita para a oportunidade?

Não era muito antiga, mas estava à espera de oportunidade. Escrevi o

argumento enquanto esperava pelo começo da rotação de “Nós Controlamos a Noite”. Sabia que queria Joaquin Phoenix, que era o actor que nos meus dois últimos filmes [“The Yards” e “Nós Controlamos a Noite”] tinha funcionado como um duplo meu, ou, enfim, em quem tinha projectado alguns traços autobiográficos, e precisava de trazer esta continuidade para “Duplo Amor”. Sabia que queria Gwyneth Paltrow. E sabia que queria dar alguns papéis a alguns actores, como Moni Monoshov [o patriarca mafioso de “Nós Controlamos a Noite”]; em “Duplo Amor” é o patriarca bondoso da família do protagonista]. Foi só esperar que estivessem todos disponíveis.

Falou em traços autobiográficos. Uma coisa que “Duplo Amor” transporta dos seus outros filmes é a ambientação entre as comunidades emigrantes de Nova Iorque, especialmente a russa. Livrou-se da Máfia, que é sempre uma ótima figura de estilo para falar deste tipo de mundos de identidade muito vinculada, mas continua a fazer o retrato de uma cultura muito particular. Até que ponto isto é uma coisa pessoal?

É totalmente pessoal. É a minha origem. Sou neto de russos que emigraram para a América. Cresci em ambientes parecidos com os dos meus

Se falei de Dostoievski, foi por questões relacionadas com a psicologia das personagens, e por Dostoievski escrever com a noção de que a paixão é inevitavelmente ridículo. Mas que é desse ridículo que nasce um “pathos”



A versão de Visconti de “Noites Brancas”, adaptação de Dostoievski, influenciou James Gray

filmes, conheço muitos dos lugares onde filmo como a palma da minha mão. Tenho um relação profunda com estas comunidades fechadas, onde o espírito familiar se confunde com a preservação de uma identidade cultural e conduz a uma espécie de insularidade. É o mundo de onde venho.

Já nos seus outros filmes a descrição destes ambientes passava muito pelo trabalho sobre os “décors” dos interiores e pelos adereços. São casas atulhadas de objectos, de “memorabilia”, como pequenos museus. Acredita-se logo nelas.

Fico contente que tenha reparado nisso. Sou obcecado pelos pormenores, acontece-me perder horas à procura de um objecto qualquer que depois, dentro do plano, nem vai ser visto claramente. Era importante ter um mundo real como “décor” de “Duplo Amor”. A ideia era que o cenário funcionasse por camadas, camadas de História, e sugerisse uma sedimentação progressiva, de uma geração para outra, da cultura russa no modo de vida americano.

Por falar em coisas russas: antes de ver o filme tinha lido em vários sítios que se tratava de uma adaptação das “Noites Brancas” de Dostoievski. Vi o filme questionado por isso, e se estava sempre com o Dostoievski na cabeça não conseguia deixar de pensar que era uma referência gratuita. Qual é a verdade sobre esta história?

Não sei como isso começou, talvez até tenha sido eu a mencionar Dostoievski numa entrevista. Mas de facto não é importante. Terá sido uma inspiração longínqua, mas o argumento tem na melhor das hipóteses algumas similaridades com a história. Se falei de Dostoievski, foi mais por questões relacionadas com a psicologia das personagens, e por Dostoievski escrever com a noção de que a paixão, o estado de se estar apaixonado, é inevitavelmente ridículo. Mas que é justamente desse ridículo que nasce um “pathos”.

Conhece a versão das “Noites Brancas” feita por Luchino Visconti?

Conheço, adoro.

O filme relaciona-se mais com essas “Noites Brancas” do que com as do livro...

OK, acertou em cheio. Não foi um modelo, mas pensei muito nesse filme. A relação com o espaço [o filme de Visconti é uma longa deambulação nocturna por Veneza] é importante, mas sobretudo Visconti também filmou a história a partir da noção do ridículo, que não tem que deixar de ser doce, afectuosa, que é um homem desorientado pela paixão.

E aquele final muito pacífico, mas muito peremptório, quando Mastroianni fica a ver Maria Schell ir-se embora com Jean Marais... O seu filme tem uma dissipação

semelhante. Mas a questão da doçura é mais complicada.

Não quer dizer que não exista. Mas há um lado incerto na personagem de Phoenix, uma imprevisibilidade, que o espectador pode sentir como uma ameaça. Sente-se próximo dele, mas pára antes da empatia.

Foi por isso que quis começar com a cena do suicídio frustrado, que até se resolve meio pateticamente, com ele a ir-se embora de modo casual, como se fosse um tipo que se lembrou de ir dar um mergulho ao cais. Mas esta cena, julgo, cria um peso à personagem, e marca toda a relação do espectador com ela: a primeira coisa que fica a saber sobre Leonard [a personagem de Phoenix] é que é um tipo capaz de tudo. Julgo que é isto que cria a ameaça, como lhe chamou. O que por mim está bem: não vou ao cinema para me sentir confortável e não quero que os espectadores dos meus filmes se sintam confortáveis. Esta é a razão de ser do cinema e da arte em geral.

Só mais uma pergunta [Gray falava ao telefone de sua casa, tinham-se começado a ouvir choros de criança, e o entrevistado pedia autorização ao entrevistador para ir acudir a uma “emergência”]. Um aspecto característico dos seus filmes é a utilização cuidada da cor. É sempre expressiva, mas nunca é obviamente simbólica. Dedica muito tempo a pensar nisto?

Se dedico... Houve uma altura em que tinha três livros sobre teoria das cores pousados na mesa de cabeceira... Depois dei-tei-os fora. Mas penso sempre na aplicação das cores como uma coisa subliminar, em que o espectador não deve reparar conscientemente. Se me está a falar das cores, é porque falhei [risos]... Tenho um princípio que não consigo explicar claramente em tão pouco tempo, talvez não o consiga explicar claramente a mim próprio, mas é assim: a cor deve servir para distinguir o texto e o subtexto de um filme. Na prática significa arrancá-la aos simbolismos óbvios, tipo “o vermelho é a paixão”, e tentar criar texturas que trabalhem em contraponto com a natureza intrínseca das cenas.

Cinzentos e azuis muito frios para as cenas emocionamentalmente mais ricas...

...e vermelhos e dourados... [outra vez berros de criança]... oh, desculpe-me, tenho mesmo que ir. Muito obrigado.

Ver crítica de filmes págs. 43 e segs



Joaquin Phoenix como Leonard, um homem dividido por um duplo amor

mente ridículo - “mas é justamente desse ridículo que nasce um como foram filmadas por Visconti. Luís Miguel Oliveira

“Neste local cantou em 30-6-1971 Alfredo Duarte (Marceneiro) / O Povo da Bica agradecido”. A placa evocativa está num desses “pátios das cantigas” que permanecem hoje exactamente como eram no tempo do fado, e que configuram ainda a face mais íntima de Lisboa.

Há um largo com chafariz ao centro, três frondosas árvores (freixos?) a resguardá-lo do sol inclemente do Verão, mesmo que este ano o céu seja pontuado com mais nuvens do que o habitual. De um dos lados, atravessa-o o elevador da Bica, num sobe e desce ronco e barulhento - “corta!”. Uma mulher sobe a escadaria com o saco das compras da mercearia. Em sentido inverso, um homem de porte pugilista, vestido de preto e camisola caviada, perscruta o seu “território”. Do lado de cima, a esplanada do BarBica regista um movimento fora do comum para esta hora da tarde. Em frente, por detrás da vidraça duma janela, uma velha senhora vê o seu quotidiano descendente subitamente preenchido com um estranho aglomerado de gente e maquinaria...

Estamos no Largo de Santo Antoninho, freguesia de São Paulo, em plena Lisboa alfacinha, a acompanhar uma tarde da rotação de “A Bela e o Paparazzo”, o próximo filme de António-Pedro Vasconcelos (APV), com estreia prevista para o Natal. “Isto é ‘O Pátio das Cantigas’ no século XXI”, diz Nuno Markl, humorista e radialista, um dos protagonistas - mais como ele próprio do que como actor a criar uma personagem - deste filme com que o realizador quer “olhar para Lisboa de outra maneira”.

A associação do filme ao imaginário “pátio das cantigas” tem outro suporte. “A Bela e o Paparazzo” será uma comédia romântica, um género em que APV se está a aventurar pela primeira vez, ensaiando uma aproximação ao cinema de Arthur Duarte (“A Menina da Rádio”) e de Billy Wilder (“O Apartamento”). Mas como o pátio das cantigas de outros tempos, ainda que mantendo o seu figurino físico e humano, já não está imune à aldeia global, por aqui vai passar parte da acção de uma história que tem como fundo o mundo da televisão, das telenovelas e “a feira de frivolidades e aparências que o costuma acompanhar”, explica Tiago R. Santos, o autor da história original e do argumento do filme.

A intriga é a mais simples possível: há uma jovem e bela estrela da nossa televisão (Mariana/Soraia Chaves) que vive um momento difícil na sua carreira, e que simultaneamente se vê seguida dia e noite pela câmara indiscreta de um “paparazzo” (João/Marco d’Almeida).

Mariana acaba por se apaixonar por João desconhecendo a sua verdadeira identidade, e o resto da história segue os códigos clássicos do género: descoberta da verdade, separação e... “happy end”.

“O cinema tem isso de bom: não nos autoriza a ter um olhar pessimista sobre o mundo. Não é gratificante fazermos um filme, sobre seja o que for, fazendo passar às pessoas a mensagem de que não vale a pena viver”, justifica o realizador de “O Lugar do Morto”, que lembra o lema de Woody Allen: o mundo é um lugar horrível, mas ainda é aquele onde se pode comer um bom bife...

Reflectir a realidade portuguesa

Que olhar é este que APV lança agora sobre Lisboa e Portugal - ele que é conhecido pelo cepticismo que tem lançado, como realizador mas também como intelectual e comentador atento e sempre interventivo da realidade nacional?

“Os meus filmes têm esta particularidade, falam da sociedade portuguesa, daquilo que eu conheço e que me toca. E abordam sempre temas que andam no ar: a exploração do trabalho infantil (‘Jaime’), o regresso dos soldados (‘Os Imortais’), a corrupção autárquica (‘Call Girl’)”. Em “A Bela e o Paparazzo”, APV prossegue essa inquirição mantendo um olhar ácido sobre o mundo, mas também “a virtude salvífica” que justifica o continuar a viver. É o tema da efemeridade da fama, da frivolidade dos “media” e de como isso mexe com a sociedade e com os comportamentos individuais.

Para “A Bela e o Paparazzo”, APV foi buscar novamente a actriz de “Call Girl”. Mas alterou-lhe não só o “look” como o perfil dramático. Aqui, a protagonista, Mariana, é não só loira como “uma personagem completamente diferente da anterior”, diz Soraia Chaves. Ao contrário da “call girl”, que era “uma mulher sedutora, manipuladora e calculista, esta é uma personagem absolutamente impulsiva, com uma energia apaixonada muito intensa”, acrescenta a actriz, que praticamente tem aqui a oportunidade de regressar ao grande ecrã, após o anterior trabalho com APV - pelo meio, fez apenas uma pequena aparição em “Arte de Roubar”, de Leonel Vieira, e a mini-

As filmagens de “A Bela e o Paparazzo” terminaram na semana passada; o filme tem estreia a 10 de Dezembro



FOTOGRAFIAS DE PEDRO CUNHA

Do pátio de às sombras

Com “A Bela e o Paparazzo”, António-Pedro Vasconcelos a reflectir sobre a realidade portuguesa. Mesmo que seja servir para o salvar. E aos seus espectadores. É neste

Marco d’Almeida é o “paparazzo” por quem Mariana (Soraia Chaves) se apaixonou nesta comédia de enganos

série televisiva “A Vida Privada de Salazar”, além de ter aproveitado para estudar arte dramática em Madrid e em Moscovo.

O novo papel ajudará também Soraia Chaves a contrariar a imagem que de si ficou depois de “O Crime do Padre Amaro” e “Call Girl”. Uma situação que a história de “A Bela e o Paparazzo” - que remete claramente para o mito “a bela e o monstro” - de certo modo também aborda.

“De facto, também eu, às vezes, fui objecto de notícias desagradáveis na im-

prensa cor-de-rosa e no circuito dos ‘paparazzi’. Mas a minha forma de reagir é diferente da de Mariana. Para proteger o meu mundo pessoal, não dou importância, nem entro nesse jogo”, diz Soraia Chaves.

Os grandes actores são os de comédia

Nas cenas rodadas no Pátio de Santo Antoninho, Mariana/Soraia Chaves, já assumida a paixão João/Marco Almeida, participa com ele, de passagem, numa divertida situação devedora do imaginário da comédia cine-





as cantigas s da ribalta

quer olhar Lisboa de outra maneira, e continuar também
uma visão ácida sobre este mundo, o cinema há-de sempre
cinema que ele acredita. *Sérgio C. Andrade*

***“A Bela e o Paparazzo”
será uma comédia
romântica,
um género em
que APV se está
a aventurar pela
primeira vez,
ensaiaando uma
aproximação
ao cinema de Arthur
Duarte (“A Menina
da Rádio”) e de
Billy Wilder
(“O Apartamento”)***

matográfica portuguesa dos anos 1940/50. Numa improvisada “assembleia-geral do prédio”, Tiago (Nuno Markl) - um escritor “com excesso de tempo” - diz o próprio -, um dos amigos e companheiros de casa de João - o outro é Hugo/Pedro Laginha, que trabalha num restaurante de sushi -, propõe declarar a independência do edifício, fazendo com que cada morador assuma a gestão do seu andar como se de um Estado se tratasse. Na reunião intervém uma galeria de figuras - o casal católico, o casal gay, o negro, a velha senhora loira, a adolescente, o mecânico, o anão, a cozinheira...

APV assume o seu desejo de recuperar esse lado das comédias românticas. Até pelo prazer que diz ter de trabalhar com actores de comédia. “Sempre achei que os grandes actores são os de comédia, que conseguem responder ao ritmo implacável que o género exige, mesmo quando não se trata do ‘slapstick’”.

Mas Nuno Markl não foi a primeira escolha para o papel de Hugo - “e ele sabe disso”, diz o realizador, que inicialmente pensou no seu companheiro de Os Contemporâneos, Bruno Nogueira. No impedimento deste, Markl acabou por ficar com o lugar, mas só depois de ter explicado a APV que não era actor e que só sabia fazer de si próprio. “Estou felicíssimo com a escolha, porque o Nuno tem aquele lado um bocadinho Peter Sellers que eu queria para a personagem, mas quis também, obviamente, aproveitar uma parte da imagem pública que ele já tem”, diz o autor de “Os Imortais”.

É também a primeira vez que APV trabalha com Marco d’Almeida (em quem chegou a pensar para fazer o polícia de “Call Girl”, que viria depois a ser feito por Ivo Canelas, por indisponibilidade daquele). O David Jameson da série “Equador” agarrou agora a oportunidade e está a construir uma personagem que tem sido para si “uma descoberta” ao longo da rodagem. “É uma personagem dúplice: o ‘paparazzo’ e o jovem que se deixa apaixonar pela sua ‘vítima’”. Este desdobramento dá-me a possibilidade de tocar várias facetas no trabalho

de representação”, diz o actor, num intervalo de uma cena em que teve de se descalçar e pegar num cão bebé ao colo para, com ar cabisbaixo, sair de casa em busca de Mariana, já depois de esta ter descoberto a sua verdadeira identidade.

Medir o sol e as nuvens

Quando esta cena foi rodada, já a luz ia esmorecendo, depois de uma tarde de sol intermitente, em que o trabalho de um dos assistentes da equipa foi, ao longo de toda a tarde, prever, ao segundo, a movimentação das nuvens para dar ao operador de fotografia o “timing” exacto em que ele teria a luz certa para a cena. “Não é essa a luz de que eu preciso agora”, dizia, agastado, José António Loureiro, que vem também da equipa técnica de “Call Girl”. Mas o seu protesto quase não se ouviu, pois no mesmo momento estava a passar o ascensor da Bica. “Corta”.

“A Bela e o Paparazzo” é uma produção MGN de Tino Navarro, com argumento original de Tiago R. Santos (que também já tinha trabalhado com APV no filme anterior), e um orçamento superior a um milhão de euros. A rodagem terminou na semana passada após quase dois meses filmagens exclusivamente em Lisboa e nos seus cenários mais conhecidos - “há mesmo uma sequência a que chamo videoclip em que os dois protagonistas dançam nos principais sítios turísticos da cidade”, diz APV -, e com uma parte rodada em estúdio. Para além dos actores já referidos, têm pequenos papéis ou participações especiais no filme Maria João Falcão, Virgílio Castelo, Nicolau Breyner, Ivo Canelas e Cândido Ferreira, num “casting” da responsabilidade de Patrícia Vasconcelos.

A estreia de “A Bela e o Paparazzo” está já anunciada para o dia 10 de Dezembro.

al internacional de artes e culturas festival internacional de artes e culturas festival internacional de artes e cul

trebilhadouro

VII festival internacional de artes e culturas

“um festival que requalificou uma aldeia”

31 julho a 2 agosto 2009

trebilhadouro.com.sapo.pt | teatroarado@gmail.com

Aldeia do Trebilhadouro | Vale de Cambra





Bill Callahan é nada mais nada menos do que isto: o maior criador de canções vivo

Tudo o que Bill Callahan sabia estava errado

“Sometimes I Wish We Were An Eagle”, o belíssimo e recente disco de Callahan, é o resultado de tudo o que o americano pensava saber ter ruído. É ele que o diz, numa entrevista em que fala da morte, de filhos, da juventude e do seu horror à exposição. *João Bonifácio*



“Gostei da velocidade e da mente dele”

Brian Beattie, o produtor

Um detalhe é apenas um detalhe enquanto não conhecemos a história toda. Exemplo de um detalhe sem o mínimo interesse: a propósito de “Sometimes I Wish We Were An Eagle”, o mais recente disco de Bill Callahan (anteriormente conhecido por Smog), dizia-se que Callahan tinha deixado uma maquete ao produtor com as bases das canções do disco, e que o produtor tinha feito tudo enquanto o senhor Callahan andava a dar concertos, de modo que quando chegou foi só cantar.

Detalhe desinteressante, este. Mas imaginem que vos dizíamos que Bill Callahan é o maior criador de canções vivo.

E que vos dizíamos que os dados officiosos acerca do senhor retratam-no como um perfeccionista obsessivo, misantropo, que muda de banda a cada disco, e que, controlador nato, até 2005 tinha produzido todos os seus discos.

O detalhe começa a ganhar contornos mais interessantes: aqui está um tipo que de súbito abdica das rédeas do seu bem mais precioso, as canções.

A isto acrescentem-se alguns factos: até “Rain On Lens” (de 2001 e ainda assinado como Smog), os discos que Callahan fazia eram sonicamente sufocantes, as canções fugiam à estrutura habitual, eram de um minimalismo áspero e doloroso, a voz ou falava ou gania (mas não se pode dizer que cantava), as letras (míni-mas e secas) eram tratados da disfunção humana. E não havia um único dado sobre a vida pessoal de Callahan, excepto, quando muito, o nome da fanzine em que escreveu, ou da cidade em que vivia.

E, em cada entrevista, Callahan respondia às questões (por norma também não muito interessantes) com comentários bruscos e curtos, muito curtos.

Depois, lentamente, a luz começou a entrar naqueles discos, cada vez mais despidos de tudo o que não fosse beleza. Por alturas de “A River Ain’t Too Much To Love” (2005) as fotografias de promoção vinham assinadas pela música Joanna Newsom, que também tocava no disco e andou na respectiva digressão. (Newsom também foi vista várias vezes com um cinto em cuja fivela estava incrustada a palavra “BILL”).

Era a forma de Callahan assumir um romance que durava desde 2003. Para o comum dos mortais, é uma forma seca e enviesada de assumir uma relação. Mas na biografia de

Callahan é um exagero de exposição sem fim.

Callahan editou então o seu primeiro disco em nome próprio, “Woke On a Whaleheart” (2007), em que chegava a arriscar uma espécie de funk branco. Depois lentamente regressou o silêncio.

Newsom, algures em 2007, foi embora. E na primeira canção de “Sometimes I Wish We Were An Eagle”, Callahan canta “I used to be darker, then I got lighter, then I got dark again”, como se quisesse gozar com os profetas da autobiografia. Detalhe: Callahan passou quase vinte anos de carreira a ser acusado de misoginia, misantropia e autobiografismo encauçado, acusação esteticamente irrelevante, mas que sempre entreteve muito as gentes muito sérias e preocupadas com o bem do mundo.

Há dados que indicam que Callahan está mais manso: a música em “Sometimes I Wish We Were An Eagle” é calma e, ao contrário dos seus primeiros discos enquanto Smog, pouco ruidosa. É estranhamente solar, melodicamente irrepreensível e ornamentada com uma graça tal que parece de outro tempo.

A hipótese de estar mais suave (mas melhor que nunca) parece confirmar-se nas entrevistas recentes, em que surge mais acessível. Com o Ipsilon admite que chora em filmes, que o amor lhe é importante, que a morte deve ser um alívio, que quer ter filhos, que quando era novo estava a mostrar as garras, que nunca gostou de professores.

Mas, sendo quem é, só aceita entrevistas por e-mail. Diz que por escrito é mais preciso e não é mal citado. E, sendo quem é, as perguntas a que não respondeu são, obviamente, as que implicavam maior grau de exposição.

Mas tudo isto, que a maior parte das gentes consideraria bastante estranho num meio em que toda a gente se põe em bicos de pés e aos saltinhos, faz sentido num homem que, por mais declarações infames que produzisse nas canções, sempre foi racional até ao osso.

A seu favor diga-se que ele é de uma precisão tremenda a escrever. A seu favor diga-se que “Sometimes I Wish We Were An Eagle” é uma obra-prima. A seu favor diga-se que não são muitos os que melhoram com a idade.

Neil Michael Hagerty e Brian Beattie, produtores, respectivamente, do seu penúltimo e último disco, põem

“Se não conseguimos alcançar uma coisa, então ela não existe.”

Comecei a reavaliar tudo o que pensava que sabia.

Ultimamente as coisas levaram um valente abanão”

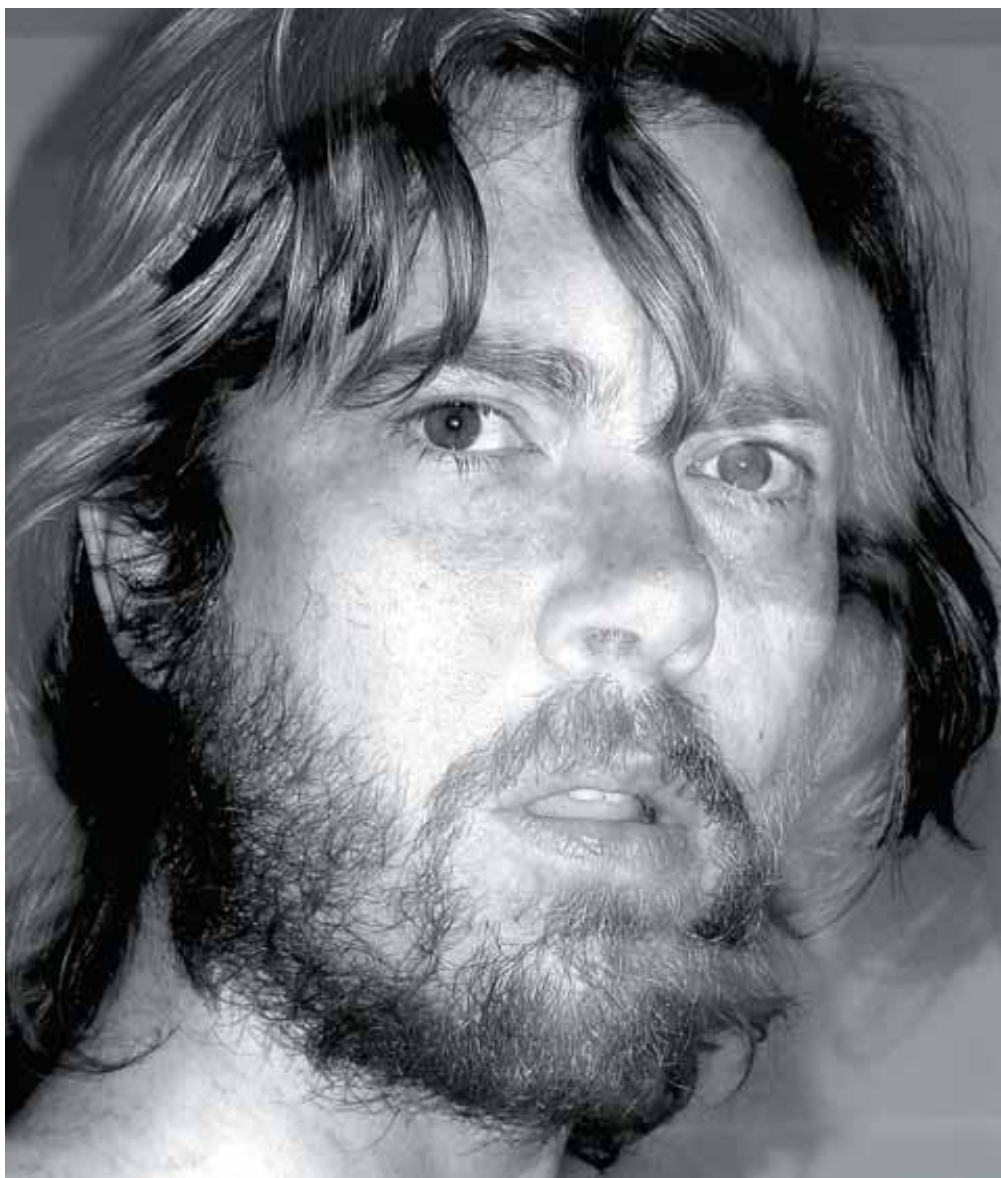
o dedo em cada uma das canções desses álbuns e o Bill deu-lhes rédea livre. Que se passou para de repente abdicar do controlo absoluto das canções?

Bem, eu não diria que eles tiveram controlo absoluto. Em ambos os discos fiz os arranjos de voz, guitarra, baixo e bateria. Isso são coisas bastante importantes, primordiais. Mas sim. Sim. Gosto da mudança. Gosto de fazer coisas que nunca fiz. Esse foi o ímpeto por trás da decisão de trazer produtores e arranjadores para o processo. Porquê agora? Ao longo dos anos tenho melhorado lentamente →

alma lusitana
fado e música portuguesa
30 JULHO > 31 AGOSTO

A Fnac orgulha-se de partilhar a **Alma Lusitana**.
Descubra ou reencontre os nomes que têm marcado as nossas gerações de fadistas, cantores, músicos e compositores, desde os clássicos aos novos talentos e sons da música portuguesa.
Tudo isto num guia repleto de curiosidades, discografias, promoções e ofertas especiais para ver e ouvir na Fnac.

fnac
www.fnac.pt



“Nem sequer gosto que as bandas digam em palco ‘Hoje jantámos no restaurante Tal & Coisa e estava ótimo’. Prefiro encontrar-me ‘cara a cara’ com o ouvinte. Sem as luvas de boxe, se me façam entender. Sem conversa de chacha. Muita gente não gosta disso”

O novo disco é sobre o fascínio com as coisas de todos os dias, diz um Callahan menos negro

← as minhas proezas musicais. Como “A River Ain’t Too Much To Love” senti que os meus arranjos tinham atingido a perfeição. Ou, quer dizer, estavam quase perfeitos. Por isso senti que tinha de facto alcançado qualquer coisa e que estava na hora de, de vez em quando, entregar as rédeas a outros.
Quis, desde o início do processo, encher “Sometimes I Wish We Were An Eagle” com orquestrações? Como é que as descreveria?
Logo à partida queria orquestrações. Queria que o disco todo tivesse um tom cerebral. Não no sentido de “in-

teligente” mas de “da mente”. Como se os sons ilustrassem a história do narrador, como se fossem os sons do seu cérebro.

Conhecia bem Brian Beattie? O que é que o fez confiar neste tipo ao ponto de se ir embora deixando-o com as canções?

No ano passado gravei quatro canções ao vivo com ele, num gravador de duas pistas. Gostei da velocidade e da mente dele, das suas opiniões e do seu sincero entusiasmo pela música. Não foi exactamente como se eu me tivesse ido embora deixando-o com as canções. Deixei-lhe notas com o que queria e à medida que ele traba-

lhava mantivemos várias reuniões em que ouvíamos e discutíamos as canções. Mas sim, por causa do que antes mencionei, depositei muita confiança nele. Sou bom a avaliar pessoas.

Será que o homem que escreveu “Prince alone in the studio” (de “Wild Love”, 1995) confiava tanto nas ideias dos outros como o homem que gravou este disco?
Não, esse homem não confiava tanto nos outros. Mas também ele não sabia o que estava a fazer. O que pode ser bom. Acho que a minha ingenuidade fez com que esse disco tivesse um som único. E esse homem, nesse dis-

trabhar sob condições muito mais ADVERSAS [em caixa alta no original]. O engenheiro era malicioso e estava sempre a rebolar os olhos. Não era nada divertido trabalhar com ele. Todos os dias eram uma batalha.

Os seus discos costumavam ser sonicamente sufocantes. Depois de “Rain On Lens” (2001), começou a surgir uma certa luz. O que se passou?

Comecei a tocar guitarra de maneira diferente. Comecei a deixar pequenos buracos onde a minha voz pudesse pousar. Por isso a minha voz passou a estar ao centro em vez de estar no topo, com tudo o resto por baixo dela. É um som mais aberto.

Comparemos as letras de canções antigas como “I break horses” ou “River guard” com as de canções mais recentes como “Sycamore” ou, deste disco, “My friend”: antes parecia querer sublinhar a crueldade, o egoísmo e a violência que atravessam as relações humanas, e agora existe uma espécie de “warmth for the community” (citação de uma canção antiga de Callahan).

As canções antigas eram mais cruas, mais imediatas. Eu estava a pintar com aquarelas. Queria imediatéz. Queria fazer dois discos por ano. Como é que eu posso explicar a minha juventude? Há muito a dizer. Estava a aprender. Estava a fazer. Era importante para mim estar a fazer, por oposição a não fazer. Vai-se para a escola e os professores falam-nos de coisas. Nunca funcionou comigo. Nunca acreditei nos professores ou concordei com eles. Não falavam do coração, apenas regurgitavam o currículo. Diziam-nos o que não podíamos fazer. E eu só queria “fazer” e descobrir por mim próprio.

A sua relação com a natureza



Dolly Parton

“Ela está mesmo nos meus dez mais”



“Há uma energia tremenda nas coisas dele”

The-Dream, músico



LeBron James, basquetebolista

“Prefiro-o ao Kobe [Bryant]”



Lil' Wayne, músico

“Tem sentido de aventura”

modou? A natureza costumava aparecer nas canções como um figurante numa cena violenta ou depressiva. Agora parece usá-la para simbolizar a nossa incapacidade de termos verdadeiro controlo sobre as nossas vidas, ou para simbolizar algo que não conseguimos alcançar.

Já não estou assim tão interessado na ideia de que há coisas que não conseguimos alcançar. Se não conseguimos alcançar uma coisa, então ela não existe. Basicamente, comecei a reavaliar tudo o que sabia, ou tudo o que pensava que sabia. Um tipo, quando é novo, cria por si próprio umas definições, uma base sobre a qual construir uma vida. Mas ultimamente as coisas levaram um valente abanão. Pelo que cheguei à conclusão de que talvez não tivesse feito um trabalho assim tão bom a definir algumas coisas. Isto veio de ler livros de biologia e afins. Tive de reconstruir tudo o que eu pensava que sabia. E é mais ou menos esse o assunto deste disco.

Costumam dizer-me que o Bill é um tipo que conhece as mulheres. Mas por alguma razão, líricamente, nem por uma vez abordou o assunto “fêmeas” com a leveza de um “És tão gira”. Porquê?

O amor é-me verdadeiramente importante. Mas por vezes também penso que não me é de todo importante. Tenho os dois lados. Como no signo gémeos. Mas sei uma coisa sobre mulheres. Sei que não raras vezes me surpreendem. Tal como os homens. É o mesmo que eu dizia há pouco: pensava que sabia umas coisas, mas isso está a mudar.

Por mais do que uma vez as suas letras valeram-lhe acusações de misantropia. Assumamos que o que o narrador daquelas canções cantava não era o mesmo que o que o Bill pensava. Quão grande era a distância entre si e os narradores das canções?

Escrevo sobre a vida e a humanidade, não sobre a minha vida e a minha humanidade. Nunca percebi por que razão é que as pessoas colocam tanta ênfase na questão de as canções serem ou não autobiográficas. Ser autobiográfica torna a canção melhor ou pior? Será que isso muda, de todo, a canção? Não me parece. Por ser autobiográfica? Porque é que a forma como se vê a história de uma canção é diferente da forma como se vê um livro de ficção?

Deus aparecia em “Supper”:

“God is a word/ and the argument ends there”. Agora, na canção “Death/Void”, canta “It’s time to put God away”. Alguma vez namorcou com algum tipo de religião? Porquê abordar o assunto Deus se é ateu?

Porque, exista ou não um Deus, o conceito de Deus existe de facto. E é isso, o conceito de Deus, que é tempo de pôr de lado. Já espilhei todos os tipos de religião. O judaísmo tem boas histórias. Mas não consigo entregar a minha vida a nenhum tipo de texto. Excepto talvez o “Farmer’s Almanac” [publicação americana antiquíssima, cheia de informações que podem ir do estado do tempo a trivialidades].

Quando escreveu “I used to be darker, then I got lighter, then I got dark again” para a canção de abertura deste disco, sabia que as pessoas iam tomá-la como autobiográfica, certo?

Sim. É uma espécie de cereja no topo do bolo para todos aqueles que gostam de rotular as pessoas com esse simplismo. É degradante rotular as pessoas assim.

Nessa canção canta “I ended up in search of ordinary things”. Aquele “ordinary” refere-se às “pequenas coisas da vida” ou a quê?

É acerca do fascínio com as coisas que vemos todos os dias. O vento a soprar numa árvore ou a vida de uma onda do mar. É perguntar porque havemos de nos preocupar com o sobrenatural quando o natural é espantoso.

Em “My friend” canta a frase-título de uma forma rara em si, como um grunhido, como se fosse a personagem de um filme de série B. Era uma forma de enfatizar a importância que a amizade tem para si?

Era suposto soar a coisa de vilão de filme noir. Como se fosse alguém a agarrar outro tipo pela lapela e a encostá-lo à parede. Mas com afecto. Também é suposto soar à forma como as pessoas falam com os seus animais domésticos. Há muita gente que faz leituras sinistras da forma como canto essa expressão. Mas não é suposto ser sinistro. É uma canção muito afectuosa. Originalmente foi escrita a pensar numa pessoa específica,

mas esse facto já não me parece importar minimamente.

Nos últimos anos mencionou Lil’ Wayne, Lady Sovereign e The-Dream como alguns dos seus artistas actuais favoritos - e disse uma vez que os Wu-Tang Clan estavam no seu topo de todos os tempos.. O que é que lhe agrada tanto no hip-hop? O minimalismo? As letras?

Gosto do lado imediato da coisa. Por exemplo, a forma como o Lil’ Wayne faz tantas mixtapes, tantas canções tão depressa. Há uma energia tremenda nas coisas dele e do The-Dream. Uma excitação, um sentido de aventura, de individualidade, uma ausência de medo que faltam em muito do rock que se faz hoje em dia.

É mesmo verdade que adora a Dolly Parton? É mesmo verdade que chorou a ver “Knocked Up”? E mais importante que tudo: prefere Kobe Bryant ou Lebron James [respectivamente melhor e segundo melhor jogadores de basquete do mundo; Callahan é um fã de desporto]?

A Dolly está mesmo nos meus dez mais. E sim, chorei a ver “Knocked

Up”, mas só da segunda vez que o vi. E eu choro em quase todos os filmes. Prefiro o Lebron. O Kobe parece-me um pouco “fácil” depois do caso dele [há uns anos Kobe Bryant foi acusado de violação. O caso acabou fora de tribunal depois de se descobrir que a acusadora tinha um passado de distúrbios psíquicos. Kobe fez as pazes com a mulher graças à oferta de um anel de diamantes cujo valor - especulou-se - rondava o milhão de dólares].

Recentemente li duas coisas que me deixaram a pensar que estava a gozar com o entrevistador. Primeira: que já não tinha medo da morte. Segunda: que andava com vontade de ter um filho.

Não estava a gozar. Não gosto de gozos. Gosto da verdade. Perdi mesmo o medo da morte, recentemente. É estranho. No entanto, desde que eu disse isso, a coisa de certo modo modificou-se um pouco. A minha vida mudou um pouco e o medo da morte está a tentar voltar a infiltrar-se. Mas, para ser honesto, de certo modo a morte deve ser um tremendo alívio, não? E sim, se acontecesse, não me

importava de ter um ou dois filhos. **Ao longo dos anos nunca falou da sua vida pessoal, o que parece sensato. Há alguma razão para isso (alguma ética) ou é medo de que o que diga acabe por voltar-se contra si?**

Sempre senti que isso poderia diminuir a música ou a minha relação com a audiência. Sempre me pareceu uma saída fácil. Nem sequer gosto que as bandas digam em palco “Hoje jantámos no restaurante Tal & Coisa e estava ótimo”. Prefiro encontrar-me “cara a cara” com o ouvinte. Sem as luvas de boxe, se me faço entender. Sem conversa de chacha. Muita gente não gosta disso, mas acho que só lhes fazia bem.

O que é que pensa hoje do homem que era quando escreveu “Wild Love” ou “Julius Ceaser”? O que é que esse tipo não sabia que o Bill agora sabe? Ah, acho que as pessoas vagueiam por diferentes vidas. Nessa altura eu era uma pessoa diferente, mesmo. Penso que esses discos eram ambos bons e crus. Estava apenas a rugir como um tigre, estava a mostrar as minhas garras.



Round 4 Portugal

By **Sonangol** **CIRCUITO DO ESTORIL 5/6 SETEMBRO 2009**

Bilhetes a partir de 15€
Crianças até 12 anos grátis

SUPERLEAGUE FORMULA
FUTEBOL A 300 KM/H

VELOCIDADE, ENTRETENIMENTO E MUITA DIVERSÃO!
RESERVAS 707 234 234 WWW.TICKETLINE.SAPO.PT
www.superleagueformula.com

Patrocinadores: 

Fornecedor oficial  Produção: 

A ordem natural de uma coisa chamada **rock'n'roll**

Oito anos, três EPs e centenas de concertos depois, editam “Exposed”, primeiro álbum. Em 2009, os d3ö mudaram: “é impossível tocar tanto tempo com as mesmas pessoas e não saber como fazem o que fazem.” Em 2009, os d3ö são os mesmos: três tipos que são uma banda e o rock'n'roll que essa banda faz. *Mário Lopes*

Música

Quando foi mesmo que os vimos pela primeira vez? Há muito tempo certamente, que o primeiro concerto aponta lá para bem longe, algures em 2001, quando os Parkinsons andavam a tomar as ruas de Londres e se anunciava em parangonas que o rock'n'roll tinha regressado para tomar o mundo - tudo culpa de um quinteto de ténis all-star e gravata fininha, os Strokes, de um duo vestido de vermelho, os White Stripes, e de tudo o que se seguiu. Não os vimos no início de tudo, precisamente na primeira parte de um concerto dos Parkinsons. Mas vimos-os logo depois.

O vocalista Toni Fortuna a provocar o público em voz e corpo, guitarra muito dourada e muito glam. Miguel Benedito, o baterista, já então máquina de precisão impressionante, a batucar as peles e o cabelo da poupa a reproduzir o movimento do ritmo. Tô Rui, o guitarrista dos solos repletos de eco psicadélico, dos feedbacks encostado à coluna, tudo concentração no som; e tanto quanto são “desconstrução-querer-lá-saber” os seus comentários entre canções - não há cá poses, é olhar em frente e “cá vai disto”.

Esses foram os d3ö que vimos há muito tempo, ali em 2001. Tudo em tronco nu no final, depois das “bluezadas” transformadas em libertação de testosterona, depois dos assaltos “Stoogeanos” e do bom movimento de anca - com inflexão de voz à Elvis que não foi para a tropa, porque há idiosincrasias tão marcantes que se tornam património da Humanidade.

Oito anos depois, agora que editam “Exposed”, o primeiro longa-duração, olhamo-los novamente. Claro que não os perdemos de vista: editaram três EPs, “SixPackTrack” (2003), “8 Tracks On Red” (2004), “7 Heartbeat Tracks” (2005), editaram singles e uma caixa e, mais importante, não pararam de tocar - país acima, país abaixo, uma corda de guitarra que se parte e o rock'n'roll não há-de parar por isso, uma mezzanine que há-de ser tomada de assalto porque o rock'n'roll é frêmito que toma conta de um gajo e um gajo sabe como as coisas começam mas não vale a pena prever como acabam.

Portanto, oito anos depois, cá estão os d3ö. “Exposed” é o álbum. Diz-se que já não acabam os concertos em tronco nu e comprovámo-lo recentemente quando apresentaram o novo disco no Musicbox, em Lisboa. Em 2009, não se diz que o rock'n'roll vai tomar conta do mundo porque foi alicunção que durou quinze minutos e depois arranjou-se outra coisa qualquer para levar o mundo adiante. Em 2009, os d3ö mudaram: “é impossível tocar tanto tempo com as mesmas pessoas e não saber como fazem o que fazem, como respondem às coisas”, diz-nos Toni Fortuna. Em 2009,



concluímos, os d3ö são os mesmo naquilo que é essencial. Três gajos que são uma banda e o rock'n'roll que essa banda faz.

Nada de sonhos de grandeza que isso são alucinações pouco interessantes: “Podíamos ter fogo-de-artifício a explodir em palco”, alucina Tô Rui, “mas para quê? Que pose é que eu tinha de fazer? Não dá para isso”. Não, não dá. A chama dos d3ö é outra. Toni Fortuna: “O conceito é o mesmo de sempre: ‘Isto está a soar bem?’ Seguir em frente. A ordem natural das coisas”. Nada de truques.

Grande produção

O título “Exposed”, de resto, aponta logo isso mesmo. Isso? Fortuna explica-o. Conta-nos da sessão de fotos que fizeram com o fotógrafo conimbricense Pedro Medeiros, que ilustra o novo álbum. Meteram-se num campo de milho - Fortuna passa por ele diariamente - e deambularam: “foi combinado às seis da manhã, com toda a gente de directa, rebentada, tudo com ar de quem não conseguia fazer mais nada senão estar ali”. Resume: “Pusemo-nos numa situação e vimos no que dava”.

Ao longo da conversa com o Ípsilon, há uma ideia que se vai repetindo. A noção de verdade, de que só despidindo tudo o que é supérfluo esta música faz sentido. Daí as fotos a preto e

“Na verdade, nunca sentimos grande necessidade de ter um álbum.

Temos necessidade de continuar a tocar, de editar sempre que nos for possível, de prosseguir” Toni Fortuna

branco, dizem, daí preferirem gravar de modo artesanal, em fita: prezam a “fidelidade do analógico”, como define Tô Rui, a forma como isso lhes permite incorporar o erro, quase valorizá-lo - “se, num take, um pormenor estiver mal e tudo o resto exactamente como se deseja, deixe-se ficar o erro que daí a algum tempo tocamos com ele”.

A gravação de “Exposed” deu-lhes oportunidade para explorar isso. Gravado em dois períodos de três dias, é aquilo a que, seguindo o standard dos d3ö, chamaríamos uma “grande produção” - de facto, concede Fortuna, “não foi gravado em dois dias e pre-

parado na semana anterior [como os Eps]”. Desta vez, o trio abalou de Coimbra para a Lousã, instalou-se no espaço amplo da Filarmónica local e, entre as aulas de ballet e os ensaios da orquestra que ali tinham lugar, com um dia de incêndios pelo meio - ruído de helicópteros e sirenes e eles a tentar incluí-los na música (“não ficou bem, é pena” -), nasceu “Exposed”.

Álbum dos d3ö, indiscutivelmente, felizmente: conhecemos aquela vertigem, aquela urgência, aquele modo de atacar a guitarra e a forma como a voz se liberta. Nele, interessa sobretudo isto: há novas canções e não som velhas, batidas, esgotadas. É, digamos, o “best of” de uma atitude, de uma ideia de rock'n'roll. “Na verdade”, confessa Toni Fortuna, “nunca sentimos grande necessidade de ter um álbum. Temos necessidade de continuar a tocar, de editar sempre que nos for possível, de prosseguir. Isto [o disco] não representa pormos a cabeça no sítio e descobrir o que quer que seja”. A ordem natural das coisas: “Tínhamos coisas novas, gravámo-las. Agora já temos outras”. Não há segredos. Existem estas canções e os d3ö a agarrarem-nas para fixar um momento, antes de prosseguir viagem.

Ao longo da conversa com o Ípsilon, há uma ideia que se vai repetindo. A noção de verdade, de que só despidindo tudo o que é supérfluo esta música faz sentido. Daí as fotos a preto e branco, dizem

Ver crítica de discos págs. 40 e segs

VERÃO NOS CORETOS
E JARDINS DE LISBOA
15 JUL / 30 SET
**LISBOA
NA RUA**
PROGRAMA COMPLETO EM
WWW.CM-LISBOA.PT
WWW.EGEAC.PT
WWW.AGENDALX.PT
**ENTRADA
LIVRE**

JAZZ M13
OUT JAZZ
JAZZ NOS JARDINS
DOMINGOS, 19H00

2 AGOSTO
MOINHOS DE SANTANA
PERCUNDIM E DJ ANDY H

CINEMA M12
FITAS NA RUA
CINEMA AO AR LIVRE
SÁBADOS E DOMINGOS, 22H00

1 AGOSTO
LG. DE SANTO ANTONINHO
VESTÍGIOS THIAGO AFOSSO
A JANELA (MARYVALA MIX) EDGAR PÉRA

2 AGOSTO
TAPADA DAS NECESSIDADES
ANTES DE AMANHÃ SAGUIENAIL M16
BLOW UP MICHELANGELO ANTONIONI

MÚSICA M13
**CLASSICS
NA RUA**
SEXTAS E SÁBADOS, 19H00

31 JULHO
RUIJAS DO CARMO, 21H30 / 9.30 PM.

MÚSICA VIENENSE
TERESA GARDNER, SOPRANO
CHRISTIAN SCHOLL, DIRECÇÃO MUSICAL E VIOLINO
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
OBRAS DE JOHANN STRAUSS I,
JOHANN STRAUSS II E FRANZ LEHAR

1 AGOSTO
MIRADOURO DE SANTA CATARINA
IBERO-AMERICANO
ANTÓNIO EUSTAQUIO, GUITOLÃO
ANA BEATRIZ MANZANILLA, VIOLINO
ANTÓNIO JOSÉ MIRANDA, VIOLINO
PEDRO SAGUIENBENI MUÑOZ, VIOLA D'ARCO
JEREMY LAKE, VIOLONCELO

**OBRAS DE ANTONIO EUSTAQUIO,
J. S. BACH, BACH-PAREDES
E CARLOS PAREDES**
APOIO: CASA DA AMÉRICA LATINA

2 AGOSTO
2 / MIRADOURO DE SANTA CATARINA
QUARTETO ARABESCO
DENYS SITSSENKO, VIOLINO
RAQUEL CRÁVINO, VIOLINO
LUCIO STÜDER, VIOLA D'ARCO
ANA RAQUEL PINHEIRO, VIOLONCELO

**OBRAS DE F. J. HAYDN, W. A. MOZART
E L. VAN BEETHOVEN**

TERMINO DE
PORTUGAL
2009
EGEAC
LISBOA
O PROGRAMA
DE APOIO
E FINANCIAMENTO

ÓBIDOS

sempre especial!

VERÃO 2009

RITA REDSHOES
MUSIC
09 AGO

XIV SEMANA
INTERNACIONAL DE
PIANO
DE ÓBIDOS
INTERNATIONAL
PIANOS MASTERCLASSES
28 JUL a 06 AGO

**FESTIVAL
DE OPERA**
OPERA FESTIVAL
CARMINA BURANA, 01 AGO
QUATRO ESTAÇÕES, 07 AGO
NABUCCO, 14 AGO
GALA DE ÓPERA, 15 AGO
RIGOLETTO, 21 AGO
GRANDE CONCERTO, 22 AGO

ANA MOURA
FADO
26 AGO

RESERVAS E INFORMAÇÕES/INFORMATION AND RESERVATIONS: www.obidos.pt T. 262 959 231
LOCAIS DE VENDA/BUY YOUR TICKET AT: Bilheteira da Sala/Designated ticket offices in Óbidos; Posto de Turismo de Óbidos/Tourist Office of Óbidos e/and www.obidos.pt

Junte boas férias e boa leitura com o Público. **A partir de sábado, dia 1 de Agosto**

Best of

D

As melhores reportagens, os melhores retratos, as melhores histórias para ler nestas férias

Nos sábados de Agosto vamos republicar o melhor do P2

Instituto PIAGET 30 Anos

www.tira_o_pe_do_chao.clix.pt



■ MÚSICA: NOTÍCIAS, TOPS, RÁDIOS, VÍDEOS

MUSICA.CLIX.PT é a morada da melhor música. Onde se juntam os melhores conteúdos musicais, notícias para comentar e downloads de música grátis. Onde vais pela música e ficas para os passatempos. Onde mora o IPSILON, o BLITZ, a MTV, a Op., a RÁDIO COMERCIAL, a CIDADE FM entre tantas outras rádios. Vai a clix.pt e dá uma nova homepage à tua vida.

■ NOTÍCIAS ■ MULHER ■ DESPORTO



DÁ UM CLIX À TUA VIDA

Nascido em 1945, Thomas Mapfumo cantava desde os 16 anos. Nos Zutu Brothers, nos Cyclones, nuns Hallelujah Chicken Run Band que tinham esse nome porque, quando não cantava, fazia outras coisas. Criava galinhas, por exemplo. Mas quando o jovem Mapfumo, vindo de uma pequena cidade rural até Salisbury, capital da então Rodésia, era músico, subia a palco e emulava James Brown, Otis Redding, Elvis Presley ou Mick Jagger.

Num país que, apesar de independente da Coroa Britânica desde 1965, se manteve ferozmente colonialista, Mapfumo fazia o possível: tocava pelos bairros da comunidade negra, transpunha as barreiras de uma sociedade segregada (sendo músico, era tolerável fazê-lo) e actuava para a minoria branca nos clubes e hotéis de prestígio. Em 1980, quando foi posto um fim à segregação, quando ao ditador Ian Smith sucedeu, em eleições livres, o então libertador Robert Mugabe, Mapfumo não era o músico que cantava êxitos da Inglaterra e dos EUA. Era “o Leão do Zimbabwe”, o músico mais famoso do país, o criador da “chirumenga” - que em Shona, a etnia de Mapfumo, significa “luta revolucionária”.

No cosmopolitismo de Salisbury, hoje Harare, transformara a música ancestral do seu povo em força de combate. Uma simbiose de dois universos. O da sua infância na rural Marondera, onde se tocavam tambores ngoma e mbiras (metalofone de lamelas) para celebrar o ritual quotidiano dos vivos e invocar o espírito

dos mortos; e o da cidade em convulsão: a da luta contra a segregação racial, mas também aquela onde se ouviam baixos e guitarras eléctricas, onde chegavam os sons das Caraíbas, da África do Sul, de Londres ou de Nova Iorque.

Trocou o inglês de Sam Cooke pelo shona e, no auge da luta pela libertação, em 1978, lançou “Hokoyo!” (“Atenção!”). Nele, dizia às mães do Zimbabwe que enviassem os filhos para a guerra - e por isso foi preso. Dois anos depois, “Gwindingwi Rine Shumba” (“Está um Leão no Arbuseto”), canta o orgulho num país novo, música alta celebrando o passado que o antecedeu - nele, álbum de esperança, Mapfumo canta louvores ao primeiro ministro eleito, Robert Mugabe, e ao seu novo governo.

Ambos os álbuns, o primeiro gravado com a Acid Band, o segundo com o grupo que montou depois, The Blacks Unlimited, foram agora alvo de reedição e são matéria de uma magnífica intemporalidade (invenção musical, o nascimento de uma nova linguagem). São paralelamente, e sem paradoxo, dois manifestos históricos, indissociáveis do seu tempo e da história do país onde nasceram.

A vida ensinou-o a desconfiar “Flash-forward” para 2002. Mapfumo, um dos músicos mais respeitados do Zimbabwe, abandonara-o há alguns anos. Tudo começara em 1989, quando editou “Corruption”. Uma chamada de atenção, tal como havia feito dez anos antes, mas com outro destinatário. Já nada havia a louvar

em Mugabe e Mapfumo deixava-o claro. A sua música deixou de passar no rádio, o cerco apertou-se. Coisa mesquinha, típica de ditaduras: acusado de envolvimento numa rede de venda de automóveis, crime comum que o transformaria em preso político, é obrigado a exilar-se. Poge para o Oregon, EUA, onde ainda reside.

Eis-nos então em 2002. Em entrevista ao magazine online Afropop, perguntam-lhe se Morgan Tsvangirai, a face mais visível da oposição a Mugabe (hoje membro do governo de transição que gere o país), seria alternativa ao poder instalado. A resposta é elucidativa - a vida ensinara-o a desconfiar: “Não sei. Com estes políticos, nunca podemos prever o que acontecerá. Tens que acreditar em ti próprio e no povo.” Acentua: “Acreditar no povo, porque é ele a maioria.” De certa forma, fora essa convicção que o conduzira a “Hokoyo!” e “Gwindingwi Rine Shumba”.

Mergulhou na raiz popular, renovou-a, tornou-a voz daqueles que representava. Fê-lo com a inventividade de um visionário - unificando os sons cosmopolitas que fluíam pela cidade a algo mais permanente, transpondo as melodias encantatórias e torrenciais da mbira para guitarra eléctrica. E fê-lo com a pose ativa e confrontante de Fela Kutí, o mítico músico nigeriano.

Conta-se que durante uma das habituais rusgas da polícia de Ian Smith nos bairros negros, os agentes armados deram a também habitual ordem à população para se dispor frente a uma parede. Mapfumo disse-lhes que

Em 2008, ano das últimas e sangrentas eleições no Zimbabwe, Mapfumo votou em Tsvangirai, opositor de Mugabe. Não permitiu, contudo, que a sua música fosse usada nos comícios do candidato que apoiava. “Não pertence a nenhum partido político. Sou um mensageiro. Um combatente pela liberdade”

esperassem. Entrou em casa. Regressou. Tinha vestido o casaco prateado que usava em palco. Depois, então sim, encostou-se à parede - não fosse a ironia de ter sido reconhecido por um dos polícias, que, fã da sua música, perdoou a afronta, a “audácia” do gesto custar-lhe-ia caro.

Olhando para as capas dos seus dois primeiros álbuns, estes agora reeditados, identificamos um curioso

paralelismo que reflecte aquilo que representam. A capa de “Hokoyo!”, negra e de título a vermelho sangue, mostrando uma multidão fotografada em expressivo preto e branco, recorda-nos a de “O Canto e as Armas” de Adriano Correia Oliveira, grito por mudança em tempos de ditadura, onde o vermelho não era só sangue, era sangue escorrendo. Já a capa de “Gwindingwi Rine Shumba” mostra os músicos como agricultores numa paisagem rural, com Mapfumo destacando-se como figura tutelar, feiticeiro vestido de negro. O seu peso simbólico nada tem de épico, como “Hokoyo!”. É uma celebração de tradição e a manifestação de um desejo de futuro. Excepto pela figura de Mapfumo, tem algo dos arados e lavradores de um álbum como “... E Vira Bom”, editado pelo GAC (Grupo de Acção Cultural) durante o fervor revolucionário do pós-25 de Abril. Naquelas capas, duas histórias diferentes, dois momentos históricos semelhantes.

Em 2008, ano das últimas e sangrentas eleições no Zimbabwe, Thomas Mapfumo votou em Tsvangirai, principal opositor de Mugabe. Não permitiu, contudo, que a sua música fosse usada nos comícios do candidato que apoiava. “Não pertence a nenhum partido político. Sou um mensageiro. Um combatente pela liberdade. Um representante. Se alguém me apontar o dedo, estarão a apontá-lo ao povo”. O leão do Zimbabwe não deixou de rugir.

Ver crítica de discos págs. 40 e segs

O primeiro rugido do leão do Zimbabwe

Em 1978, Thomas Mapfumo lançou “Hokoyo!” e disse às mães do Zimbabwe que enviassem os filhos para a guerra. Dois anos depois, em “Gwindingwi Rine Shumba”, cantou a esperança de um país novo. São os dois primeiros álbuns do “Leão do Zimbabwe”, agora reeditados. Magnífica e intemporal invenção musical. *Mário Lopes*



Obrigado a exilar-se, vive hoje nos EUA

verdade

Um jornal deve convidar um artista para fazer o... digital? Curadores e investigadores de fotografia



“Ruins of the Second Gilded Age”, portfolio na revista de domingo do “New York Times” (5 de Julho). A sua versão mais alargada, online, deu origem a um debate entre os visitantes do fórum de discussão Metafilter: um deles, programador informático, veio mostrar que uma das imagens tinha sido manipulada; foi o rastilho para questionar a credibilidade do trabalho de Edgar Martins

A página de Internet do “New York Times” que em tempos teve fotografias de Edgar Martins parece-se com uma cena de crime depois de limpa. Onde antes estava um “slideshow” com uma série de imagens existe agora uma nota editorial, datada de 8 de Julho, explicando que a descoberta de indícios de manipulação digital levou o jornal a remover as fotografias. “Se os editores soubessem de antemão que as fotografias tinham sido manipuladas digitalmente, não teriam publicado o ensaio fotográfico”, lê-se.

Recapitulando: a revista de domingo do “New York Times” encomendara ao fotógrafo português radicado em Londres fotografias sobre projectos de construção em diferentes estados americanos que foram interrompidos

enquanto a blogosfera e a imprensa amplificaram o caso.

É desonesto?

Episódios idênticos já custaram o emprego a fotógrafos americanos: em 2007, Allan Detrich demitiu-se do diário “Toledo Blade”, onde trabalhava há 18 anos, depois de se descobrir que tinha apagado as pernas de uma pessoa de uma das suas fotografias. Fê-lo por razões estéticas, e o seu gesto não alterou substancialmente a leitura da fotografia - tratava-se de um elemento a mais: as pernas de um observador da cena que estava a ser fotografada - mas Detrich, fotógrafo multi-premiado, nunca mais trabalhou no “Toledo Blade”. “Leitores têm-nos perguntado porque é que isto tem tanta impor-



pelo colapso do mercado imobiliário. Intitulado “Ruins of the Second Gilded Age” (Ruínas da Segunda Idade de Ouro), o portfolio foi publicado na revista de 5 de Julho e uma versão mais alargada foi disponibilizada em “slideshow” no “site”. Foi este último que deu origem a amplo debate entre os visitantes do fórum de discussão Metafilter: um deles, programador informático, veio mostrar que uma das imagens - a estrutura de madeira no interior de uma casa - tinha sido manipulada porque metade da fotografia era o espelho da outra metade. Foi o rastilho para questionar a credibilidade do trabalho de Martins: percebeu-se que outras fotografias também tinham sido rearranjadas digitalmente. O embaraço era tanto maior uma vez que o “New York Times” fizera questão de apresentar o trabalho de Edgar Martins, na revista e na versão “online”, referindo que ele “cria as suas imagens - a estrutura de madeira no interior de uma casa - tinha sido manipulada porque metade da fotografia era o espelho da outra metade”. Desde que deixou a nota editorial no “site” - o equivalente ao contornar branco de uma silhueta no local do crime - o “New York Times” recolheu-se no silêncio como uma vítima pós-trauma,

Edgar Martins tem trabalhado fundamentalmente no campo artístico. Tem feito carreira internacional e o reconhecimento crítico tem sido meteórico - aos 32 anos, é apontado como um dos mais promissores fotógrafos da sua geração



Margarida Medeiros

“Ele não devia deixar que essa etiqueta [não manipulação] saísse nas fotografias. É para evitar que as pessoas pensem: ‘É tudo Photoshop.’ Mas não é isso que dá qualidade ao trabalho.”

Investigadora e professora de fotografia

tância. O que há de errado em alterar o conteúdo de uma fotografia que é publicada num jornal?”, escreveu um dos directores do jornal, pronunciando-se sobre o caso. “A resposta é simples: é desonesto. O jornalismo, quer use palavras ou imagens, deve ser uma representação rigorosa da verdade.” Uma investigação interna demonstrou que Detrich tinha alterado digitalmente dezenas de fotografias publicadas pelo jornal. O que é feito de Detrich? Fotografa casamentos e tempestades.

Há mais casos de onde este veio, mas Detrich era fotojornalista, ao passo que Edgar Martins tem trabalhado fundamentalmente no campo artístico. Tem feito carreira internacional e o reconhecimento crítico tem sido meteórico - aos 32 anos, é apontado como um dos mais promissores fotógrafos da sua geração. A selecta Aperture editou o seu livro “Topologies” e as bolsas e prémios têm-se sucedido - foi o vencedor do BES Photo 2008 (25 mil euros), actualmente é um dos 12 finalistas do Prix Pictet, com o alemão Andreas Gursky e o britânico Chris Steele-Perkins. Mesmo quando o seu trabalho se tem cruzado com

temas próximos do fotojornalismo ou do registo documental - os incêndios nas florestas portuguesas, um levantamento visual dos aeroportos em Portugal - as intenções têm sido outras e os canais de divulgação têm sido, por excelência, as galerias e museus.

Um fotojornalista tem uma obrigação profissional para com a “verdade”, um artista “faz o que lhe apetece”, diz Margarida Medeiros, investigadora e professora de fotografia. “É legítimo ele usar o que quiser. Pode até usar só um quarto da fotografia.” Só que já não estamos na galeria - o contexto de apresentação do trabalho foi um jornal. “É sempre um erro estarmos a fazer afirmações sobre a fotografia se não mencionarmos de que contexto de uso estamos a falar. A questão factual é completamente relevante para a imprensa mas completamente irrelevante na arte”, lembra Sérgio Mah, curador de fotografia e comissário da PhotoEspaña.

Jorge Pedro Sousa, professor de jornalismo na Universidade Fernando Pessoa, no Porto, e autor de vários livros sobre fotojornalismo, concorda com a reacção do “New York Times”. “A manipulação fotográfica não deve

Edgar Martins ou consequência

trabalho de um fotojornalista? Um fotógrafo deve assumir sem pudor que faz manipulação e um professor de jornalismo falam sobre a controvérsia entre o fotógrafo Edgar Martins e o “New York Times”. *Kathleen Gomes*

Fotografia



Sérgio Mah

“É um erro fazermos afirmações sobre a fotografia sem mencionarmos o contexto de uso [um jornal]. A questão factual é relevante para a imprensa mas irrelevante na arte”

Curador de fotografia e comissário da PhotoEspaña.

ter lugar excepto quando é para haver um ganho informativo e desde que os leitores sejam informados disso. Vamos imaginar uma imagem de um bombardeamento: se calhar não conseguimos ter na mesma fotografia os aviões e os efeitos das bombas. Por isso, poderíamos eventualmente combinar numa única imagem digitalmente manipulada as duas coisas. Desde que o leitor seja informado devidamente de que se trata de uma imagem alterada, há aí algum ganho de informação, mas noutras ocasiões não. E sobretudo não acho que a alteração digital das fotografias da forma como foi feita no caso do ‘New York Times’ possa ser feita de forma insidiosa, sem o leitor saber que estaria a ser confrontado com imagens digitalmente alteradas.”

O Livro de Estilo do “New York Times” estabelece que as imagens publicadas na edição em papel ou “online” “devem ser genuínas em todos os aspectos”, o que implica que “nem pessoas nem objectos podem ser acrescentados, rearrumados, invertidos, distorcidos ou removidos de uma cena”. O jornal admite reenquadramento da imagem e ajustamentos cro-

máticos “limitados”. Respondendo a perguntas dos leitores no dia 18 de Junho, a supervisora máxima da fotografia no “New York Times”, Michele McNally, explicava que o jornal “espera que todos os seus fotógrafos - efectivos ou contratados - adiram a estas linhas de orientação”. E descreveu “as muitas etapas de escrutínio por que uma imagem passa” antes de ser publicada. No “New York Times”, cada secção tem o seu editor de fotografia - é ele quem primeiro vê as imagens, seguido do editor de fotografia da primeira página. Se houver algum elemento duvidoso, é pedido ao fotógrafo que envie os originais, que o editor tratará de abrir no programa Photoshop, ampliando “áreas questionáveis”. Posteriormente, na fase de produção gráfica, podem surgir “discrepâncias” e os editores serão avisados. “Já houve ocasiões em que requisitei os ficheiros originais por julgar que a imagem estava demasiado trabalhada, apenas para descobrir que estava errada”, concluiu McNally. (Tanto McNally como a editora de fotografia da revista do “New York Times”, Kathy Ryan, foram contactadas por e-mail pelo Ípsilon, mas não responderam.)

Episódios idênticos já custaram o emprego a fotógrafos americanos: em 2007, Allan Detrich demitiu-se do diário “Toledo Blade” depois de se descobrir que apagava as pernas de uma pessoa de uma das suas fotografias

Há quem pense que se o “New York Times” não tivesse referido inicialmente que as imagens de Martins não tinham sido alvo de manipulação digital, não haveria razões para escândalo. Para Sérgio Mah, Edgar Martins devia ter “clarificado” com o jornal que se tratava de “um ‘statement’ artístico”. “E o jornal devia ter sido mais aberto e ter acentuado: ‘Isto é o trabalho de um artista’. O marketing que o ‘New York Times’ fez foi superficial. Devia ter valorizado outras coisas do trabalho quando valorizou pormenores de resistência do jornalismo. Aquilo que aparece hoje em jornais e revistas não é absolutamente literal.”

Emília Tavares, historiadora e curadora de fotografia, considera que se o objectivo do jornal era produzir um trabalho documental, então Edgar Martins “era o fotógrafo menos apropriado para isso”, um “erro de ‘cas-

ting””. Descreve-o como “um fotógrafo onírico”, cujas imagens “remetem sempre para um universo que não é o da realidade”. Mas essa ambiguidade visual presente nas fotografias de Edgar Martins - o facto de parecerem quase sempre encenadas ou idealizadas - fez certamente parte das intenções do “New York Times” quando escolheu Edgar Martins e não outro fotógrafo mais próximo da tradição documental ou um fotojornalista. “Nesse sentido, o tiro saiu-lhes pela culatra”, diz Emília Tavares.

Não-manipulação: valor reafirmado

Em entrevista ao PÚBLICO no dia 10 de Julho, falando pela primeira vez do caso, Edgar Martins admitia ter recorrido a um técnico de Photoshop para introduzir alterações em imagens →

BICHOS

JOANA VASCONCELOS

Centro Cultural São Lourenço
Almancil, Algarve
Até 20 de Agosto

Horário: Ter. > Dom. 10:00 - 19:00
Tel: 289 395 475 | E-mail: ccs@iul.pt
www.centroculturalssalourenco.com

← do trabalho, adiantando que o “New York Times” nunca lhe pedira abordagem factual. Referiu-se a “um desencontro” sobre o modo como cada uma das partes assumiu o ponto de partida para o trabalho.

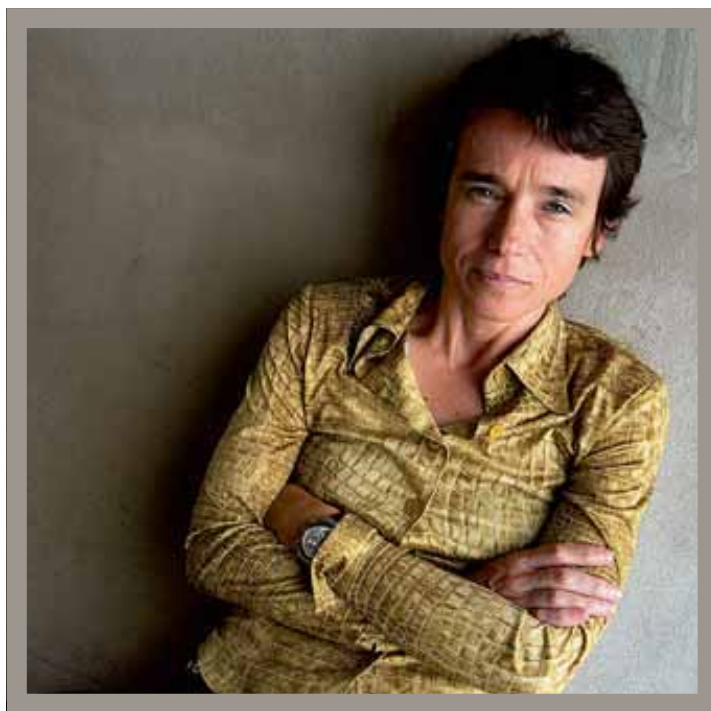
Ao referir que as fotografias de não tinham qualquer manipulação digital, o “New York Times” estava apenas a repetir um argumento que tem sido utilizado para descrever o trabalho do fotógrafo. Aliás, aquele jornal não foi o único a retractar-se - também a editora Aperture, que publicou “Topologies”, descrevia o trabalho de Martins no seu “site” como o produto de “uma composição virtuosa e de um enquadramento meticuloso - mas sem manipulação digital”. Depois de uma polémica ter surgido, a Aperture retirou a

A não-manipulação tem sido um valor reafirmado pelo autor em entrevistas



frase “mas sem manipulação digital”. Em entrevista à revista “Time Out Lisboa”, o fotógrafo afirma: “Não tenho qualquer controlo sobre essas sinopses que são escritas por outras pessoas e que depois são divulgadas.” Basta consultar os artigos de imprensa que têm saído sobre o seu trabalho e que Edgar Martins disponibilizou no seu “site” para verificar como a não-manipulação tem sido um valor reafirmado pelo autor em entrevistas. “Quando fotógrafo, não faço qualquer pós-produção sobre as imagens, seja

na câmara escura seja digitalmente” (“Artmostfierce”, Abril de 2008). “Apesar de não fazer nenhuma intervenção física além de enquadrar [a imagem], concordo que o meu trabalho é bastante teatral” (“Hot Shoe”, Março de 2008). “Não faço uso de equipamento digital. (...) prefiro (...) usar apenas os seus aspectos mais espontâneos [da produção fotográfica]” (“Arte e Arquitectura”, Maio de 2009). No livro “Topologies”, Edgar Martins diz: “No caso do meu trabalho, o que parece ser uma fotografia altamente



Emília Tavares

“Exista ainda pressão histórica, crítica, cultural e de mercado em relação à manipulação. O fotógrafo não tem obrigação de dizer se manipulou ou não”

Historiadora e curadora de fotografia

controlada e manipulada não é senão um produto de ilusão. A ilusão do processo fotográfico. Isso é particularmente evidente em ‘The Accidental Theorist’. A maior parte das pessoas parte do princípio que estas imagens são manipuladas, ou talvez mesmo encenadas. A verdade é que não há qualquer trabalho de pós-produção, nenhuma manipulação na câmara escura ou no computador.” Edgar Martins defende que estas afirmações foram feitas “no contexto de projectos muito específicos, como o livro ‘Topologies’” (“Time Out Lisboa”), mas elas surgem quase sempre como referências ao conjunto do seu trabalho.

“O que é criticável é ele ter insistido como argumento de defesa do trabalho que não havia nenhuma manipulação, é alguém assumir isso como um valor artístico”, nota Sérgio Mah. “É uma falsa questão, em 2009, que um fotógrafo manipule as suas fotografias. Se falarem com Jeff Wall [artista canadiano cujas fotografias são encenadas], as primeiras dez coisas que ele diz sobre o trabalho não são isso. A fotografia é silenciosa e defende-se visualmente.”

Margarida Medeiros concorda. “Ele não devia deixar que essa etiqueta saísse nas fotografias. Sei que é para evitar que as pessoas pensem: ‘Ah, isto é tudo Photoshop.’ Mas o facto de ser Photoshop ou não ser, não é o que dá qualidade ao trabalho. Quando se diz ‘isto é só Photoshop’ é porque a fotografia não tem interesse nenhum. É porque não convoca nada de novo, nada que nos faça reflectir sobre isso.”

Emília Tavares: “Acredito que exista ainda uma pressão histórica, crítica, cultural e até de mercado em relação à manipulação. O fotógrafo não tem obrigação nenhuma de dizer se manipulou ou não. É um instrumento de criação como outro qualquer - como a obturação, a exposição, a velocidade, o tipo de luz, se usa flash ou não.”

Quanto à série de fotografias produzidas para o “New York Times”, a historiadora considera que “o sentido

geral do trabalho não se perdeu” apesar das alterações introduzidas digitalmente. “A essência da imagem não foi modificada. Uma pessoa olha para aquelas imagens e o que é que vê? Desolação, abandono.” Sérgio Mah também relativiza: “Ele não está a fotografar o particular, mas o geral. Não são fotografias sobre a casa na Rua 33, às 5h30 da tarde. Aquelas casas são todas as casas que estão abandonadas, são abstracções.”

Para Emília Tavares, trata-se de “uma polémica de uma sociedade que está muito sensível em relação à sua própria crise”. O britânico Paul Wombell, curador e membro do júri que atribuiu o prémio BES Photo a Edgar Martins, também refere que é um assunto delicado. “Se tivesse sido outra história, não directamente relacionada com isto... Por exemplo, se fosse sobre férias, não teria adquirido tanto peso. Mas a crise do ‘subprime’ nos Estados Unidos, que resultou da manipulação do mercado financeiro, é talvez um dos acontecimentos mais importantes na América nos últimos dez anos.”

Apesar da controvérsia, Wombell continua a afirmar que Martins foi “um vencedor meritório”. “Não estávamos a avaliar se as fotografias eram manipuladas ou não. Não era um prémio de fotografia documental, é mais vasto do que isso. E se bem me lembro, algumas das outras obras que estavam a concurso apresentavam manipulações de várias formas diferentes.”

Edgar Martins recusou ser entrevistado para o Ípsilon.



Paul Wombell

“Não estávamos a avaliar [no júri] se as fotografias eram manipuladas ou não. Não era um prémio de fotografia documental, é mais vasto do que isso”

Curador e membro do júri que atribuiu o prémio BES Photo a Edgar Martins

Agradecimento ao muito iglantónico Ricardo Pais*

D. Duardos, de Gil Vicente (7862 espectadores - média: 206/dia); **A Salvação de Veneza**, de Thomas Otway (5405 espectadores - média: 225/dia); **Raízes Rurais, Paixões Urbanas**, de Ricardo Pais (10124 espectadores - média: 633/dia); **As Lições**, de Ionesco (9153 espectadores - média: 339/dia); **Noite de Reis**, de W. Shakespeare (8337 espectadores - média: 397/dia); **Linha Curva, Linha Turva**, de Ricardo Pais (1254 espectadores - média: 314/dia); **Para Chopin+Para Garrett**, de Ricardo Pais (2559 espectadores - média: 366/dia); **Arranha Céus**, de Jacinto Lucas Pires (7190 espectadores - média: 342/dia); **Madame**, de Maria Velho da Costa (24250 espectadores - média: 475/dia); **Castro**, de António Ferreira (24551 - média: 371/dia); **Rua**, de Ricardo Pais/Vitor Rua (633 espectadores - média: 316/dia); **Um Hamlet a Mais** (11065 espectadores - média: 246/dia); **Sondai-me**, de Ricardo Pais (3486 espectadores - média: 129/dia); **Figurantes**, de Jacinto Lucas Pires (4488 espectadores - média: 299/dia); **Cabelo Branco é Saudade**, de Ricardo Pais (10709 espectadores - média: 369/dia); **UBUs**, de Alfred Jarry (7458 espectadores - média: 240/dia); **D. João**, de Molière (11600 espectadores - média: 264/dia); **Frei Luís de Sousa**, de Almeida Garrett (2437 espectadores - média: 244/dia); **O Saque**, de Joe Orton (4515 espectadores - média: 161/dia); **Turismo Infinito**, de AMFeijó/Fernando Pessoa (18541 espectadores - média: 343/dia); **Caixa da Música**, de Arrigo Barnabé (601 espectadores - média: 200/dia); **O Mercador de Veneza**, de W. Shakespeare (12696 espectadores - média: 470/dia).

Porto. Paris. Lisboa. Roma. Viseu. Turim. Reims. São Paulo. Curitiba. Porto Alegre. Faro. Braga. Aveiro. Guimarães. Torres Novas. Nápoles. Madrid. Guarda. Bordéus. Frankfurt. Santiago de Compostela.

"As muitas criações cénicas pelas quais [Ricardo Pais] foi responsável [...] surgiram sempre acompanhadas por um investimento, tão lúdico quanto profundamente sério, na exploração e articulação das possibilidades expressivas das várias linguagens que constituem a própria matéria do teatro [...], com uma especial atenção ao redimensionamento dos recursos do actor". PAULO EDUARDO CARVALHO (livro *Ricardo Pais. Actos e Variedades*).

*** Neste final da Temporada Teatral 2008-2009, em nome de todos os que se orgulham de ter partilhado treze dos seus mais produtivos anos como Encenador, Director Artístico e Gestor, durante os quais esta Casa se afirmou nacional e internacionalmente como espaço exemplar de Criação e de Solidariedade enquanto Teatro de Arte (211 produções próprias, 173 co-produções, 224 acolhimentos nacionais e internacionais).**

FRANCISCA CARNEIRO FERNANDES
(presidente do Conselho de Administração)

NUNO CARINHAS
(director artístico)

Raízes Rurais. Paixões Urbanas

"Ricardo Pais procurou uma encenação onde a 'dramaturgia seria a própria música'. Consegue-o através de um encadeamento de imagens e consentindo a todos - músicos, jovem rapariga de voz clara, velhas senhoras armadas de matracas, dançarinos com bigodes, guitarristas com um ar sério - uma rara liberdade, assegurando uma igualdade muito democrática entre o piano clássico e o cântaro de leite". VERONIQUE MORTAIGNE (jornal *Le Monde*).

"O ineditismo de *Raízes Rurais, Paixões Urbanas* está longe de se esgotar na fusão de expressões musicais radicadas em culturas e tempos distintos. O modo como a mistura foi empreendida, sem beliscar minimamente as mais variadas tradições, denota uma abertura de espírito onde coabitam o absoluto respeito pelas formas de arte popular e a vontade de percorrer novos caminhos". MARCOS CRUZ (jornal *Diário de Notícias*).

Madame

"O ar radiante que Eunice Muñoz exibiu na estreia em São Paulo manter-se-á certamente, alimentado pelas casas esgotadas e pela festa que os brasileiros se dispõem a fazer com o teatro português, acabado de chegar àquela lado do Atlântico. Missão cumprida do ponto de vista político e artístico de um projecto de teatro nacional desenvolvido e experimentado em múltiplas frentes". CRISTINA PERES (semanário *Expresso*)

D. João

"É uma máquina de prazer retórico aquela que está em cena no Teatro Argentina, com o irreverente, amoral e euforicamente desesperado *D. João*, de Molière, segundo a encenação do português Ricardo Pais [...]. A sua ousadia conceptual, operativa e linguística corresponde à irreverência já experimentada por Ricardo Pais em *UBUs* que vimos em Roma". RODOLFO DI GIAMMARCO (jornal *La Repubblica*).

"Ricardo Pais repropõe a obra-prima de Molière numa encenação austera [...]. O ateísmo e o cinismo de *D. João*, bem como a rebelião obstinada à moral e ao poder, atingem uma relevância notável nesta versão de Ricardo Pais. [...] Graças à mestria de todos os actores, o espectáculo define-se como o triunfo da retórica em palco". SUSANNA BATTISTI (site *chiamarama*).

"O encenador português Ricardo Pais oferece-nos uma pessoalíssima releitura de *D. João*, de Molière: uma revisão, também ela, de um clássico da literatura dramática, prosseguindo assim um percurso já iniciado com outras grandes personagens e mitos da tradição teatral, de *Hamlet a Ubu*". EMÍLIA CONSTANTINI (jornal *Corriere della Sera*).

Castro

"[...] registre-se um caso fascinante proveniente de Portugal [...] onde Ricardo Pais conseguiu, com enorme sucesso, recuperar e dar vida nova a um texto escrito em meados do séc. XVI por António Ferreira. [...] O espectáculo capta este sentimento [triunfo da ausência, um prelúdio de *fado*, que significa destino imutável e predestinado] nos ritmos rápidos conferidos à acção, assegurando-lhe uma cadência poética, ao passo que a vibração da música é reforçada pela projecção [...] dos vídeos de Fabio Iaquone, que agem como fantasmagóricos vórtices brancos e vermelhos de sangue, evocadores das chacinhas e da presença obsessiva dos mortos." FRANCO QUADRI (*Il Patalogo 26: Annuario del Teatro 2003*)

UBUs

"Combinação exaltante de talentos, esforços e recursos, *UBUs* resultou, sobretudo, da fértil imaginação criativa do seu encenador, Ricardo Pais, que conseguiu integrar a revisão de

um importante momento fundador da dramaturgia contemporânea num projecto cénico de amplo alcance artístico, crítico e formativo. [...] Que a criação deste espectáculo tenha coincido com um momento de mais efectiva internacionalização da produção do TNSJ é simplesmente um motivo adicional para celebrarmos a vitalidade deste projecto, com a atenção e a responsabilidade que nos cabe também enquanto espectadores". PAULO EDUARDO CARVALHO (revista *Sinais de Cena*)

Cabelo Branco é Saudade

"Raridade aplaudidíssima no Teatro Mercadante, no âmbito do festival NapoliScenaInternazionale, a estreia italiana do concerto-espectáculo produzido pelo TNSJ do Porto [concebido e dirigido por Ricardo Pais] adopta uma montagem minimalista para simultaneamente conter e sublinhar o emocionante canto livre das últimas senhoras de Alfama e da Mouraria". FEDERICO VACALEBRE (jornal *Il Matino*).

"[...] o fado sai da taberna para se dirigir ao teatro vestido de gala. É um privilégio poder assistir a um espectáculo refinado e emotivo como o que propõe Ricardo Pais: três vozes de uma tradição esquecida e uma muito jovem, que aprendeu na mesma escola. O fado apresentado com amor e respeito. [...] Os prolongados e calorosos aplausos foram mais do que merecidos". CARLOS GALILEA (jornal *El País*).

O Saque

O contraste entre uma linguagem contida e polida e a situação excêntrica é o elemento que suscita imediatamente a gargalhada e, num segundo momento, a reflexão. Ricardo Pais evidencia bem este mecanismo dramático, deslocando com talento a comédia tipicamente *british* de Orton para latitudes mais quentes, enquanto os actores interpretam com um convincente estranhamento as suas hiper-realísticas personagens". LAURA BEVIONE (excerto de "UTEFEST: da Sofocle a Orton"). HYSTRIO: Trimestre di Teatro e Spettacolo)

Turismo Infinito

"Considerado o melhor de Portugal em 2007, o espectáculo é de uma companhia cujo trabalho transformou o teatro português" (revista *Bravo / São Paulo*), que esgotou o Teatro Paulo Autran/SESC São Paulo durante este noites [4.910 espectadores].

"Unindo sensibilidade e inteligência, Ricardo Pais dirige um quinteto (de actores) que deixará saudades pela apaixonada representação e domínio vocal. Um espectáculo que ajudará a manter o gosto por Fernando Pessoa. [Uma] aventura criativa que faz de *Turismo Infinito* o instante absoluto em que nos reencontramos na língua, na poesia, no teatro". JEFFERSON DEL RIOS (jornal *Estado de São Paulo*).

"Pela forma como deposita a paixão poética, a sapiência teatral e a identidade artística ao serviço de um claríssimo desejo de comunicação, Ricardo Pais merece que o seu espectáculo seja elevado a exemplo de como se cativa público para o que todos classificamos serem as referências fundamentais da nossa cultura." MARCOS CRUZ (*Diário de Notícias*).

O Mercador de Veneza

"Se o segundo acto é de uma contenção só comparável à simplicidade da estrutura cénica concebida para este espectáculo, o primeiro acto chega a ser de uma violência insuportável. A encenação do ódio, durante o julgamento de Shylock, é um dos momentos mais poderosos de um espectáculo que ficará como um dos exemplos maiores da riqueza artística de um encenador que ousa o inesperado e reabre, assim, as portas a uma discussão nunca acabada." VALDEMAR CRUZ (semanário *Expresso*).

Olhamos para “Royal Blood”, uma das mais conhecidas séries de Erwin Olaf, e, depois, para os trabalhos da exposição que hoje inaugura no Convento da Saudação, em Montemor-o-Novo, e é claro que alguma coisa mudou.

Continuamos perante imagens hiper-estilizadas, sim, esvaziadas dos traços de qualquer espontaneidade, com todas as arestas limadas, todas as rugosidades alisadas, todos os desníveis aplainados e polidos ao ponto de a sua superfície transparente se tornar numa espécie de muralha invisível, cerosa e dura, intransponível. Ao ponto de essa superfície parecer, na verdade, praticamente tudo o que há.

Para onde quer que olhemos, estamos perante essa mesma espécie de “what you see is what you get” que podemos identificar na maior parte da sua obra, mesmo quando esta se torna mais truculentamente barroca.

O que é que mudou então desde uma série como “Royal Blood”, com os seus ambientes assépticos e as su-

as princesas (i)maculadas, com a pele de porcelana, os vestidos brancos e os diamantes reluzentes manchados pelo vermelho do sangue de amputações e de facas que lhes foram espetadas nas costas? Antes de mais, mudou o universo de referências.

Para a sua mais recente série de trabalhos, Erwin Olaf decidiu ir buscar referências da escola espanhola de pintura. El Greco, Murillo, Picasso, Velázquez, Zurbarán... Apenas uma excepção nacional - com Caravaggio.

É Erwin Olaf em cima de “O Bobo de Calabacillas”, “D. Mariana de Áustria” e “Marte” (Velázquez), Erwin Olaf em cima de “Duas Mulheres à Janela” (Murillo), “A Dama do Armínio” (El Greco), “Santa Apolónia” (Zurbarán), “Le Meneur de Cheval” (Picasso) e “A Ceia de Emaús” (Caravaggio). Não palimpsestos, duplos exactos que façam reemergir do fundo da memória histórica os seus referentes originais. São mais simples-

mente aproximações, imagens coladas às figuras, às poses e aos ambientes das pinturas em que se baseiam. Trabalhos menos artificiosos e trabalhados do que é hábito para Olaf, mais orgânicos e realistas, infinitamente mais orgânicos e realistas do que o delírio “pop” de séries como “Paradise” (sobre o clube com o mesmo nome), verdadeira orgia circense de cor e sexualidade.

“Neste momento interessa-me estudar”, diz-nos Erwin Olaf com toda a simplicidade quando nos atende o telefone do seu estúdio, em Amsterdão. “Talvez tenha a ver com a idade”, acrescenta a rir.

Aos 50 anos e com um percurso que tem passado em grande medida pela publicidade e a moda - apesar dos cruzamentos cada vez mais frequentes com certos circuitos de galerias e museus -, Erwin Olaf está mais do que habituado a trabalhar sob encomenda. Mais do que habituação, também, a fazer com que as enco-

mendas que aceita se verguem na direcção do que lhe interessa explorar. Neste caso, o pedido era fotografar os espaços arquitectónicos do centro de arte e criação industrial El Laboral, inaugurado há dois anos em Gijón, nas Astúrias, Norte de Espanha, e dirigido pela antiga líder da feira de arte contemporânea de Madrid, Rosina Gómez-Baeza.

Dedicado aos novos media e à sua apropriação pelo universo das artes plásticas, percebe-se porque terá o centro pensado em Olaf, mestre na pós-produção de imagem. À sua disposição, como cenário, ficava com mais de 12 mil metros quadrados de área útil, entre espaços expositivos, laboratórios e bastidores, num centro com um orçamento anual de 3,8 milhões de euros. Isto tendo apenas em conta o centro de artes, porque El Laboral, o complexo onde se pretende vir a criar uma Cidade da Cultura, são 130 mil metros quadrados de arquitectura fascista, uma espécie de

Da esquerda para a direita: “Duas Mulheres à Janela”, de Murillo; “A Ceia em Emaús”, de Caravaggio; e “Santa Apolónia”, de Zurbarán

Erwin Olaf, *agora* se



A lentidão contra a velocidade, a simplicidade contra o excesso. Com o seu mais recente pro j do excesso e da pós-produ

fortificação construída à volta de um pátio interior entre 1949 e 1955 para a educação dos filhos de mineiros e trabalhadores industriais desfavorecidos do pós-guerra franquista (11 milhões de euros investidos em trabalhos de conversão).

O actual momento psicológico de Olaf

“Hoje temos ‘photoshop’, estúdios, iluminação artificial. Os pintores antigos tinham uma fonte de luz, que podia ser uma lâmpada ou uma janela. Foi também o início da minha carreira, trabalhar com uma fonte de iluminação, em que as sombras eram preenchidas de maneira subjectiva. Neste momento acho que tenho muito a aprender com a pintura. Sobre composição, sobre luz...”

A luz, pois, numa espécie de “back to basics” (“ma non troppo”): com Olaf, qualquer a produção mais simples envolve normalmente 20 lâmpa-

“Comecei a perceber que é possível passar uma ideia melhor com estratégias mais simples. Escuro e simples: como Rembrandt. Se só se fazem as coisas de uma maneira, acaba-se a pensar que é a única maneira de fazer as coisas”

das e um batalhão de assistentes, ainda que até hoje continue a usar a mesma sombrinha reflectora comprada em 1983; “hoje, com isso e o ‘photoshop’ pode-se fazer quase tudo, mas não é agora o meu objectivo”, diz-nos.

Objectivo: comportar-se, quase, como um estudante de Belas-Artes sentado num museu frente a uma obra de referência, copiando-a uma e outra vez enquanto os seus segredos se tornam cada vez mais transparentes.

Olaf ri-se quando lhe propomos esta imagem e confirma. “Sim, como um estudante. Estou a estudar para o futuro. Não quero imitar, mas quero chegar às texturas dos materiais da pintura - uma renda, um cortinado que apetece tocar... Quero chegar aí com técnica fotográfica.”

Um artista mergulhado em cultos de personalidade nunca nos diria o que ele nos diz a seguir: “Sabe... Na minha carreira o maior perigo é só conseguir pensar em grande. É pre-

ciso também pensar pequeno. Depois do Laboral, quando acabei este projecto e voltei aos meus trabalhos, percebi que fazia retratos demasiado complicados, talvez também na tradição do retrato do meu país. É um beco sem saída no meu percurso. Comecei a perceber que é possível passar uma ideia melhor com estratégias mais simples. Escuro e simples: como Rembrandt. Se só se fazem as coisas de uma maneira, acaba-se a pensar que é a única maneira de fazer as coisas. Acabamos limitados. É preciso descobrir novas maneiras.”

Trata-se, diz ele, de identificar as batalhas que queremos travar e porquê: “Acho que também tem a ver com a idade. Entre os 30 e os quarenta era bastante agressivo. Dizia: ‘Aqui estou eu.’ Agora tenho 50 anos. As nossas emoções mudam. Se quisesse ficar rico repetia ‘Royal Blood’ dez vezes. Mas há dez anos precisava de uma série como ‘Royal Blood’ ou ‘Paraiso’, com todo o excesso de emo-

ções [que transmitem]. Agora não. E talvez não tenha só a ver com a idade. Travamos uma guerra e ganhamos - depois disso, para quê travá-la de novo? Eu mudei e o mundo mudou desde o 11 de Setembro.”

É a pergunta que muitos artistas se fazem muitas vezes na vida: “Não será tempo de abrandar?”

Erwin Olaf esteve de férias recentemente: “la estar três dias sozinho e no início a ideia assustou-me, por isso decidi levar uma data de filmes. Levei o ‘Morte em Veneza’ e o ‘Ludwig’, do Visconti. Não os via desde os anos 1980. São muito lentos. Desaceleraram o mundo. Emocionaram-me. Porque é que há-de ser tudo cada vez mais rápido? A beleza pode vir ao mundo só através dessa lentidão. Hoje em dia as pessoas compram fotografia e acham a pintura difícil. Acham os filmes lentos e a música clássica difíceis. Não será tempo de reavaliar e redescobrir a beleza desta lentidão, em vez do entretenimento rápido?”

em photoshop



jecto, Erwin Olaf diz ter encetado um “back to basics”. Um “back to basics” à medida do senhor
ção, claro. *Vanessa Rato*

“Dogpool (Logs)”: “[Os insufláveis] parecem todos iguais, mas têm ligeiras variações. Preocupo-me com a forma, o grafismo, a cor”, diz Koons



A cadeira suspensa de “Monkeys” (2003) é uma ligação ao mundo real



A arte como **contágio** em Jeff Koons

É a maior exposição que uma galeria pública britânica alguma vez dedicou a um dos artistas mais icônicos e controversos do nosso tempo. Na Serpentine, de Londres, Jeff Koons apresenta a série “Popeye”.
Vítor Belanciano, em Londres

Tarde cinzenta de Julho em Londres. Mas mesmo assim, no imenso e verdejante Hyde Park, o tempo parece suspender-se; corre-se, passeia-se, degusta-se uma refeição rápida, usufrui-se.

Nas imediações da Serpentine Gallery, instituição pública londrina e um dos espaços da arte contemporânea mais emblemáticos do mundo, uma pequena multidão contempla-se. Todos parecem interrogar-se acerca das razões de estarem ali.

Como sempre, há um grupo de

Jeff Koons inspirou-se num personagem criada há 80 anos, em plena Grande Depressão



Jeff Koons nada tem a dizer sobre este tempo de crise em que a sustentabilidade está ameaçada e o horizonte é incerto, dizem os detractores

japoneses que não tem dúvidas: estão ali porque estão ali e já que estão ali fotografam o que está ali. Em primeiro lugar, o pavilhão exterior da galeria, que é todos os anos concebido pelos mais diversos e reputados arquitectos.

Este ano foram convidados os japoneses Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, do atelier SANAA (o mesmo que ganhou o concurso internacional para o novo pólo de Serralves em Matosinhos). A sua construção temporária apresenta-se como um tecido orgânico, fundindo-se com a natureza envolvente, exteriorizando-a. Por entre árvores, uma peça escul-

Expos

No ano passado, as suas esculturas - entre elas a muito comentada por estes dias "Michael Jackson and Bubbles", pertencente à série "Banality", em que exalta o artifício e a decadência de ícones contemporâneos - ocuparam o Palácio de Versalhes. Agora, Londres acolhe a maior mostra que uma galeria britânica dedicou a um dos artistas mais controversos do nosso tempo. Inaugurou na primeira semana de Julho, prolongando-se até 13 de Setembro.

Uma ecologia de ideias

À entrada, o grupo de japoneses é destituído das máquinas fotográficas. Talvez por isso, o seu olhar aguiza-se. Vão-se as defesas. Os sentidos activam-se. De repente, ouve-se uma gargalhada, proveniente do meio do grupo. E outra. E outra. Num ápice, todos os que estão na sala riem. Ninguém consegue parar, olhando para uma mulher que se contorce, de riso.

Ri olhando para "Dolphin" (2002), um golfinho suspenso por entre utensílios de cozinha, ou será a culpa de "Acrobat", lagosta gigante, com bigode à Salvador Dalí, equilibrada por uma cadeira de madeira e um objecto metalizado? Nós rimos por contágio directo. Mas não só. Há na exposição um ambiente - Koons chamar-lhe-ia "uma ecologia de ideias" - evocador de uma contagiante alegria. Pinturas ou esculturas, homens, mulheres, animais, objectos, desenhos animados, Popeye e os seus músculos, o silicone de uma modelo em topless, brinquedos insufláveis completamente cheios de si, todos resplandecentes, a imagem da perfeição, gloriosamente felizes.

Koons gostaria de ter visto as suas peças fazerem rir uma mulher cujo riso contaminou os outros à volta. Na sua estética existe qualquer coisa de inocência, um regresso à origem, mesmo se os níveis de leitura são complexos. "Na infância existe apenas aceitação, não se sente que algo é esperado de nós" afirmava, em entrevista, ao "The Art Newspaper" de Julho, antes de explicitar o que gostaria que as suas peças comunicassem.

"Gostava que o público, ao ver as minhas peças, experimentasse algo semelhante àquele tipo de excitação que nos contagia quando somos confrontados com o nosso próprio potencial. Quando aprendemos a nadar, por exemplo. Nesses momentos somos inundados por um enorme sentimento de emancipação."

A experiência individual de uma exposição é essencial para Koons. Para ele, a arte está no observador, não no objecto. O observador deve ter confiança nas suas próprias experiências e na sua visão particular da arte. Para adquirir essa confiança - que ele define como auto-aceitação - utiliza arquétipos, imagens populares, com as quais todos se podem relacionar. No caso da série "Popeye", o cão de flores que está à entrada do Guggenheim de Bilbao; "Brançusi", o coelho feito de plástico espectral; ou a série "Made In Heaven", as fotos onde posa ao lado da ex-mulher, a actriz porno Cicciolina.

"Gostava que o público, ao ver as minhas peças, experimentasse aquela excitação que nos contagia quando somos confrontados com o nosso próprio potencial. Quando aprendemos a nadar, por exemplo. Nesses momentos somos inundados por um enorme sentimento de emancipação"
Jeff Koons

"Olive Oyl" e "Hook", ambas de 2003



de o início dos anos 80 que explora séries temáticas centradas no consumismo, na banalidade, na sexualidade, no prazer. Mas agora estamos em período de crise, a sustentabilidade está ameaçada, o horizonte é incerto. Jeff Koons nada tem a dizer sobre este tempo, dizem os detractores, como se a arte pudesse ser reduzida a um paradigma unificador. A verdade é que ele já não está nessa prateleira. Ama-se. Odeia-se. Mas não se passa ao lado.

Popeye e Olívia

A exposição da Serpentine mostra pinturas e esculturas, cedidas por instituições públicas e privadas, pertencentes à série "Popeye", iniciada em 2002, mas inclui muitas peças que foram concluídas pouco tempo antes da exposição londrina. "Todas as séries de trabalhos que completo respeiitam um longo período de incubação" dizia ao "New York Times", por alturas da inauguração na Serpentine. "Se tiver uma ideia hoje tenho que esperar pelo menos dois anos até esse trabalho estar amadurecido. O meu novo projecto, a seguir a 'Popeye', está em produção e vai levar mais alguns anos até estar terminado."

A maior parte dos trabalhos incorpora combinações surrealistas de objectos quotidianos, referências a obras de arte históricas, um imaginário próprio dos desenhos animados e bonecos insufláveis. Há peças in-

ditas, como "Popeye Train", composição onde integra elementos figurativos e abstractos, fazendo alusão a Popeye, o marinheiro, e Olívia Palito, a sua namorada, personagens dos emblemáticos desenhos animados concebidos há 80 anos, por alturas da Grande Depressão.

Popeye foi criado em 1929, em plena crise económica, e o seu espírito heróico repercutiu-se nas pinturas, onde surge invariavelmente a fumar cachimbo, e nas esculturas, com os infatigáveis bonecos insufláveis mantendo um ar optimista, apesar das escadas, dos obstáculos e dos mais diversos desperdícios que os rodeiam.

Há também muita ilusão. Os seguranças não têm mãos a medir pedindo que não se toque nas peças. Percebe-se a tentação. Os bonecos insufláveis infantis são afinal meticulosamente concebidos com materiais como alumínio e aço inoxidável. Algumas pinturas de grandes dimensões e cores saturadas que parecem colagens, ou reproduções mecânicas, foram pintadas à mão com tinta a óleo, com a ajuda de rabiscos computadorizados.

Não espanta que, no seu estúdio gigante de Chelsea, em Nova Iorque, se faça rodear de 120 assistentes. Os materiais que utiliza requerem um complexo processo de produção e as suas peças são tratados de precisão e detalhe. Às vezes, reconhece o próprio, o processo de criação adquire contornos obsessivos.

Os primeiros insufláveis de brincar na piscina adquiriu-os há nove anos, quando foi visitar a sua mãe, na Florida. Depois, já em casa, através da Internet, adquiriu mais uns quantos exemplares. Normalmente compra entre 100 a 200 exemplares de cada boneco. "Parecem todos iguais, mas têm ligeiras variações" justifica. "Preocupo-me com a forma, o grafismo, a cor."

Há qualquer coisa de fantasioso, infantil até, no seu imaginário. Mas quando fala do seu trabalho cita figuras da história da arte, cuja presença fantasmagórica se sente ali. Salvador Dalí, que chegou a conhecer na juventude, mas também Marcel Duchamp, pioneiro na utilização de objectos vulgares, ou os inevitáveis Roy Lichtenstein e Andy Warhol, figuras da 'arte pop', que já tinham até recorrido à imagem de Popeye no seu percurso. No caso de Koons, as referências e piscadelas de olho à história da arte não pretendem excluir ninguém. São apenas uma forma de conectar a sua iconografia pessoal com a história colectiva, como a cadeira suspensa que parece ser suportada por três macacos ("Monkeys"), nos conecta com o nosso mundo real.

É verdade que, no seu cosmos, apenas os fortes, bonitos, jovens e eternamente sorridentes parecem ter lugar. Talvez por isso, muitos dizem que a sua arte é cínica e manipuladora. Na série "Popeye" parece apenas interessado em despertar a fantasia, espécie de prazer inconsciente da infância, assumindo que existe qualquer coisa de transparentemente impessoal na sua arte. Uma arte que acontece, espera ele, dentro do espectador.

No final, o grupo de japoneses vé-lhe serem devolvidas as máquinas fotográficas. Falam uns com os outros de forma rápida. Não há gargalhadas, mas há risinhos. Parecem comentar o que acabaram de ver. Jeff Koons nunca perceberá exactamente se foi pela sua exposição, ou pelo simples prazer infantil de terem, outra vez, entre mãos, o seu objecto preferido, mas a verdade é que sorriem muito, uns para os outros, contentes.

tórica em alumínio vagueia pelo parque, contaminando-o.

Mas o grupo de japoneses não tem tempo a perder. No interior está "Jeff Koons: Popeye Series", exposição de uma estrela da arte contemporânea. É conhecido do grande público pelas esculturas grandiosas, inspiradas em objectos da cultura de massas, feitas em materiais inusitados. Entre os trabalhos que toda a gente conhece encontramos "Puppy", o cão de flores que está à entrada do Guggenheim de Bilbao; "Brançusi", o coelho feito de plástico espectral; ou a série "Made In Heaven", as fotos onde posa ao lado da ex-mulher, a actriz porno Cicciolina.

EXPOS

Vai ver se eu estou
online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Fantin-Latour forever

Uma retrospectiva marcante e inesgotável. **Oscar Faria**

Henri Fantin-Latour (1836-1904)

Lisboa. Fundação e Museu Calouste Gulbenkian. Avenida de Berna, 45A. Tel.: 217823700. Até 06/09. 3ª a Dom. das 10h às 18h.

Pintura, Desenho.

★★★★★

Em "O ateliê do pintor. Alegoria real", pintado em 1855, Gustave Courbet sintetiza sete anos da sua vida artística. Nessa imensa pintura - 361x598 cm -, o artista retrata num dos cantos Charles Baudelaire, sentado sobre uma mesa, a ler - a absorta figura do escritor é captada dois anos antes da publicação de "As flores do mal", cuja segunda edição, veio a lume em 1860, após a primeira ter sido retirada do mercado sob a acusação de obscenidade.

A obra de Courbet terá certamente inspirado Henri Fantin-Latour (1836-1904), havendo a notícia de que este artista terá ficado impressionado com a visita ao Pavilhão do Realismo, onde foi revelado o "O ateliê do pintor", trabalho entretanto recusado pelos organizadores da Exposição

Universal de 1855 - anos mais tarde, depois de travar conhecimento com Courbet, Fantin-Latour irá mesmo frequentar o seu ateliê durante alguns meses de 1861.

Os retratos de grupos contam-se entre as obras mais emblemáticas de Fantin-Latour, sendo apresentado na retrospectiva promovida pelo Museu Calouste Gulbenkian, comissariada por Vincent Pomarède, aquele que é o mais relevante dos quatro pintados pelo artista francês, todos habitualmente integrados no percurso expositivo do Museu de Orsay, em Paris: "Ao redor da mesa", de 1872. A primeira ideia para a concepção deste trabalho foi a de realizar uma homenagem a Baudelaire, entretanto falecido, e por extensão à literatura. Em carta enviada a Edwin Edwards, um dos seus mecenas e "dealer", o pintor chega mesmo a revelar o título da futura criação, "O Aniversário", e acrescenta: "Vou criar o Baudelaire com base no retrato que fiz dele no Delacroix. (...) Baudelaire, cuja reputação tem vindo a aumentar, é visto pelo público como um ser revolucionário, embora se trate de um daqueles artistas puros, à margem de tudo...".

Com esse objectivo, Fantin-Latour decidiu convocar uma série de escritores para figurarem na sua celebração; contudo, como nota Pomarède em texto incluído no catálogo da exposição, "uma querela no mundo literário parisiense, aparentemente sem sentido, mas fundamental para a

evolução de 'Ao redor da mesa', estalou por ocasião de um jantar da sociedade chamada os 'Vilains Bonshommes' ou os 'Affreux Bonshommes' (...); e esta desavença iria azedar as relações entre os homens de letras que Fantin havia seleccionado como modelos para a 'Homenagem a Baudelaire', ao ponto de, à pressa, o obrigar a suprimir a referência ao poeta de 'As Flores do Mal' e a eliminar algumas personalidades - entre as quais Albert Mérat, que foi inclusivamente substituído por um ramo de hortênsias."

Aquela que seria uma evocação de Baudelaire passou assim a ser uma alegoria da indiferença, do tédio, centrada em duas personalidades representadas num canto de uma mesa, no fim de uma refeição: Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, cuja turbulenta relação em tudo parece desmentir as posturas adoptadas para a pintura. Como escreve Jean-Luc Steinmetz na biografia dedicada a este último (Paris, 2ª ed., Tallandier, 1999), os amantes "adoptam poses fingidas; dão a impressão de não se conhecerem." E acrescenta: "De perfil ou de frente, cada um tem o unicamente preocupado com a sua própria imagem." O biógrafo nota ainda que, durante os trabalhos preparatórios do quadro, Rimbaud foi várias vezes ao ateliê de Fantin-Latour, tendo este realizado, num desses encontros, um "guache admirável" do escritor. Curiosa será a reacção de Verlaine quando, já em Londres - cidade habitada pelos dois escritores durante cerca de um ano, numa situação de permanente dificuldade financeira -, se confronta novamente com "Le coin de table", exposto na galeria Durant-Ruel (168 New Bond Street). "Acabamos de nos rever. Foi comprado por 400 libras por um ricoço de Manchester. Fantin 'for ever'."

Esta é apenas uma das pinturas apresentadas no âmbito da retrospectiva patente na Gulbenkian, uma exposição marcante e inesgotável. Ali se encontram estudos, auto-retratos, retratos, alegorias, naturezas-mortas - flores, sobretudo -, numa montagem sóbria, exemplar. Destaque ainda para "O Estudo (Retrato de Sarah Elizabeth Budgett)", pintado em 1883; uma obra sobre a questão filosófica da potência e também um trabalho acerca do "spleen": o jarro com junquinhos parece inscrever-se já na tela branca contemplada pela artista, sentada, com o rosto ensombrado e em pose estática. Este trabalho pode situar-se numa linhagem de que faz parte a gravura "A Melancolia" (1514), de Albrecht Dürer, mas esta é já toda uma outra história, na qual o desejo também tem uma palavra a dizer...

Erwin Olaf



Agenda

Inauguram

FUSO - Anual de Vídeo Arte Internacional de Lisboa
De João Tabarra, Santiago Sierra, entre outros.

Lisboa. Museu Coleção Berardo - Terraço. Pç. do Império - CCB. Tel.: 213612878. De 31/07 a 01/08. 6ª e Sáb. das 23h às 02h30. Vídeo.

Erwin Olaf

Montemor-o-Novo. Convento da Saudação. Dentro das muralhas do Castelo. Tel.: 266899857. De 31/07 a 31/08. 2ª a 6ª das 18h às 00h. Sáb. e Dom. das 16h às 00h. Fotografia.

Ver texto na pág. 28 e segs.

André & Sara

Lisboa. Pavilhão 28. Av. do Brasil, 53. Tel.: 217917000. Até 27/08. 2ª a 6ª das 10h às 17h. Inaugura 6/8 às 21h. Vídeo.

Quartos/Chambres/Rooms/Zimmers

De Ana Cintra, Diana Policarpo, Joana Paraíso, Magali Marinho, Mariana Gomes, Teresa Cortez, Pedro Ferreira.

Lisboa. Pavilhão 28. Av. do Brasil, 53. Tel.: 217917000. Até 27/08. 2ª a Dom. das 10h às 18h. Inaugura 6/8 às 21h. Desenho, Instalação, Vídeo, Outros.

Continuam

Teoria da Fala

De Pedro Barateiro.

Porto. Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 29/08. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Na Casa de Serralves. Vídeo, Outros.

Jacques-Émile Ruhlmann

Porto. Museu de Serralves - Casa de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 27/09. 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Objectos.

Feijoeiro

De João Pedro Vale.

Lisboa. MNAC - Museu do Chiado. R. Serpa Pinto, 4. Tel.: 213432148. Até 30/10. 3ª a Dom. das 10h às 18h. No Piso 1. Escultura.

Dan Flavin na Coleção Panza

De Dan Flavin.

Lisboa. Museu Coleção Berardo. Pç. do Império - CCB. Tel.: 213612878. Até 30/08. 6ª das 10h às 22h (última admissão às 21h30). 2ª a 5ª, Sáb. e Dom. das 10h às 19h (última admissão às 18h30).

Instalação, Outros.

Vermelho ou Azul/ Red or Blue

De Daan van Golden.

Lisboa. Culturgest. R. Arco do Cego - Ed. da CGD. Tel.: 217905155. Até 06/09. 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 11h às 19h (última admissão às 18h30). Sáb., Dom. e Feriados das 14h às 20h (última admissão às 19h30). Pintura, Fotografia.

Ombro a Ombro: Retratos Políticos

Lisboa. MUDE - Museu do Design e da Moda. Rua Augusta 24. Tel.: 218886117. Até 13/09. 6ª e Sáb. das 10h às 22h. 3ª a 5ª e Dom. das 10h às 20h. Design, Outros.



"Ao Redor da Mesa" (1872) é uma alegoria do tédio centrada em duas personalidades, Verlaine e Rimbaud

Dança

Festival

Duas peças do Polish Dance Theatre - "Short Cuts", do coreógrafo húngaro István Juhos-Putto, e "Woman in Tomatoes", do coreógrafo israelita Yossi Berg - abrem a 12 de Setembro a 17ª Quinzenda de Dança de Almada. O festival, que decorre até dia 27 desse

mês, inclui também a estreia da nova criação da Companhia de Dança de Almada, "Nossos", uma mostra de video-dança, um "showcase" de trabalhos seleccionados para a Plataforma Coreográfica Internacional e aulas abertas à comunidade.

"Inferno", de Olga Roriz



O "serial-killerzinho" que há em nós

"Monster", a nova criação de Carlota Lagido, retoma o solo "notforgetnotforgive", de 1999, e transforma-o numa multidão de 14 pessoas. Pode ser o fim do retiro de uma coreógrafa. Inês Nadais

"Monster", de Carlota Lagido.

Com Aline Veiga Loureiro, Andrea Brandão, André Uerba, Daniela Santos, Elisabete Reia, João Abel, Laura Almeida, Maria Radich, Matthieu Erlacher, Raimundo Cosme, Rita Lucas Coelho, Rui Peixoto, Tiago Vieira, Urândia Carvalho.

Lisboa, Eira33, Rua Camilo Castelo Branco, 33, 1º. Tel.: 21330931. Hoje, às 20h30. 2€.

Carlota Lagido nunca tinha visto "notforgetnotforgive" - a não ser de dentro para fora, porque "notforgetnotforgive" era ela a fazer de "pin-up" numa casa-de-banho masculina - até ao ano passado. Foi na festa de aniversário do Museu Berardo que viu pela primeira vez o seu solo de 1999 de fora para dentro: "Repus a peça para a festa, mas com a Tânia Carvalho, porque já me tinha retirado dos palcos. Ela fez aquilo ao lado de um quadro do Roberto Matta, na sala dos surrealistas - é um quadro enorme, que ocupa a sala inteira -, sempre com imensa gente a entrar e a transformar aquilo numa coisa muito maior, muito coreográfica", conta ao Ípsilon. Na cabeça dela, já estava criado este

monstro que teve estreia ontem e que volta a apresentar-se hoje na Eira33: "Monster" também é uma coisa muito maior, muito coreográfica - e com imensa gente.

Por ter "vontade de ver as possibilidades coreográficas que surgiriam se a peça fosse feita com vários intérpretes", Carlota Lagido decidiu abrir audições para, ao longo de um "workshop" de dois meses, encontrar as 14 pessoas que fazem esta multidão. "Aqui na Eira dou aulas a seniores e a pessoas da comunidade, não-profissionais. Comecei a experimentar e a gostar do que estava a ver - a gostar de ter pessoas, muitas pessoas, cada uma com as suas especificidades", explica. Apareceram bailarinos, mas também artistas plásticos, actores, uma designer, algumas pessoas das aulas, e o que aconteceu com os 14 que ficaram foi singular: "Foi um processo muito calmo, muito despretensioso, sem grande tensão. O facto de termos muito pouco tempo para ensaiar ajudou-nos a trabalhar só aquilo que era necessário, só aquilo que ia ser usado".

Visto de fora para dentro, "Monster" é uma linha de 14 pessoas e um movimento de câmara. A peça faz "zoom" às características individuais dos intérpretes - "Pedilhes simplesmente que trabalhassem os gestos e as maneiras de estar próprias de cada um" - e, ao mesmo tempo, ao seu esforço de contenção, a uma maneira de fazer muito "low-profile", muito limpa. Nisso, diz a coreógrafa, "Monster" já tem muito pouco a ver com a peça de que descende. Começou a trabalhar a partir de "notforgetnotforgive" - da tal "pin-up" de saltos altos treinada para actuar em cenários de guerra e para apagar situações-limite da memória dos seus espectadores - e acabou muito longe daí. "Neste momento já sobra muito pouco do 'notforgetnotforgive', a não ser os

saltos altos. Isto é outra coisa, que tem muito a ver com o que é ser uma pessoa e como é que essa pessoa gere o ego dentro de um colectivo. Aliás, fiz os possíveis para que os intérpretes não vissem o original; queria evitar que criassem tiques e vícios e obrigá-los a ir buscar a peça a outro lado", diz. O subtexto das situações-limite continua lá, mas apenas como subconsciente: "Tentámos colocá-los nessas situações e imaginar como é que se reage emocionalmente a elas - como é que nos vemos numa situação de guerra, como é que vemos o dia-a-dia numa situação de guerra. Mas isso não é visível, até porque esta peça foi um grande exercício de autocontrolo". O que é visível é - entre outras - essa ideia de que "todos temos um monstinho dentro de nós, um 'serial-killerzinho' muito animado que está sempre a ser reprimido".

Depois da apresentação desta noite, "Monster" vai continuar, não necessariamente com as mesmas pessoas. Alguns dos intérpretes da versão actual - seis ou nove, ainda não está decidido - formarão uma espécie de núcleo-duro que acompanhará Carlota Lagido sempre que a peça sair. "Sempre que chegarmos a um sítio, abriremos um 'workshop' de uma ou duas semanas para escolher os restantes intérpretes - sempre a pensar na comunidade local. Gostava imenso de ter pessoas mais velhas a fazer isto, para lá dos 60", adianta a criadora. O resultado há-de ser "sempre diferente" e sempre uma multidão. Depois de anos a trabalhar a solo (ou quando muito a três), Carlota Lagido sente-se melhor acompanhada e está disposta a regressar à dança: "Estou há três ou quatro anos a questionar tudo na dança: parada, sem criar, num retiro existencial. Agora vi-me um bocado obrigada a ir para este trabalho e de repente o meu amor pela dança ressuscitou".



"Monster" é uma linha de 14 pessoas - em saltos altos, como em "notforgetnotforgive" - e um movimento de câmara

Agenda

Teatro

Estreiam

Todos os Casados do Mundo São Mal Casados

De e com Diogo Dória. Montemor-o-Velho. Sala B. Rua Cadeia Velha. De 01/08 a 02/08. Sáb. e Dom. às 22h30. Tel.: 239689505. 7 a 10€.

Citemor - 31º Festival de Montemor-o-Velho.

Desmontagem 6

De Regina Guimarães. Encenação de Igor Gandra e Carla Veloso. Pelo Teatro de Ferro.

Vila Nova de Gaia. Teatro de Ferro - Sala de Ensaios. Rua do França, 8 e 10. Tel.: 22 370 0011. 10€.

Tarzan

De e com Johan Lorbeer. Lisboa. Centro Cultural de Belém, Praça do Império. De 31/07 a 01/08. 6ª e Sáb. às 18h. Tel.: 213612400. Entrada gratuita. CCB Fora de Si.

Continuam

Demo, Um Musical Praga

Com André e Teodósio e André Godinho, entre outros.

Lisboa. Teatro Municipal de S. Luiz. R. Antª Maria Cardoso, 38-58. Até 02/08. 6ª e Sáb. às 21h00. Dom. às 17h30. Tel.: 213257650. 10 a 20€.

Pigméus do Mondego

De Nilo Gallego. Com Ana Cortés e Noémí Fidalgo Vide, entre outros. Tentugal. Igreja da Misericórdia de Tentugal. Rua Doutor Armando Gonçalves. Até 31/07. 6ª às 22h30. Tel.: 239551873. 7 a 10€.

Citemor - 31º Festival de Montemor-o-Velho.

A Caravana

De Nuno Pino Custódio. Encenação:

Nuno Pino Custódio. Com

Carlos Pereira e

Catarina Guerreiro,

entre outros.

Lisboa. Teatro Meridional. R. do Açúcar, 64 - Poço do Bispo. Até 02/08. 6ª, Sáb. e Dom. às 22h00. Tel.: 218689245. 5 a 10€.

Dança

Estreiam

F/F

De Hajime Fujita. Com Hajime

Fujita e Nobuyasu Furuya.

Lisboa. Centro Cultural de Belém, Praça do Império. Dia 02/08. Dom. às 16h30. Tel.: 213612400. Entrada gratuita.

CCB Fora de Si.

Continuam

im-

De e com Francisco Camacho e

Vera Mota.

Montemor-o-Velho. Teatro Esther de Carvalho. R. Dr. José Galvão, 101. De 06/08 a 07/08. 5ª e 6ª às 22h30. Tel.: 239680836. 7 a 10€.

Citemor - 31º Festival de Montemor-o-Velho.

Inferno

De Olga Roriz. Pela Companhia Olga Roriz. De Olga Roriz. Com Catarina Câmara e Maria Cerveira, entre outros.

Ovar. Centro de Arte de Ovar. Rua Arquitecto Januário Godinho. Dia 31/07. 6ª às 21h30. Tel.: 256585451.

livros



"Leite Derramado", de Chico Buarque, um dos títulos mais vendidos em Portugal

Top Bertrand

Ficção

- 1 **No teu Deserto**
Miguel Sousa Tavares
Oficina do Livro
- 2 **Amanhecer**
Stephenie Meyer
Gallivro
- 3 **Leite Derramado**
Chico Buarque
Dom Quixote
- 4 **Jesusalém**
Mia Couto
Editorial Caminho
- 5 **A História de Edgar**
Sawtelle
David Wroblewski
Bertrand Editora

Não-Ficção

- 1 **Um Mundo sem Regras**
Amin Maalouf
Difel
- 2 **O Cromossoma do Amor**
Bibá Pitta
Difel
- 3 **Nuno Álvares Pereira**
Jaime Nogueira Pinto
A Esfera dos Livros
- 4 **Carlota Joaquina - O Pecado**
Espanhol
Marsílio Cassotti
A Esfera dos Livros
- 5 **Jogo Sujo**
Fernando Mendes
Livros D'Hoje

Ficção

O guerreiro de Deus

Retrato melancólico e cruel dos estigmas comportamentais de certas classes-médias. **Eduardo Pitta**

Abstinência
Tom Perrotta
(Trad. André Chêdas)
Contraponto

★★★★★



André Chêdas, que já havia traduzido "Pecados Íntimos", de Tom Perrotta (n. 1961), reincide com "Abstinência". Perrotta é o tipo de autor que faz a ponte entre leitores exigentes e estúdios de cinema que põem o negócio à frente de tudo. Conhecemos personagens suas por intermédio de Kate Winslet, Matthew Broderick, Reese Witherspoon e outros.

"Abstinência" trata de um tema que está na ordem do dia: educação sexual no ensino básico. Aqui não há alunas com gravadores escondidos, como na Escola Sá Couto, mas o teinador de futebol Tim Mason, um antigo toxicodependente que trocou as drogas duras pela religião, transformando-se numa espécie de guerreiro de Deus, tem um comportamento simétrico ao das mães de Espinho que deram origem ao escândalo de Espinho.

Como sempre, a escrita de Perrotta é seca, fluente, sem rodriguinhos de qualquer espécie, especialmente sedutora para leitores que, ao longo do livro, identificam com facilidade inúmeras referências culturais (e comportamentais) dos nossos dias. Dito de outro modo, Perrotta é um escritor realista sem complexos, o que não acontece com a maioria dos escritores da sua geração. A seu respeito é frequente fazerem-se comparações com Raymond Carver. Eu acho que Balzac chega, porque se Balzac tivesse vivido em Stonewood Heights teria decerto escrito "A Comédia Humana" com a mesma garra, numa época (a nossa) em que a burguesia "well-off" ocupa o centro do palco, dispensando-o de explicar as razões da sua ascensão.

Como em "Pecados Íntimos", este novo romance trata dos mais antigos recalamentos: sexo e religião. Os subúrbios das grandes cidades americanas podem ser muito

Tom Perrotta é o tipo de autor que faz a ponte entre leitores exigentes e estúdios de cinema que põem o negócio à frente de tudo



assépticos, mas a mentalidade-padrão (quase sempre um falso arremedo de espírito comunitário) dos membros do "meio", tende a potenciar conflitos de violência subliminar.

Se uma igreja cristã evangélica se opõe a determinadas práticas, como, por exemplo, ensinar educação sexual a menores, a luta é sem tréguas. Neste caso, o Tabernáculo Evangelho Puro, instituição cristã fundamentalista, opõe-se ao plano de ensino de Ruth Ramsey, professora da disciplina de

Saúde e Vida Familiar do liceu de Stonewood Heights. As manchetes mais benignas dos pasquins locais identificam-na como "Dama do Sexo Oral". O pecado de Ruth é estar preocupada em alertar (e precaver) os alunos para doenças sexualmente transmissíveis. Mas nem todos pensam assim. A uma aluna que considera nojento o sexo oral, responde: "Se feitos nas devidas proporções, tanto o 'cunnilingus' como os 'fellatio' devem ser bem mais agradáveis e higiênicos do que beijar uma sanita. Espero que tenha

respondido à tua pergunta." Para o Tabernáculo Evangelho Puro isto é pura heresia. Sodoma à porta de casa.

O fantasma da pedofilia também preocupa a comunidade. A Associação de Futebol Juvenil de Stonewood Heights tem um manual com regras estritas sobre proximidade física "desapropriada ou intrusiva", como ajudar uma criança a mudar de roupa ou dar palmadas nas nádegas (uma velha tradição americana indissociável do beisebol) e, sobretudo, nunca dar



"A Viagem do Elefante", de José Saramago, vai ser publicado nos EUA na editora Houghton Mifflin Harcourt (a mesma de

Roth) com o título "The Elephant's Journey". Será traduzido por Margaret Jull Costa e deverá chegar às livrarias no final de 2010, divulgou o "The New York Times"

Edição

azo a jogos ou brincadeiras "sexualmente aliciantes com uma criança". As festas de pré-adolescentes (aniversários, etc.) são rigorosamente vigiadas por seguranças de agências especializadas. E nos bailes de finalistas passou a ser vulgar a utilização de alcoolímetros. É este mundo "irreal" que Perrotta descreve com segura não isenta de sutileza crítica.

Stonewood Heights é o paraíso do imobiliário de sucesso, das pessoas "normais" que um dia descobrem a quantidade de esqueletos que têm no armário, mas fazem de conta, porque se não fizessem de conta não tiravam proveito das sessões de pôquer ou dos serões de cinema em casa (tecnologia de ponta!), sempre mais interessantes que a rotina dos estudos bíblicos e da "exigência" de, em público, excluir das suas vidas o álcool, o fumo e o sexo não-procriador. "Abstinência" é o retrato melancólico (sem deixar de ser cruel) dos estigmas de certas classes-médias.

Lisboa underground

Uma cidade mal feita e engenhosa, toda ligada debaixo do chão, em camadas de arqueologia e história. **Pedro Mexia**

Deixem passar o homem invisível

Rui Cardoso Martins
Dom Quixote € 16

★★★★☆



Todos os lisboetas sabem o que acontece a Lisboa quando chove muito: a cidade fica caótica, com inundações e acidentes, é o fim do mundo. Rui Cardoso

Martins começa o seu segundo romance com uma dessas chuvadas diluvianas que se abate sobre Lisboa, e a água invade tudo durante duzentas e tal páginas: "Escorria pela cidade e mais chegava pelos veios que desciam das colinas, por arroyos adormecidos e pelas calhas dos eléctricos, numa competição de rios sem nome, ribeiras acabadas de nascer, no meio das avenidas e praças, entrando grossa e gelada para dentro dos subterrâneos (...)" (pág. 173). É para um subterrâneo, mais precisamente para um tubo de esgoto, que são arrastados dois transeuntes, um advogado cego e um miúdo de oito anos. Num

Ciberescritas Aqualusa na Internet



Isabel Coutinho

Ainda este ano, na Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), se falava da sessão que em 2004 juntou na mesma mesa o escritor angolano José Eduardo Aqualusa e o cantor Caetano Veloso mediados pelo realizador Cacá Diegues. Aqualusa estava nessa altura a lançar no Brasil "O ano em que Zumbi tomou o Rio" (romance por cá editado na Dom Quixote) e Caetano passou trinta minutos a elogiar o livro do angolano que acabava de conhecer. "Caetano Veloso atordoa escritor angolano José Eduardo Aqualusa com elogios em Paraty", era mesmo o título do artigo publicado no "O Globo". Caetano tinha ficado a saber da existência do romance porque uma editora italiana lhe pediu um prefácio para o livro mas ficou tão entusiasmado que nem conseguiu escrever. E era citado no "O Globo": "Fiquei até um pouco chato, toda hora falando do livro e lendo trechos para amigos. Um romance destes tem que ser lido por todos os

brasileiros que sabem ler."

Não é a primeira vez que o escritor, que divide o seu tempo entre Angola, Portugal e o Brasil, tem um "site" mas este é o mais elaborado

Aqualusa "estourou" no Brasil depois desta sessão, quando os jornalistas brasileiros queriam mostrar que a FLIP servia para promover autores de forma exponencial davam como exemplo José Eduardo Aqualusa.

O escritor que nasceu no Huambo, em Angola, em 1960, estudou Silvicultura e Agronomia em Lisboa e está traduzido para mais

de 20 idiomas. Bolsas de criação literária têm ajudado Aqualusa a escrever os seus livros. Em 1997, escreveu "Nação Crioula" com uma bolsa do Centro Nacional de Cultura; em 2000, com uma bolsa da Fundação Oriente, passou três meses em Goa e escreveu "Um estranho em Goa". Em 2001, recebeu a bolsa da instituição alemã Deutscher Akademischer Austauschdienst e viveu um ano em Berlim. Foi aí que escreveu "O Ano em que Zumbi Tomou o Rio". No início de 2009, a convite da Fundação Holandesa para a Literatura, passou dois meses em Amsterdão na Residência para Escritores, onde acabou de escrever "Barroco tropical". Em 2006 lançou, juntamente com Conceição (Connie) Lopes e Fatima Otero, a editora brasileira Língua Geral, que aposta principalmente em autores de língua portuguesa.

O seu mais recente romance, "Barroco Tropical" (ed. Dom Quixote), está em destaque no seu novo "site". Não é a primeira vez que o escritor, que divide o seu tempo entre Angola, Portugal e o Brasil, tem um "site" mas este é o mais elaborado. Através dele os leitores ficam a saber um pouco mais sobre a sua obra e a sua vida. Uma biografia, fotografias e notícias estão disponíveis. Numa das secções temos acesso ao PDF do que foi sendo publicado na imprensa portuguesa sobre "Barroco Tropical".

E a partir do "site" temos acesso a outros sítios onde o autor de "Nação Crioula" está presente como na rede social, Facebook. Um símbolo do Twitter também está lá mas ainda sem "link".

isabel.coutinho@publico.pt

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

programa completo em:

www.festivaldasartes.com

1º FESTIVAL
DAS ARTES
Coimbra > 18 de Julho a 8 de Agosto de 2009



Transfigurações da NOITE

- Domingo, 2 de Agosto**
- 17h00 Ciclo "A noite e as artes" (3) **B**
"A noite nas artes plásticas"
Ana Luísa Barão
Sara Antónia Matos
Miguel Amado
- 19h30 Ciclo gastronómico (4) **C**
Concepção de Joachim Koerper
Animação: Música para flautas
- 21h30 Ciclo astronómico (2) **A**
"A herança artística de Galileu"
Jorge Calado
- 22h30 Ciclo melómano (5) **A**
"Noites no Harlem"
Orquestra Jazz de Matosinhos
- Sábado, 8 de Agosto**
- 17h00 Ciclo "A noite e as artes" (4) **B**
"A noite na literatura"
Narrativa: Maria Lúcia Lepecki
Poesia: José Carlos Seabra Pereira
Teatro: Paulo Eduardo Carvalho
- 19h30 Ciclo gastronómico (5) **C**
Concepção de Vitor Sobral
Animação: Música para quarteto de cordas
- 21h15 Ciclo melómano (6) **A**
Maurice Ravel: *Miroirs*
François Poulenc: *3 Nocturnes*
Maurice Ravel: *Le tombeau de Couperin*
Alexandre Tharaud (piano)
- 22h30 Ciclo da Palavra (3) **A**
"Noite antiquíssima"
Poesia de Álvaro de Campos
André Gago (voz)
Nicholas McNair (piano)
- 23h00 Ciclo melómano (7) **A**
"Nocturnal"
Kris Davis (piano)

Bilhetes à venda:

Quinta das Lágrimas, FNAC (Coimbra, Lisboa e Porto), Almedina
www.ticketline.pt - reservas: 707 234 234

LOCAIS:

- A** Anfiteatro Colina de Camões Quinta das Lágrimas
B Sala Aquilino Hotel Quinta das Lágrimas Relais & Chateaux
C Hotel Quinta das Lágrimas Relais & Chateaux

Exposição permanente
Hotel Quinta das Lágrimas Relais & Chateaux
"Noites brancas"
Obras da coleção da Fundação PLMJ
Comissariado: Miguel Amado

Visitas guiadas
Jardins da Quinta das Lágrimas

Mecenas das Artes

TURISMO DE PORTUGAL



CÂMARA MUNICIPAL COIMBRA



Quinta das Lágrimas



Caixa Geral de Depósitos

Patrocinadores



Fundação edp



Fundação PLMJ



Brio



Brio



Brio



Brio

Apoio



Apoio



Apoio



Apoio



Apoio



Apoio



Apoio

Livros



2º encontro Internacional de Aguarela de Santa Cruz

de 3 a 14 de Agosto de 2009



Informações:
aquarelasantacruz@gmail.com
Tm 919094887
posto de turismo de Santa Cruz



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA | FACULDADE
DE CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADOS

Ciências da Comunicação

Ciências da Família

Estudos de Cultura

Estudos de Cultura Alemã Contemporânea

Título conjunto com a FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Línguas Estrangeiras Aplicadas –

Teaching English as a Foreign Language (TEFL)

Filosofia

Serviço Social

DOUTORAMENTOS

Ciências da Comunicação

Estudos de Cultura

Integrado na rede europeia Ph.D Net
«Literary and Cultural Studies»

Serviço Social

História

Programa Interuniversitário com o ICS/UL, ISCTE e Universidade de Évora

Contactos

Faculdade de Ciências Humanas
da Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima 1649-023 Lisboa Tel: 217265692

Email: direcao@fch.fch.lisboa.ucp.pt
www.fch.lisboa.ucp.pt

← incrível “tour de force”, o romancista mantém-nos presos nesse cano gigantesco até ao fim, quase sem luz, às apalpadelas, encontrando apenas ratos, dejectos e ossadas. É um pesadelo descrito com uma precisão de linguagem que ajuda a manter intacta a claustrofobia. Engolidos pela terra, cheios de fome, frio e medo, os dois acidentais companheiros contam histórias para se manterem vivos: “ (...) o que os podia guiar no espaço no tempo, e dar-lhes forças, enormes e incomparáveis com qualquer desafio recente que se lhes colocara, era a narrativa. Era falarem e contarem coisas um ao outro, e histórias e livros, tudo o que aparecesse nas suas cabeças” (pág. 72).

O miúdo é muito novo, e tem pouca história, embora já alguns infortúnios. O adulto, em contrapartida, tem uma vida inteira de histórias, quase todas ligadas à sua cegueira. Ele um “homem invisível” (corruptela de “invisual”) atormentado pelo desastre que o cegou em pequeno e que o deixou longe do mundo. António, o cego, não é uma alegoria, e faz questão de o garantir, nada de cegueiras metafóricas, ele é um homem que não vê, que já não vê, e que recusa paternalismos e piedades. Os pais andaram em médicos e curandeiros, até que ele perdeu a esperança, pelo menos a esperança de voltar a ver, porque ele tem mais esperança do que as pessoas que vêem. Rui Cardoso Martins, que conhecemos como atento cronista e repórter de tribunal, joga com os clichés sobre ceguinhos a vender lotaria e depois fala da velocidade com que os cegos andam e que não sabemos bem qual é, da sua obsessão com a limpeza, os joelhos que os guiam entre obstáculos, a lascívia do seu toque. Se há alguma alegoria nestes cegos é apenas na medida em que Lisboa é mostrada como uma cidade em dois mundos: o visível e o invisível. E, como na crença religiosa, o invisível é o mais importante.

O invisível aqui é a Lisboa “underground”, a Lisboa de boqueirões, valas comuns, águas pluviais, passagens secretas, estacas. É uma Lisboa que os lisboetas vão descobrindo a cada

pequena catástrofe, a cada obra nova. Lisboa é uma cidade ao mesmo tempo mal feita e engenhosa, toda ligada debaixo do chão, em camadas de arqueologia, de história, de higiene pública. Rui Cardoso Martins convoca o Grande Terramoto, as cheias de 1967, os incêndios, todas as tragédias de uma cidade que tem no seu código genético um grande terramoto futuro, o terramoto que vai ser a sua destruição. É pois um tom catastrófico, o deste romance, que se afasta da tragicomédia autobiográfica e regionalista do muito recomendável “E se eu gostasse muito de morrer” (2006).

As personagens principais estão aprisionadas, mas “Deixem passar o homem invisível” vai percorrendo Lisboa, por cima e por baixo. De São Sebastião ao Cais das Colunas, é uma viagem por uma perigosa cidade de túneis, às vezes tão infecta como a “Cloaca Máxima” da Roma Antiga. Tal como os túneis, as histórias das pessoas estão todas ligadas,

mesmo a daqueles dois sinistrados, e se o romancista força um pouco a nota, também consegue tornar pungente essa correspondência entre o invisível material e o invisível da alma. Alma, diga-se, num sentido estritamente materialista, pois são incontáveis as referências cépticas e cáusticas à religiosidade, quase sempre vista como um lastro invisível de credences num país sofredor. Há uma passagem notável em que uma personagem secundária (e não totalmente conseguida) desmonta todos os milagres atribuídos a Cristo. É um mágico, esse homem, e acredita mais em Houdini do que em Jesus, mas ainda assim introduz a necessidade de um milagre, sem o qual nada faz sentido.

Enquanto os bombeiros trabalham, durante duzentas páginas, enquanto os protagonistas sobrevivem, durante duzentas páginas, é sobre este milagre, possível ou impossível, que vamos pensando: “O dia chegara a Lisboa, como sempre. Fenícios, cartagineses, romanos, muçulmanos, cristãos nas margens do Tejo olhavam o sol a tocar a fortificação da colina, todas as manhãs de todos os séculos (...), aqui em baixo os comerciantes abasteceram os navios do Império romano, o necrotério debaixo do banco comercial, caves de pedra grossa na Rua da Conceição, descobertas em 1755, uma vez por ano bombeia-se a água e descemos às termas romanas da Baixa, que não são termas, se calhar guardavam pasta de peixe e ânforas. Mas as águas, dizia o povo, curavam a cegueira, uma nascente brotou ali, quente, sulfurosa, no dia do Grande Terramoto.

Quando a terra parou, e o maremoto retrocedeu, e o fogo se extinguiu, os cegos de Lisboa passaram a ir lá molhar os olhos, ainda hoje há excursões de cegos, cada um acredita no que quer, Deus distribuiu esperanças infundadas, e outras razoáveis, é por isso que as pessoas vivem à espera do que lhe falta acontecer” (pág. 217). Enquanto esperamos, acontece tudo e não acontece nada: anotações jornalísticas exactas, compaixão humanista, farpas ao estado da Justiça. E fragmentos, trocadilhos, evocações tristes, uma existência sempre à espera de um milagre. Nem que “milagre” seja o nome que nós damos aos truques.

Rui Cardoso Martins convoca todas tragédias de uma cidade que tem no seu código genético um grande terramoto futuro, o terramoto que vai ser a sua destruição

CARLOS LOPES/ARQUIVO





espaço público

“No teu Deserto”, de Miguel Sousa Tavares, é uma decepção. Decepciona a escrita descuidada que irremediavelmente banaliza a história. Pensará MST que optar por um “estilo literário” descurado o aproxima

da “simplicidade da escrita” ou do leitor? Decepciona a descrição estereotipada da figura e natureza femininas e a visão primária do relacionamento entre homem e mulher. Pior, é MST se ter servido da voz de Cláudia, que não é

um personagem ficcional e já não pode refutar as palavras supostamente suas, para um exercício ególatra de confrangedora autopromoção. Decepção e incredulidade. M. R. Barros, 33 anos, coreógrafa/intérprete

Sobre cães e homens

Um livro surpreendente e poderoso, uma tragédia clássica, com fontes gregas e shakespereanas, a primeira obra de uma autora que escreve com mestria. **Helena Vasconcelos**

O Cão das Ilhas

María da Conceição Caleiro
Ed. Sextante

★★★★★



A acção deste romance inicia-se nas “Ilhas”, às quais nunca é dado um nome, mas que tanto podem ser os Açores de Vitorino Nemésio, Natália Correia ou

João de Melo, como as “Ilhas Encantadas” de Herman Melville. Zarina (“nojenta, imunda”) está presa em casa e escuta os ecos da caçada ao seu amante, Rafael. O fiel cão, de nome Tristão, o mesmo que os protegia quando se encontravam em segredo, acabou, inocentemente, por os denunciar. Rafael e Zarina cometeram um crime de acordo com as leis da terra e, tal como Romeu e Julieta, foram apanhados na teia de antiqüíssimos ódios, ao ousarem desafiar as barreiras entre o servo e a dona, entre a menina resguardada e o selvagem que, como é dito no livro, “vem de uma longa linha de escravidão - servir, calar, dar graças por ter um tecto” (pág. 23). A roda da história desta vendetta já está a girar, foi iniciada há muito, a tradição do “mau sangue” perde-se no tempo, como entre os Monteccio e os Capuleto.

Quando o livro principia, o leitor é imediatamente lançado no vórtice da acção, num mundo sem piedade, feroz e caótico, onde se ouve o lamento desesperado de Zarina, o ladrar dos cães, os gritos e o arfar de Rafael, acossado por uma matilha de

Nas suas magníficas descrições de um erotismo gráfico, María da Conceição Caleiro está mais perto de Sade do que de Casanova



homens violentos e predadores. Nesse lugar claustrofóbico, simultaneamente paradisiaco e tóxico, onde a consanguinidade cria monstros (a natureza é descrita com uma espécie de intensidade bíblica), a sanha com que perseguem Rafael pode indiciar a quebra de um tabu atávico, o do incesto.

Ferido e escorraçado, Rafael consegue escapar no bojo de um barco, deixa para trás o sortilégio da ilha, torna-se uma espécie de Eneias, empurrado pelos deuses e pelo

destino. É um herói peculiar, meio demónio meio anjo, arrastado pelas vagas, um homem sem papéis de identidade que finalmente desembarca no Havre e se mistura com a fauna do porto, o tempo suficiente para recuperar e se fazer à estrada, solitário, orgulhoso e vulnerável.

A parte substancial do livro é centrada na sua errância, contada pelo próprio e por aquelas de quem se aproxima, isto é, as mulheres que passam a fazer parte da sua vida.

Como qualquer rafeiro segue à deriva, procurando o essencial: abrigo, alimento, coito. Rafael é voraz, aproxima-se e ronda cautelosamente as suas presas, sabe como seduzi-las e possui-las. Em Paris conquista Pilar, instala-se em sua casa, toma-a para ele. Mas Rafael não é aprisionável, com o seu jeito sedutor de vagabundo, belo e hierático como uma estátua. É homem de uma só paixão, deixada para trás e aprisionada nas ilhas, um artista naturalmente dotado, todo

ele nervos e instinto na sua forma de proceder. É através do sexo que ele seduz, que se exprime e se revela, é pelo sexo que possui, que domina e sobrevive, é com o sexo que constrói, não um jogo mas sim um método. (Nas suas magníficas descrições de um erotismo gráfico, a autora está mais perto de Sade do que de Casanova). A autora não lhe confere profundidade psicológica nem dimensão social ou política - recebe a notícia da Revolução em Portugal mas permanece indiferente perante a excitação geral - mas aproxima-o de nós através da ressonância da sua voz interior e do efeito que esta tem sobre aqueles que ele atrai para o seu círculo.

“O Cão das Ilhas” é um livro surpreendente e poderoso, uma tragédia clássica, com fontes gregas e shakespereanas, a primeira obra de uma autora que escreve com segurança e mestria. A construção da narrativa, a utilização de uma voz (principal) masculina e de três vozes femininas, a passagem de umas para as outras com agilidade e autoridade, a beleza quase onírica de certas imagens fazem deste livro uma obra excepcional, com ecos do Antigo Testamento, da tragédia grega, de Ovídio e de George Bataille. Caleiro tanto descreve cenas prosaicas como outras de uma enorme intensidade erótica e dramática, conjugando o carácter realista e os aspectos simbólicos com extraordinária habilidade e dando espaço para um realismo cruel aliado a um ritmo poético encantatório. No final, a linguagem adquire um tom de urgência, em “staccatto”, que marca uma aceleração de um tempo que transmite angústia e crueldade, um certo tom misterioso que paira até ao final, numa atmosfera de catástrofe e condenação. Romance sobre a escravidão feminina física, emocional e moral - Zarina é Czarina, a imperatriz do coração de Rafael, Pilar representa o sustento, o apoio, a segurança e Melina, o mel, não suficientemente doce para a salvação - é, também, uma história sobre a repressão e o medo, sobre o exílio e a solidão, acompanhando o ritmo de Rafael, esse “cão das ilhas”, leal, bravo e livre.

citemor
31.º FESTIVAL
DE MONTEMOR-O-VELHO
29 JULHO A 15 AGOСТО 2009

www.citemor.com
www.citemor.blogspot.com
informações e reservas: tel/phone: +351 239 689 506; e-mail: festival@citemor.com

Concertos

Vai ver se eu estou
online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.



Buraka Som Sistema: festa na abertura do Sudoeste

Clássica

O fulgor de Bach e Vivaldi

No encerramento do Festival da Póvoa de Varzim, Amandine Beyer e o agrupamento Gli Incogniti interpretam alguns dos seus maiores êxitos. **Cristina Fernandes**

Amandine Beyer e Gli Incogniti
Obras de Vivaldi e Bach. XXXI Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim.

Póvoa de Varzim. Igreja de N. Sra. da Conceição. R. Igreja, às 21h45. Tel.: 252615791. 3 (dia) a 25€ (passe).

O Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim chega hoje ao fim com um concerto que promete ficar na memória, a avaliar pelas excelentes gravações do repertório em programa que a violinista Amandine Beyer e o seu agrupamento Gli Incogniti registaram na Zig-Zag Territoires. Serão interpretados dois Concertos para violino de Bach (reconstruídos a partir das versões dos concertos para cravo BWV 1052 e BWV 1056) e "As Quatro Estações", de Vivaldi.

A enorme popularidade desta última obra tem conduzido por vezes à sua banalização – da música de elevador aos toques de telemóvel, o tema da "Primavera" pode encontrar-se um pouco por todo o lado – mas Amandine Beyer provanos no seu registo fonográfico que a conhecida partitura do "padre ruivo" (a alchunha de Vivaldi) ainda pode surpreender. Não é tanto pela ousadia ou pela ênfase de efeitos bizarros da escrita musical (como tem sucedido noutras leituras) que a interpretação impressiona, mas sim pela sonoridade magnífica do grupo (com uma transparência de planos muito nítida), pela inspiração dos fraseados e da sua fluente respiração e pelo pulsar dançante do ritmo. O virtuosismo é sempre entendido em função da retórica musical e de um diálogo permanente com a orquestra no melhor espírito da música de câmara. O resultado é uma

imaginativa pintura sonora de forte poder evocativo. A gravação recebeu os principais prémios da crítica e foi também escolhida pelo Ipsilon como um dos melhores CD de 2008.

Amandine Beyer é actualmente considerada uma das mais distintas intérpretes de violino barroco a nível internacional. Nascida em Aix-en-Provence, estudou no Conservatório Nacional Superior de Paris e na Schola Cantorum de Basileia na classe de Chiara Banchini. Tem colaborado com alguns dos mais proeminentes grupos especializados no repertório barroco (Ensemble 415, Le Concert Français, Accademia Montis Regalis, La Fenice, Al Ayre Español, Café Zimmermann) e desenvolve projectos pessoais com o ensemble de câmara L'Assemblée des Honnetes Curieux e com a orquestra Gli Incogniti. Dedicase também ao ensino, sendo professora no departamento de música antiga da ESMAE (Escola Superior de Artes do Espetáculo do Porto).

Jazz

Inovadores à solta

O cartaz do Jazz em Agosto, integra o gesto inovador de músicos que marcam, hoje, o futuro do jazz. **Rodrigo Amado**

Jazz em Agosto 2009

Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 1 a 9 de Agosto. 12,5 a 20€.

Sem ter grandes surpresas ou rasgos de criatividade, esta nova edição do inconfundível Jazz em Agosto, festival da Fundação Calouste

Gulbenkian dedicado às novas tendências do jazz contemporâneo, tem como principal mérito agrupar projectos de grande relevância para o futuro do jazz.

A abrir o festival (hoje, 21h30, Anfiteatro), assinala-se o regresso do trombonista

e compositor George Lewis, nome maior do jazz experimental norte-americano, referenciado desde sempre como figura tutelar do movimento AACM de Chicago. Surgindo, desta vez, à frente de um ensemble electro-acústico que integra músicos como Jeff Parker (guitarra), Kaffe Matthews (electrónica) ou Guillermo E. Brown (bateria, percussão, electrónica), Lewis anuncia de forma exemplar os princípios do festival - música filiada no jazz, experimental, permeável a um sem número de influências, sem qualquer tipo de concessões.

No domingo, surge o projecto Rough Americana (18h30, Auditório 2), um duo que se adivinha em território sonoro radical, com o DJ Mutamassik (gira-discos, gravador magnético, efeitos) e Morgan Craft (guitarra preparada), seguido da actuação da Nublu Orchestra (21h30, Anfiteatro), conduzida pelo notável "Butch" Morris, um dos músicos que mais explorou formas de condução de ensembles musicais improvisados.

Depois de uma pausa, o festival regressa no dia 6 com um concerto de Dave Douglas e o seu projecto Brass Ecstasy (21h30, Anfiteatro). Este é o projecto que mais se aproximará de uma linguagem puramente jazz, evocando o espírito da Brass Fantasy de Lester Bowie. Música com o rigor a que nos habituou Douglas, com um elevado grau de aventura e comunicação. No dia seguinte, ao final da tarde (18h30, Auditório 2), oportunidade para presenciar o talento de Peter Evans, num solo absoluto de trompete que faz do virtuosismo ponto de partida para extraordinárias explorações sónicas do instrumento. Para essa mesma noite (21h30, Anfiteatro) está reservada a actuação dos Buffalo Collision, improvável supergrupo formado por quatro grandes personalidades do jazz contemporâneo, Tim Berne, Ethan Iverson, Hank Roberts e Dave King. No sábado à tarde (18h30, Auditório 2), o festival prossegue com o duo electro-acústico de Franziska Baumann e Matthias Ziegler, seguidos do quarteto de Peter Evans (21h30, Anfiteatro), desta vez acompanhado por Ricardo Gallo (piano), Tom Blancarte (contrabaixo) e Kevin Shea (bateria). Jazz complexo, vibrante, de inspiração europeia.

Para o último dia, domingo (18h30, Auditório 2), estão programados o quarteto de saxofones francês Propagations, formado por quatro jovens instrumentistas que praticam uma música improvisada feita de abstracção, fragilidade e elegância, e, à noite, a fechar o festival (21h30, Anfiteatro) a extraordinária Exploding Star Orchestra de Rob Mazurek, com o solista convidado Bill Dixon, músico lendário da vanguarda jazz norte-americana que

gravou com a orquestra o celebrado "Bill Dixon with Exploding Star Orchestra", nomeado aqui como um dos álbuns do ano. Espera-se um encerramento em festa, marcado pelas intervenções poderosas de músicos como John Herndon, Jeff Parker, Nicole Mitchell, Jeb Bishop, Matt Bauder ou Mike Reed.

Pop

Ressurreições e misturas em Portimão

Festival Rock One
Linkin Park + James Morrison + Fonzie + Klepht

Dia 5

Bluc Party + Os Pontos Negros + Dub Inc + Mía Rose

Dia 6

Mexilhoira Grande (Portimão). Autódromo Internacional do Algarve. Sítio do Escapadinho, às 20h30. Tel.: 289324811. 50 (dia), a 80€ (passe).

E eis que, no ano da graça de 2009, há mais um ponto no já preenchido roteiro de festivais em Portugal: o Rock One, festival que opera ressurreições e misturas para todos os gostos.

No próximo dia 5, os Linkin Park têm uma oportunidade para mostrar o que é fazer nu-metal em 2009. A sonoridade do grupo, com três álbuns, não se fixou apenas nessa amálgama de metal, hip-hop e electrónica que se tornou popular na década passada, abrindo espaço a canções mais radiofónicas - os 50 milhões de discos que já venderam falam por si. No mesmo dia, há pop-rock a cargo de James Morrison (autor do popular "Broken Strings", com Nelly Furtado) e o punk rock feito matéria orelhuda dos Fonzie.

No dia seguinte há mais misturas improváveis: canções adolescentes de Mía Rose, amiga de Ana Free (que actua no Rock One no dia 7), reggae pelos franceses Dub Inc, o rock'n'roll nacional de Os Pontos Negros, ainda a promover o elogiado "Magnífico Material Inútil", e os Bluc Party. O grupo de Kele



A banda de Kele Okereke anda a apresentar "Intimacy"



Vivaldi é surpreendente com Amandine Beyer



Bill Dixon, uma lenda da vanguarda jazz norte-americana



a apresentar "Intimacy" (2008), disco em que escondeu um pouco as guitarras afiadas e buscou nas caixas de ritmos e nas possibilidades de estúdio uma avenida criativa diferente dos dois discos anteriores (imaginamos "Ares" ou o single "Mercury" em pistas de dança dadas ao povo indie).

O festival prossegue com Waterboys e James (dia 7) e The Offspring e My Bloody Valentine (dia 8). **Pedro Rios**

Buraka e Ebony Bones no Sudoeste

Festival do Sudoeste TMN 2009
Palco TMBN: Armin van Buuren + Buraka Som Sistema + Macaco + The National + The Veils

Palco Planeta Sudoeste: Ebony Bones + Ladyhawke + Devotchka + Marcelo Camelo + Mallu Magalhães

Dia 6. Zambujeira do Mar. Herdade da Casa Branca, às 18h00. 40 (dia) a 80€ (passe).

A primeira noite, 4ª feira, é para aquecer, com DJs como o francês David Guetta, na primeira linha do sucesso, na segunda em termos de credibilidade artística. A segunda, 5ª feira, já é a sério, com os portugueses Buraka Som Sistema e os americanos The National.

Os primeiros, já não constitui novidade para ninguém - a não ser que se viva em Marte - conseguem fazer de cada espectáculo um momento de generosa festa colectiva, seja em Nova Iorque, Tóquio, Londres, Paris, Los Angeles ou na planície alentejana.

Provenientes de Campo de Ourique, em Lisboa, praticantes de uma música foliona e excessiva, onde o serpentear rítmico do kuduro é apenas uma das variáveis, os Buraka não têm parado nos últimos anos, entre espectáculos por todo o mundo, feitura de discos, colaborações, remisturas e, recentemente, uma 'mixtape' - conferir e ouvir em www.myspace.com/burakasomsistema.

Serão, de longe, o grupo mais celebrado do segundo dia do Sudoeste. Tarefa mais difícil espera os The National. O seu rock alternativo, marcado por alguma soteriedade, agrada a um público melómano experimentado, que não tem sido o público-tipo nas últimas edições do evento.

Num dos dois palcos secundários todas as atenções viradas para a inglesa Ebony Bones. Ao vivo, a sua música, mistura de pós-punk na esteira das ESG com pós-tribalismo na pegada de M.I.A., ganha contornos de celebração colorida, efusiva, vigorosa. Com ela e com os Buraka Som Sistema, a noite está ganha, a Sudoeste. **Vitor Belanciano**

Agenda

sexta 31

Joss Stone

Loulé. Monumento Duarte Pacheco. Lg. Duarte Pacheco, às 22h00. Tel.: 289400600. 25 a 30€.

Seal

Gandarinha. Hipódromo Manuel Possolo. R. Visconde da Gandarinha, às 22h00. Tel.: 214844299. 20 a 60€.
 Cool Jazz Fest 2009.

Hedningarna + Maria Salgado + Lenga-Lenga

Sendim. Parque das Eiras, às 22h15. Tel.: 237739148. 12,5€.
 X Festival Intercéltico de Sendim

Nine Inch Nails + Peaches + Portugal the Man + Blood Red Shoes + Mundo Cão

Paredes de Coura. Praia Fluvial do Tabuão, às 19h30. Tel.: 213933770. 40 (dia) a 70€ (passe).
 Paredes de Coura 2009.

Richard Ducros e Christia Hudziy

Com Richard Ducros (saxofone alto), Christia Hudziy (piano).
 Estoril. Palácio Estoril Hotel & Golf - Sala Atlântico. Rua Particular, às 21h30. Tel.: 214648000. 15€.
 35.º Festival do Estoril - Semanas de Música do Estoril 2009

Xuefei Yang

Lisboa. Museu do Oriente - Auditório. Av. Brasília - Edifício Pedro Álvares Cabral - Doca de Alcântara Norte, às 19h00. Tel.: 213585200. 5€.

Chick Corea + Gary Burton

Porto. Palácio de Cristal. R. D. Manuel II, às 23h30. Tel.: 229057080. Entrada gratuita.
 Porto Blue Jazz 09

O'queStrada

Ilhavo. Centro Cultural de Ilhavo. Avenida 25 de Abril, às 21h30. Tel.: 234397260. 5€.

Mikhail Voskresensky

Óbidos. Casa da Música - Auditório. R. Direita, às 21h00. Tel.: 262955500. 15€.
 XIV Semana Internacional de Piano.

sábado 1

Llan de Cubel + Brigada Victor Jara + Korrontzi

Sendim. Parque das Eiras, às 22h15. Tel.: 237739148. 12,5€ (dia).
 X Festival Intercéltico de Sendim.

The Hives + Jarvis Cocker + Howling Bells + The Right Ons + Foge Foge Bandido + Sizo + Nuno Lopes

Paredes de Coura. Praia Fluvial do Tabuão, às 19h30. Tel.: 213933770. 40 (dia) a 70€ (passe).
 Paredes de Coura 2009.

Joss Stone + James

Cantanhede. Parque Expo-Desportivo de S. Mateus, às 22h00. Tel.: 234140833. 15€.

James Morrison + Rita Redshoes + Klepht

Lisboa. Jardins de Belém, às 21h00. Tel.: 210312700. Entrada gratuita.
 Festival dos Oceanos 2009.

Susheela Raman

Lisboa. CCB. Praça do Império, às 22h00. Tel.: 213612400. Entrada gratuita.

Orchestrutopica

Cascais. CC de Cascais. Av. Rei Humberto II de Itália, às 21h30. Tel.: 214848900. 15€.
 35.º Festival do Estoril - Semanas de Música do Estoril 2009

Joss Stone



Mário Laginha Trio

Com Mário Laginha (piano), Bernardo Moreira (contrabaixo), Alexandre Frazão (bateria).
 Loulé. Cerca do Convento Espírito Santo. Praça da República, às 22h00. Tel.: 289400811. 10€.
 XV Festival Internacional de Jazz de Loulé.

Bennie Wallace Quartet

Com Bennie Wallace (saxofone), John Herbert (contrabaixo), Yoron Israel (bateria), Donald Vega (piano).
 Porto. Museu de Serralves - Ténis. Rua Dom João de Castro, 210, às 18h00. Tel.: 226156500. 5 a 10€.
 18.º Edição Jazz no Parque.

Seal

Albufeira. CS Herdade dos Salgados Resort, às 22h00. Tel.: 289598312. 30 a 35€.

Maria Rita e Orquestra de Jazz de Matosinhos

Matosinhos. Avenida Marginal, às 22h00. Tel.: 229390900. Entrada gratuita.

Maceo Parker

Viana do Castelo. Teatro Municipal Sá de Miranda. R. Major Xavier Costa, às 22h00. Tel.: 258809382. 20€.
 Jazz na Praça da Erva.

domingo 2

Orquestra de Jazz de Matosinhos

Cóimbra. Quinta das Lágrimas - Anfiteatro Colina de Cambes. Estrada das Lajes, às 22h30. Tel.: 239802380. 15€.
 1.º Festival das Artes.

Luiz de Moura Castro

Óbidos. Casa da Música - Auditório. R. Direita, às 21h00. Tel.: 262955500. 15€.
 Obras de Mendelssohn, Liszt e Villa-Lobos. XIV Semana Internacional de Piano.

segunda 3

Boris Berman

Óbidos. Casa da Música - Auditório. R. Direita, às 21h00. Tel.: 262955500. 15€.
 Obras de Chopin e Debussy. XIV Semana Internacional de Piano.

terça 4

Drumming - G rupo de Percussão

Lisboa. Parque das Nações - Pavilhão de Portugal, às 22h00. Tel.: 210312700. Entrada gratuita.
 Festival dos Oceanos 2009.

quarta 5

Maria Rita e Orquestra de Jazz de Matosinhos

Santa Eulália. Grande Real Santa Eulália Resort & Hotel SPA. Praia de Santa Eulália, às 22h30. Tel.: 289598000. 30€.

Eulália Solé Olivart

Óbidos. Casa da Música - Auditório. R. Direita, às 21h00. Tel.: 262955500. 15€.
 Obras de Bach, Mozart e Schumann. XIV Semana Internacional de Piano.



The Hives



até já.




Lily Allen
já confirmou!

E TU, JÁ MARCASTE AS TUAS FÉRIAS?

Buraka Som Sistema
Faith No More
David Guetta

Conhece todo o cartaz em tmn.pt

5 a 9 Agosto Zambujeira do Mar, Herdade da Casa Branca

Acampamento gratuito para portadores de bilhete para todos os dias do festival



Espaço Público

Este espaço vai ser seu. Que filme, peça de teatro, livro, exposição, disco, álbum, canção, concerto, DVD viu e gostou tanto que lhe apeteceu escrever

sobre ele, concordando ou não concordando com o que escrevemos? Envie-nos uma nota até 500 caracteres para ipsilon@publico.pt. E nós depois publicamos.

Pop

Os nossos choninhas preferidos

O regresso à boa forma de Stuart Murdoch, o homem dos leme dos Belle & Sebastian faz-se por via de um musical que não existe. Vaudeville, girl-groups, Bacharach são as sombras titulares de uma quinzena de grandes canções. **João Bonifácio**

God Help The Girl

God Help The Girl
Rough Trade, distri. Popstock

★★★★☆



Qualquer coisa correu mal no universo dos Belle and Sebastian (B&S) no último par de álbuns. O charme das canções dos primeiros discos daquela

rapaziada residia, em parte, no ar coloquial das vestes que envergavam: era como se aquelas canções vestissem as primeiras peças de roupa que estivessem à mão e o desmazelo da roupa, o rasgão nas calças, a camisa por passar a ferro, o pullover geek oferecido pela mamã, tudo lhes ficasse bem. O melhor dos B&S era a ingenuidade que corria no sangue das canções, a melodia desafinada, o baixo que tentava soar a disco-sound e não conseguia e mesmo assim era delicioso. Nesse último par de discos a ingenuidade ficou de fora, as canções fazem um esforço tremendo por dar nas vistas, por mostrar a sua pecinha de roupa, e a graça perdeu-se para uma auto-consciência sem pingo de genuinidade. Foi preciso ter um ângulo de abordagem original para que tudo voltasse a estar bem no reino dos nossos choninhas preferidos. Stuart Murdoch, o líder destes nerds literatos, sonhou fazer um filme sobre uma rapariga cuja vida descambava à medida que se apaixonava por música popular. Fazer um filme demora tempo, fazer a banda-sonora do filme demora menos: é isto que é "God Help The Girl", a banda-sonora de um filme musical que nunca foi filmado, a resposta indie a "Chicago". O nome do filme tornou-se o nome do projecto, mas não há que enganar, isto são os B&S: as canções pertencem todas a Stuart Murdoch, excepto uma cujos créditos são divididos a meio entre Murdoch e Stevie Jackson (também dos B&S). E os membros da banda God Help The Girl são os membros dos B&S, acompanhados por orquestra de cordas e de metais. Mas há duas diferenças de monta em relação a um disco dos B&S. A primeira são as vozes. Em "God Help The Girl" brilha Catherine Ireton, que faz de Eve (a protagonista do filme), mais um par de garotas (que representam personagens do filme) e Neil Hannon (na melhor canção que canta em anos). A segunda diferença face aos discos dos B&S é a música que pilham e que aqui deve muito ao vaudeville, ao music-hall, às canções da Tin

Pan Alley (empresa de canções norte-americana dos anos 20). Passam-se facturas às Ronettes e a Burt Bacharach, e há cordas sumptuosas e o ocasional par de metais a bradar, mas sendo Murdoch o compositor a ênfase está nas mais melodias

que no ritmo, pelo que não há um tema que esteja abaixo de belo. Há mais de uma mão cheia de canções extraordinárias: a homenagem às girl-bands da faixa-título; "If you could speak"; a óptima "Musician, please take heed" (cujo gigantesco refrão soa tremendamente a ABBA); a grandiosidade sinfónica de "Perfection as a hipster"; "Come monday night", com uma tremenda linha de baixo e um grande arranjo de cordas. O disco é tão mas tão bom que até duas faixas verdadeiramente fraquinhas dos B&S, "Act of the apostle", agora em versão vaudeville, e "Funny little frog" (que se torna música lounge sumptuosa), surgem aqui em versões superiores e tornam-se nas grandes canções que deviam ter sido sempre. Não nos chateia nada que os discos dos B&S se tornem aborrecidos se Stuart Murdoch continuar com projectos paralelos deste calibre.

Festa sem limites

O que acontece quando dois dos mais entusiasmantes produtores das músicas de vocação urbana unem esforços? **Vitor Belanciano**

Major Lazer

Guns Don't Kill People... Lazers Do
Mad Decent, distri. PopStock

★★★★☆



Ao longo dos últimos tempos, o

americano Diplo e o inglês Switch têm tido

papel central na afirmação de diversas sonoridades das periferias das grandes cidades (do baile funk do Rio ao kuduro lisboeta, passando pela Baltimore club music), estando ligados à confirmação de projectos hoje consensuais como M.I.A., Spank Rock, Buraka Som Sistema ou Santigold.

Ora o que acontece quando dois dos mais entusiasmantes produtores das músicas de vocação urbana unem esforços? Criam uma fantasia em torno de uma personagem fictícia, Major Lazer, convidam cúmplices vocais (Santigold, Amanda Blank, Nina Sky, etc) e concebem, com descontração quase insolente, algumas das canções mais vibrantes deste Verão. Sim, quando ouvido na totalidade o álbum revela ligeiras fragilidades, mas este é daqueles casos raros em que algumas partes valem pelo todo.

A concepção do projecto tem qualquer coisa de Gorillaz, mas é a música que interessa verdadeiramente, impulsionada pelos mil espíritos das sonoridades africanas e das Caraíbas, com destaque para o balanço digital do dancehall jamaicano. Não surpreende que entre os convidados estejam cantores-declamadores (Vybz Cartel, Ms Thing, Mr. Vegas, Turbulence, etc) que nos últimos anos mais se têm destacado na afirmação da música jamaicana.

Os dois primeiros temas - o notável "Hold the line" e "When your hear the bassline" - poderiam ser das melhores canções de M.I.A., com uma arquitectura rítmica electrónica insinuante, cruzada por um caleidoscópio impressionante de sons (campanhas, relinchar de cavalos, uivos) e pelo deitar constante de palavras da parte de Santigold, Mr. Lex e Ms. Thing.

Apesar de todas as canções

O americano Diplo e o inglês Switch, dois dos mais entusiasmantes produtores das músicas de vocação urbana



Em "God Help The Girl" brilha Catherine Ireton



Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

contem elementos diferentes e respeitarem disposições diversas - do clássico reggae "Cant't stop now" à divertida marcha sincopada que é "Mary Jane" - em quase todas elas respira-se um saudável espírito de celebração, exemplo de música colorida, de agitação física, captando o mundo em desordem, celebrando-o, sem medo de fazer a festa sem limites.

Música nova para um novo país



Thomas Mapfumo & The Acid Band
Hokoyo
Water; distri. Mbari

★★★★★



Thomas Mapfumo & The Blacks Unlimited
Gwindingwi Rine Shumba
Water; distri. Mbari

★★★★★

"Hokoyo!" ("Atenção!"), primeira canção e tema título, não denuncia a convulsão que é o disco. Nela, tudo é harmonia: o saxofone desenhando uma melodia, a guitarra que cobre o movimento contínuo do prato de choque ou o andamento que parece vogar até às Caraíbas (a produção, não por acaso, recorda-nos a do mítico Studio One de Kingston).

A primeira canção de "Hokoyo!", o álbum de estreia de zimbabueano Thomas Mapfumo, é uma suave introdução ao que se seguirá. A revolução começa logo depois, com as guitarras que transpõem para cordas eléctricas os movimentos circulares da mbira (metalofone de lamelas, percutidas com os dedos, comum em muitos países africanos), com o baixo funcionando como percussão, com Mapfumo a libertar um grito que é ulular ancestral e incitação James Brown. A essa nova música, onde cabiam o jazz ouvido na África do Sul, a rumba caribenha ou o funk americano, Mapfumo chamou "Chimurenga" ("luta revolucionária", no dialecto Shona).

"Hokoyo!", editado em 1978, foi um poderoso manifesto contra o poder colonial branco na então Rodésia. Foi, também, um manifesto musical, pela forma como transportou as tradições musicais milenares dos Shona, a etnia de Mapfumo, para a modernidade: os padrões hipnóticos da mbira, utilizados até então para purificação espiritual, para convocar os deuses da natureza, são reproduzidos em

guitarra e tornam-se algo urbano e eléctrico, tornam-se música de uma dinâmica incrivelmente poderosa, contagiante. Não se perde, contudo, aquilo que fazia a sua essência.

Não escapamos a esta capacidade de hipnotizar: as canções, aparentemente construídos em padrões constantes, desenvolvem-se em lenta mas metódica mutação - bailado rodopiante cujos passos se transformam subtilmente demais para os nossos ouvidos o aperceberem no imediato.

"Hokoyo!", álbum de guerrilha, álbum magnífico, conjuga esse poder contagiante com um optimismo luminoso - "Matiregerera mambo" é alegria dançante com sax apontando à rumba, mesmo se o ritmo incessante e as guitarras puxam a canção, sempre, para as redondezas de Harare.

"Gwindingwi Rine Shumba" ("Há um Leão no Arbusto"), editado em 1980, com nova banda, é o momento em que tudo cresce. Gravado, após a vitória do movimento de libertação, como prenúncio de um país novo, tem tudo aquilo que fez de "Hokoyo!" um álbum memorável. A linguagem é a mesma, mas com uma produção mais cuidada, com uma verdadeira secção de metais, com Mapfumo emergindo como um vocalista ativo e confiante, como pregador de voz funda a que os coros, com a aura criada por eco espectral, dão uma dimensão quase mítica.

Não tendo a urgência e o fogo de "Hokoyo!", é um álbum mais perfeito: tanto quando emerge nas profundezas da tradição, aperfeiçoando meticulosamente a "Chimurenga", quer quando entra em modo calypso ("Tinodanana") e navega com uma elegância e uma placidez a que só falta o Hammond de Jackie Mittoo.

"Gwindingwi Rine Shumba" foi o álbum em que uma nova

música, orgulhosa da sua identidade, celebrou o novo Zimbabwe e os seus líderes. Conhecemos demasiado bem um deles. Ouvimos Mapfumo cantar-lhe louvores: "Mugabe".

Em 1980, antes do revolucionário se tornar torcionário, Mapfumo não podia prever que este álbum imenso carregaria consigo uma marca maldita. M.L.

em perspectiva. Não demora nada. Apenas os segundos que passam até ouvirmos a batida sincopada, os feedbacks feitos sirene-theremin e a voz preñha de ferocidade e insatisfação de "Junior Daddy", a primeira canção. Logo aí, torna-se óbvio que, se os d30 eram excitantes, não o eram por qualquer conjuntura de época. O que lhes víamos antes é o que lhes vemos

um mapa do universo dos d30. Tem sugestão de fantasmagorias blues, acessos de psicadelismo que nunca levitam - preferem agitar-nos -, rugosidades garageiras e uma "coolness" clássica sem pachorra ou temperamento para modernices. Rock'n'roll como matéria lúdica que nos acena ao longe, pedindo que nos juntemos à dança, que nos agarra pelos colarinhos se não nos aproximamos como é exigido. Não esbofeteia ninguém. Carrega no pedal de fuzz e arranca em ritmo feroz, inflexível. Aproxima-se do microfone e liberta a voz com urgência irreprimível - não é tanto o que diz, é como o diz. "Exposed" é um grande álbum. Já estamos em cima deles. M.L.

Dinosaur Jr
Farm
PIAS; distri. Edel

★★★★★



A sensação que se tinha a ouvir os discos dos Dinosaur Jr nos idos de 90 era que alguma coisa corria mal na vida de J Mascis (o líder, guitarrista e vocalista) pelo que ele se vingava na guitarra. Nesta segunda volta de uma banda que na primeira encarnação se esvaiu em problemas internos (nomeadamente na relação quase sado-masoquista entre Macis e Lou Barlow, o baixista) o som denso e sujo permanece, mas os solos avariados de Macis diminuíram em favor de uma maior coesão. E desde o primeiro segundo que se injecta furiosa adrenalina no ouvinte: "Pieces" entra com break de bateria e um tremendo riff que fica a ecoar nos agudos enquanto a voz abafada de Macis se pranta em lamentos. Em "Plans" sente-se que a idade já não é a mesma: diminui-se a voltagem em favor de guitarras arrastadas com inflexão bluesy e de uma presença melódica que toma conta até do solo de guitarra. Mas →



d30
Exposed
Subotnick; distri. Compact Records

★★★★★



Terem passado quatro anos desde o último EP dos d30 permite-nos pôr as coisas

agora. Mais: neste que é o seu primeiro longa duração, não há passos em falso, não há desvios questionáveis. O blues como combustível inflamável: "Take this love". A psicose erguida a espaço catártico: o riff insistente de "Say you will" e o tom ameaçador de Toni Fortuna a dar-lhe toda a gravidade. Sexo e negro romantismo no lento crescendo de "Wanna hold you", dança de sedução disfarçada de provocação sem efeitos secundários.



O melhor disco dos Dinosaur Jr em muitos anos



"Exposed", dos d30, é um grande álbum

O trio franco-italiano L'Enfance Rouge retoma as premissas da sua música, que evolui entre o rock progressivo e o avant-rock, ruidoso e distorcido



← as marcas vintage ainda lá estão, e em "Your weather" há uma grande linha de baixo a dominar a canção, atravessada depois pela guitarra pica-miolas de Macis. Isto não é nostalgia, isto não é facilitismo, isto é o melhor disco dos Dinosaur Jr em muitos anos. **J. B.**

L'Enfance Rouge

Trapani - Halq al Waady
Wallace Rec., *distri.* Harmonia Mundi

★★★★☆



Trapani fica na Sicília, Halq al Waady mesmo em frente na Tunísia. São duas margens do Mediterrâneo tão próximas e, no entanto, tão distantes, a sugerir a ponte que os L'Enfance Rouge levam a cabo neste álbum, recentemente apresentado nos festivais em Sines e Braga (22 e 25 de Julho). A banda foi fundada por François R. Cambuzat (voz e guitarra), Chiara Locardi (voz e baixo) e Jacopo Andreini há década e meia. Desde aí editou uma dezena de álbuns e deu perto de dois mil espetáculos. A novidade de "Trapani - Halq al Waady" é o recrutamento de um ensemble tunisino de música árabe clássica, liderado por Mohamed Abid, mestre do alaúde. Deste encontro não resulta, porém, nada que se assemelhe a world music, ou música de fusão no

sentido mais convencional do rótulo. O trio franco-italiano retoma as premissas usuais da sua música, que evolui entre o rock progressivo e o avant-rock, ruidoso e distorcido. Riffs de guitarras furiosas, descargas de feed-back, ritmos matraqueados, vozes guturais e versos mercenários são a receita, que frequentemente faz lembrar os suíços Young Gods. Já o alaúde, os violinos e as percussões magrebina servem de preâmbulos, remates ou interlúdios para as suas explosões de electricidade. O efeito são momentos de exotismo, de respiração ou de serenidade, pontuando avalanches e outras intempéries, que nunca chegam a modelar. O miolo é, portanto, o mesmo, mas a música dos L'Enfance Rouge ganha leveza, qualidade poética e mesmo uma certa aura

visionária na conexão magrebina. Isto dito não é menos claro que em Trapani ou em Halq al Waady ninguém vai comprar discos deles. **Luís Maio**



La Roux: electropop feito com a genica e aparato de um brinquedo a estrear

La Roux

La Roux
Polydor, *distri.* Universal

★★★★☆



É a última sensação retrofuturista inglesa. A cantora chama-se Elly Jackson, tem 21 anos, vem do sul do

Londres e é a coqueluche de um novo surto revivalista, centrado nas memórias queridas da pop sintética dos anos 80. Como era costume na altura, vem acompanhada por um tipo (Ben Langmaid) que trata das máquinas e é coautor das músicas, mas que não consta das fotografias. A imagem é, portanto, toda dela e assenta no culto de uma provocante silhueta de maria-rapaz, coroada por uma majestosa popa vermelha, a lembrar as folias dos cabeleiros de Limalhã ou dos Flock of Seagulls.

Já as músicas deste álbum de estreia reconduzem a um estilo de pop electrónica, maquinaal e frenética, que produziu uma pilha de éxitos com bandas como os Yazoo e os Dead Or Alive. Pelo meio há também um par de baladas mais femininas, que não andam muito longe de Kim Wilde. O elemento mais distintivo é a voz afectada e andrógina de Elly, empenhada em reciclar os eternos melodramas da entrada na idade adulta em cenários sintéticos. Não é nada de novo, mas também não soa a requeitado - é simplesmente electropop feito com a genica e aparato de um brinquedo a estrear. Destacam-se hinos de discotecas incendiários, com destaque para o delirante "Tigerlily", alternando com baladas quase perfeitas como "Cover my eyes", inteligente na compensação das fraquezas vocais de Elly com a presença do London Community Gospel Choir. Em resumo, um disco com meia dúzia de canções perfeitas retronovas para animar o Verão e descartar logo depois disso. **L.M.**

Madeleine Peyroux: o blues é apenas um estado de espírito e a soul dá lugar a uma forte sensibilidade pop



Jazz

Com a alma no blues

A cantora norte-americana está de regresso com um novo disco, meio caminho entre o jazz, o blues e a pop de recorte mais clássico.

Rodrigo Amado

Madeleine Peyroux

Bare Bones
Rouner, *dist.* Universal

★★★★☆



Madeleine Peyroux teve uma das estreias mais fortes a que se assistiram nos últimos anos. Estávamos em 1996.

Sem grande alarido, "Dreamland" anunciava uma nova voz, de inspiração jazz - o tom ecoava a tristeza e intensidade de Billie Holliday - com fortes ligações ao blues e à soul. Treze anos e quatro discos mais tarde, Peyroux surge com um novo registo onde o blues é apenas um estado de espírito e a

influência soul dá, subtilmente, lugar a uma forte sensibilidade pop, das proveniências mais clássicas.

A cantora, natural da Georgia, sempre foi uma excelente intérprete de canções e uma exímia contadora de histórias, mas quando algumas dessas canções passam a ter co-autoria de um notável como Walter Becker (Steely Dan), ficam criadas as condições para um registo intemporal, com a alma no blues e a acção centrada no mais puro formato canção. Tendo interpretado, no passado, canções de Bob Dylan, Leonard Cohen ou Tom Waits, em "Bare Bones" Peyroux dá um passo importante e opta por interpretar apenas canções originais, escrevendo em co-autoria com Becker, Larry Klein, David Bateau e Julian Coryell. O resultado, longe de constituir uma revolução, revela uma nova profundidade na obra de Peyroux, afastando-a da esfera jazz e lançando-a para a exigente disciplina da escrita clássica de canções pop, um desafio, incompreendido por muitos, que só está ao alcance de alguns. Ao longo do álbum, em temas como "Bare bones", "River of tears", "Love and treachery" e "Our lady of Pigalle", ouvimos harmonias, melodias simples e inflexões vocais que nos fazem recordar Joni Mitchell, Carole King, Leonard Cohen, Jackson Browne ou Van Dyke Parks. Destaque para as intervenções "mágicas" do violino de Carla Kihlstedt, particularmente em "Our lady of Pigalle" e "To love you all over again".

Cinema

As estrelas do público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Mário J. Torres	Vasco Câmara
O Barco do Rock	★☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
Brüno	★☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆	★☆☆☆
Doomsday	★☆☆☆	☆☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆
Cinco Minutos de Paz	★☆☆☆	☆☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆
De Profundis	★☆☆☆	☆☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆
Duplo Amor	☆☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆	★☆☆☆
Os Limites do Controlo	★☆☆☆	★☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆
Ou Morro ou Fico Melhor	☆☆☆☆	★☆☆☆	★☆☆☆	☆☆☆☆
As Praias de Agnès	★☆☆☆	★☆☆☆	★☆☆☆	★☆☆☆
Transiberiano	★☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆

Estreiam

O centro e as arestas

É um filme de um homem antigo, a tentar lembrar os valores da antiguidade num mundo de gostos estereotipados e sem memória. **Luís Miguel Oliveira**

Os Limites do Controlo

The Limits Of Control
De Jim Jarmusch,
com Gael García Bernal, John Hurt,
Bill Murray, Paz de la Huerta, Tilda Swinton. M/12

★★★★★

Lisboa: Medeia Monumental: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h40, 00h15;

Porto: Medeia Cidade do Porto: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h50, 19h20, 21h50;

Os anos passam, e Jim Jarmusch, que já foi a personificação de um cinema americano jovem, rebelde e

marginal, tem agora 56 anos e começa a personificar um cinema americano antigo, rebelde e marginal. É um homem antigo, Jarmusch - e isto, antes que se levante alguma dúvida, é uma coisa maravilhosa.

“Os Limites do Controlo” é um filme de um homem antigo, a tentar lembrar os valores da antiguidade (não necessariamente a dita “clássica” embora nem ela deva ser excluída) num mundo de gostos estereotipados e sem memória. É um canto pela diversidade artística e cultural, que encontra o mesmo esplendor num filme, no artesanato de uma tribo índia da América do Sul, num quadro de Juan Gris, na arquitectura madrilena, numa canção. Que faz ouvir o inglês, o espanhol, o francês, o japonês, e aprecia cada língua como se tivessem o mesmo valor de mercado.

“Os Limites do Controlo” é um lamento por um mundo obliterado pela cultura de massas, não porque tenha alguma coisa contra os objectos produzidos pela cultura de massas mas porque sofre com o esmagamento do resto - do que é residual, marginal, local, único, específico. Como diz uma frase, ouvida várias vezes e em várias línguas (num filme construído todo em rimas e repetições, e não apenas nos diálogos), “o universo não tem

centro nem arestas”. Mas, como se torna claro no último dos encontros do granítico Isaach de Bankolé (improvável, mas genial, mistura africana de uma disciplina de samurai com a impassibilidade de Robert Mitchum e a frieza de Lee Marvin), houve uma usurpação: alguém ocupou uma porção do universo e decidiu que aquela porção era o centro, tratando a seguir de começar a limar o que decidiu que eram as arestas. “Os Limites do Controlo” fala em nome das “arestas”, e conta a história da revolta da margem contra o centro - é uma metáfora, mas Jarmusch toma-a como convém: pela sua literalidade. Uma espécie de cosmogonia (des)esperançosa, uma fábula triste e cansada mesmo quando parece divertida e a agitada.

Triste e cansada já deve ter dado para perceber, concentremo-nos no divertido e agitado. “Agitado” não é piada - “Os Limites do Controlo” não foi feito a pensar, digamos, em pessoas impacientes, tem o seu ritmo e os seus rituais e leva-os



Jim Jarmusch

muito a sério; mas é um facto que se passam imensas coisas e imensas peripécias. Tem a estrutura narrativa de que Jarmusch mais gosta, a de uma viagem. Isaach de Bankolé, que se comporta como os assassinos contratados (tipo filme de Melville) mas durante algum tempo isso é tudo o que sabemos dele (ou seja, “que se comporta como um assassino contratado”), é despachado para Espanha numa missão cujos pormenores são omitidos ao espectador (ou, o que vai dar ao mesmo, são dados por charadas deliciosas e misticamente incompreensíveis).

Madrid, depois Sevilha, finalmente uma aldeola andaluza. Para além de esperar, sentado em cafés e esplanadas (sempre dois “espressos” ao mesmo tempo, homem de hábitos enraizados) ou em incursões no Museu Rainha Sofia (cujos quadros e objectos funcionam como os “cartoons” de “Ghost Dog”, anunciando coisas que vão acontecer a seguir), tem vários encontros. Primeiro com uma rapariga, que está sempre nua (ou de gabardine transparente), saiu direitinha da primeira cena do “Desprezo” (“gostas do meu rabo?”, pergunta a Isaach, e isto nunca foi citado desta maneira tão divertida), e cujo papel na “organização” permanece obscuro. Depois, uma série de encontros fugazes para sessões de “coffee and cigarettes” - quanto mais aborrecerem Jarmusch com a história de que os filmes dele têm “lógica de filme de sketches” é certo e sabido que ele não vai deixar de os fazer assim. A cada encontro, Isaach e o coadjuvante trocam umas caixinhas de fósforos (coisa arcaica) e isso é uma espécie de sinal para o próximo encontro ou para o próximo destino. Falam de pintura, de música, de ciência, de cinema (Tilda Swinton, em louira hitchcockiana: “o que de mais gostoso nos filmes é quando mostram só gente sentada a conversar”, assim descrevendo sinteticamente o plano em que está, e que Jarmusch depois, prolonga por mais algum tempo). Alguns são figuras familiares no “universo Jarmusch”: John Hurt, Yuki Kudo (a miúda japonesa do “Mystery Train” de há vinte anos), e Bill Murray, em vilão, a fazer-se tão oleoso quanto consegue (genial, o plano da “vanitas” com a peruca louira na caveira).

Quando acaba, na cena destinada a provar que todo o controlo tem os seus limites, “Os Limites do Controlo” está que parece uma daquelas ficções científicas →



“Os Limites do Controlo”: belo e inventivo, zangado e elegante, filme de homem antigo

Festival

O 13º Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa - entre 18 e 26 de Setembro, cinema São Jorge - anuncia como filme de abertura "Morrer como um Homem", de João Pedro Rodrigues. Na noite de encerramento será apresentado "Were the World Mine", do americano Tom Gustafson, uma comédia musical gay. Entre

as novidades desta edição destaca-se o Espaço da Memória, que celebra sete efemérides da cultura queer, através de concertos, leituras de poesia, sessões de cinema, conversas com várias personalidades ou desafios ao público - de António Botto

a Francis Bacon, de Amália a Variações, visitando Stonewall e o Muro de Berlin, sem esquecer Judy Garland, o Espaço da Memória funcionará num Espaço Lounge preparado para o efeito, com música ambiente e exposição permanente. O São

Jorge acolherá ainda a exposição "Shocking Pinks": com curadoria de João Mourão e Nuno Ramalho, vários artistas plásticos portugueses foram convidados a ocupar diversos espaços do cinema com obras que desafiam a representação do queer na arte.



← distópicas sobre mundos totalitários, sobre mundos "do centro". À independência já não basta a melancolia, pede-se-lhe um pouco de ferocidade. É a novidade de "Os Limites do Controlo", filme belo e inventivo, zangado e elegante, filme de homem antigo.

Do ridículo ao sublime

É a história de um homem apaixonado, e o seu movimento é semelhante ao da grande literatura da paixão: encontrar nesse ridículo a sua própria força trágica. **Luís Miguel Oliveira**

Duplo Amor Two Lovers

De James Gray, com *Joaquim Phoenix, Gwyneth Paltrow, Vinessa Shaw, Isabella Rossellini*. M/12

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 5: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h50, 21h40 6ª Sábado 13h30, 16h10, 18h50, 21h40, 00h10; Castelo Lopes - Londres: Sala 1: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h, 21h30 6ª Sábado 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 9: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h25, 19h10, 21h50, 00h05 Sábado Domingo 12h05, 14h15, 16h25, 19h10, 21h50, 00h05; CinemaCity Beloura Shopping: Cinemax: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h25, 19h, 21h50, 00h05 Sábado Domingo 12h05, 14h15, 16h25, 19h, 21h50, 00h05; Medeia Monumental: Sala 4 - Cine Teatro: 6ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h15, 17h30, 19h45, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés Sala 12: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h35, 19h10, 21h30, 00h05 Domingo 11h30, 14h, 16h35, 19h10, 21h30, 00h05; UCI Dolce Vita Tejo: Sala 8: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h05, 19h, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h30, 21h40, 00h10; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h50, 21h40, 00h15; ZON Lusomundo Cascais Shopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h, 18h30, 21h30, 00h05; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h20, 19h, 21h50, 00h30; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h40, 18h20, 21h25, 24h;

Porto: Arrábida 20: Sala 12: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h, 16h35, 19h10, 21h45, 00h25 3ª 4ª 16h35, 19h10, 21h45, 00h25; Medeia Cidade do Porto: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h30, 22h; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h30, 19h, 21h50, 00h25; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 19h10, 22h, 00h50; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h40, 18h40, 21h30, 00h10;

James Gray, na entrevista concedida ao Ipsilon, diz que a condição de se estar apaixonado ("the state of being in love") é inevitavelmente "ridícula". Não o diz para remeter o tema da paixão a um assunto de comédia, nem para postular que qualquer abordagem do tema deva insistir neste ponto (de resto, não é ao "sentimento" que ele

se refere, é ao "comportamento", ao "estado"). Di-lo, sim, para complicar a sua própria tarefa. "Duplo Amor" é a história de um homem apaixonado (Joaquim Phoenix), e o seu movimento é semelhante ao da grande literatura da paixão, ou ao da grande tradição do melodrama clássico: encontrar nesse ridículo a sua própria força trágica, operar uma passagem do ridículo ao sublime. A cena final, quando Phoenix fica com uma das mulheres (e com um dos mundos) que o dividiram porque simplesmente já não tem opção, e mesmo assim conseguem (ele e Gray) apresentar isso como uma escolha, transbordante de sinceridade e dignidade, é a prova do sucesso da empresa. Em "Duplo Amor" vamos mesmo do ridículo - ou enfim, sejamos francos: do vagamente ridículo - ao absolutamente sublime.

Gray, que na sua curta obra (esta é a quarta longa-metragem) sempre filmou histórias aparentadas ao policial, abre aqui a torneira do melodrama (na entrevista ele explica por que o fez, assim como explica porque é que "Duplo Amor" foi feito logo a seguir a "Nós Controlamos a Noite", sem o habitual intervalo de vários anos que mediou os seus outros filmes). A mudança é mais superficial do que parece. Os seus outros filmes ("Viver e Morrer em Little Odessa", "The Yards" e "Nós Controlamos a Noite") eram melodramas familiares temperados por intrigas policiais, histórias de amor entre filhos, pais, irmãos. E "Duplo Amor", excluindo a intriga policial, preserva muitos dos elementos desses filmes. Não deixa de

"De Profundis": o tom é onírico e a animação propositadamente artesanal, mas a ousadia da proposta dilui-se



ter, apesar da história de Phoenix e das duas mulheres (Gwyneth Paltrow e Vinessa Shaw), um fundo de melodrama familiar, e como também é habitual em Gray, directamente ligado às comunidades emigrantes da zona de Nova Lorque (a acção passa-se em Brighton Beach, a família da personagem de Phoenix é de origem russa). E a questão familiar, origens,

identidade, expectativas, é importante no filme e no próprio arco da personagem. Gray eliminou as pistolas mas continua a filmar - como os polícias polacos de "Nós Controlamos a Noite" - "ecossistemas" familiares muito

específicos. E de certa maneira isto é outra vez, ainda como nesse filme, uma variação sobre a parábola do filho pródigo.

James Gray filma admiravelmente, é um estilista. O tratamento da cor e as alternâncias interiores/exteriores em dia/noite, o peso de cada acção e cada gesto (a indolência inquieta de Joaquim Phoenix é mais uma vez usada às mil maravilhas), a precisão na definição das personagens secundárias (a primeira cena com os pais dele, chega ele encharcado depois da tentativa de suicídio dos primeiros planos), a expressão do estatuto simbólico das reparagens (Paltrow, como uma "projecção", a mulher que se vê da janela; e Shaw, mulher "real", quase uma noiva de conveniência comercial), o desenho dos espaços e o confronto de geografias (Brighton Beach e Manhattan). É um estilista, mas não é um "virtuoso" no sentido comum (e "pobre" do termo - nenhum rasgo gratuito, nenhum gesto grandiloquente, antes uma consistência de tom que tem horror a tudo o que a possa trair e se deposita inteiramente (como na cena final) na justeza emocional que foi capaz de construir. Não é de "classicismo" que se trata - o primeiro a sabê-lo impossível é Gray - mas seria preciso inventar uma expressão melhor do que "neo-classicismo" para caracterizar o seu cinema.

E depois, uma vez que Gray (inda a entrevista) se declara "obcecado por pormenores", há que reparar em pequenas coisas quase subliminares, e ficar a pensar se foi por acaso ou se foi premeditado. Quase "private jokes", mas que ficam a "bater" depois de as descobrirmos. A personagem de Phoenix chama-se "Leonard", o apelido da família da de Shaw é "Cohen", e estes dois nomes juntos

evocam um cantor célebre por cantar sofridas e mortificadas devoções masculinas... Ou, ainda mais fundo: foi por acaso que Gray trouxe Isabella Rossellini para o papel da mãe, Isabella que foi o fruto do amor proibido e condenado de Roberto e Ingrid Bergman?...

De Profundis + A Maior Flor do Mundo De Profundis

De Miguelanxo Prado, com . M/12

★★★★☆

Lisboa: CinemaCity Classic Alvalade: Sala 4: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 11h50, 13h50, 15h50, 20h, 22h 6ª Sábado 11h50, 13h50, 15h50, 20h, 22h, 00h05; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 4: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h30, 19h05, 21h40, 23h50 Domingo 11h30, 14h, 16h30, 19h05, 21h40, 23h50;

Estreia na realização do desenhador galego Miguelanxo Prado, "De Profundis" é uma peculiar experiência audiovisual - uma fantasia animada a partir de quadros a óleo, sem diálogos e uma banda-sonora orquestral a ilustrar esta história de um artista que, naufragando num barco de pesca, descobre os mundos submarinos que até aí só imaginara. O tom é onírico e a animação propositadamente artesanal, mas infelizmente a ousadia da proposta dilui-se assim que

Em "Duplo Amor" vamos do ridículo ao absolutamente sublime

compreendemos que a partitura de Nani García é demasiado convencional para complementar a poesia das imagens e que o fio condutor imaginado por Prado não consegue sustentar uma duração de longa-metragem. É, ainda por cima, uma estreia razoavelmente extemporânea, visto que "De Profundis" data de 2006, e um tanto ou quanto vã, pois já viu edição entre nós em DVD (numa edição especial disponibilizada com o livro tirado do filme). Em complemento, a curta de Juan Pablo Etcheverry "A Maior Flor do Mundo" adapta com sensibilidade um pequeno conto de José Saramago. J. M.

Continuam

Ou Morro, ou Fico Melhor
Soit je Meurs, Soit je vais Mieux
De Laurence Ferreira Barbosa, com Florence Thomassin, François Civil, Marine Barbosa. M/16

★★★★☆

Lisboa: Medeia King; Sala 2: 5ª Domingo 3ª 4ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h45 6ª Sábado 2ª 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 00h15;

Tempos houve em que o nome de Laurence Ferreira Barbosa parecia garantia de modernidade e de inteligência no tratamento de pequenos conflitos individuais, sem história nem grandezas. Hoje, depois de vermos este modesto (e morno) "Ou Morro, ou Fico Melhor", foram-se as ilusões e mesmo o seu título mais paradigmático, "As Pessoas Normais Não Têm Nada de Especial", soa

a sobrevalorização de um não-estilo, de uma espécie de naturalismo serôdio e desenquadrado. Não há nervo, nem ponto de vista, que resgate esta pequena ficção moralista e "normalizada", como se a cineasta nada tivesse de novo para dizer (alguma vez teve?) e se limitasse à crónica de perversões que o não são de facto. Dito isto, não é um mau filme, é apenas mais uma inutilidade disfarçada de análise dos comportamentos quotidianos. M.J.T.

As Praias de Agnès + A Felicidade
Les Plages d'Agnès
De Agnès Varda. M/12

★★★★☆

Lisboa: CinemaCity Classic Alvalade; Sala 2: 5ª 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h35, 19h15, 21h40 6ª 14h10, 16h35, 19h15, 21h40, 00h10 Sábado 11h40, 14h10, 16h35, 19h15, 21h40, 00h10 Domingo 11h40, 14h10, 16h35, 19h15, 21h40;



Tecnicamente, "As Praias de Agnès" é um documentário - mas a palavra é redutora para esta "visita guiada" pela própria Agnès Varda à sua vida e obra, dos seus primeiros anos numa casa de Bruxelas à sua reinvenção como artista plástica, passando pela infância no porto de Sète e pelo seu amor eterno por Jacques Demy, o autor dos "Chapéus de Chuva de Cherburgo" (1963). Usando um dispositivo semelhante ao de "Respiçadores e a Respiçadora" (2000) - um delicioso vale-tudo onde o documentário tradicional coabita com a recreação, a fantasia, o home video e a autobiografia - Varda volta a fazer cinema a partir da sua vida, mas desta vez deixa os bastidores do cenário todos à mostra e faz da sua vida no cinema o cinema da sua vida. Escusado será dizer que este é um grande filme cinéfilo e para cinéfilos, e que o conhecimento da história do cinema francês pós-Nouvelle Vague ajuda muito à sua fruição - mas quem não o tiver não tem como escapar à presença e à leveza de espírito da sábia octogenária. J.M. →

"Ou Morro, ou Fico Melhor": não há nervo, nem ponto de vista, que resgate esta pequena ficção moralista e "normalizada"

Regulamento

Primeiro

É instituído o Prémio "Aurélio Soares Calçada" para premiar um trabalho inédito ou publicado no presente ano pela imprensa local, regional ou nacional, sobre qualquer aspecto da vida cultural, social, económica, histórica ou monográfica do Concelho de Tondela, suas terras e suas gentes.

Segundo

O prémio, lançado a nível nacional, está aberto a todos os interessados independentemente da idade e do local de residência.

Terceiro

Este Prémio é no valor de 1200 euros.

Quarto

A iniciativa e primeira responsabilidade do Prémio é da Família de Aurélio Soares Calçada.

Quinto

O Prémio é atribuído pela Família de Aurélio Soares Calçada, que contribui anualmente com 300€, pela Junta de Freguesia de Campolide/Lisboa com 400€, pela Junta de Freguesia de Tondela com 100€ e o Município de Tondela contribuirá com a parte restante, isto é, 400€.

Sexto

A entidade responsável pela divulgação do prémio - Câmara Municipal de Tondela - deverá assegurar a sua publicitação, organização e divulgação, bem como publicação dos resultados. À Casa do Concelho de Tondela cabe a organização e recolha das candidaturas e a cerimónia de entrega do Prémio.

Sétimo

O Prémio é atribuído anualmente, podendo não ser atribuído quando a qualidade dos trabalhos não o justificar.

Oitavo

Na eventualidade de comprovada fraude por parte dos candidatos e/ou premiados, designadamente no que respeita à veracidade das declarações prestadas,

legalidade das condições de acesso ou execução dos trabalhos, a entidade organizadora tem o direito de recusar, desclassificar os trabalhos e obrigando os premiados a devolverem os prémios atribuídos.

Nono

Os trabalhos deverão ser apresentados exclusivamente em Língua Portuguesa. Estes não deverão ser apresentados de forma manuscrita e deverão ser em papel formato A4, letra de tamanho 12 e espaço duplo.

Décimo

Os trabalhos concorrentes poderão ser enviados, no âmbito da cláusula primeira durante o ano de 2009, até ao dia 15 de Outubro para a Casa do Concelho de Tondela em Lisboa, Rua Miguel Torga, Ed. AG. Loja 1, Urbanização Nova Campolide, 1070 Lisboa.

Décimo Primeiro

A Cerimónia de entrega do Prémio ocorrerá no dia 1 de Dezembro, data do aniversário da Casa do Concelho de Tondela.

Décimo Segundo

O júri do Prémio será constituído por um membro designado pela Família, e por um membro de cada uma das seguintes instituições: Município de Tondela, Casa do Concelho de Tondela, Junta de Freguesia de Campolide e Junta de Freguesia de Tondela. Se outras instituições se associarem ao prémio, será revista a constituição do júri. O membro da Família deterá o voto de qualidade.

Décimo Terceiro

A este júri, desde que se manifeste a aceitação da Família, poderão associar-se outras instituições representativas do Concelho, como por exemplo, imprensa local e fundações.

Décimo Quarto

Da decisão do júri não há recurso.



Troque filmes usados por vales desconto de 5€ ou 10€ na compra de novos

Por cada VHS, UMD ou DVD original que entregar na Fnac, recebe um vale de desconto de 5€ para comprar um DVD com valor igual ou superior a 14,99€, ou de 10€ para comprar um Blu-Ray com valor igual ou superior a 24,99€.

Os filmes recolhidos serão distribuídos pelas Centras Porta Antiga em Portugal

Produção

Depois do Verão deverá estar terminada a montagem do filme **"José e Pilar - Retrato de uma Relação"** de Miguel Gonçalves Mendes



(tem o título provisório de **"União Ibérica"**), lê-se no blogue da Fundação Saramago. Produzido pela JumpCut em coprodução com a El Deseo, de Pedro

Almodóvar, o filme conta ainda com a parceria da SIC. Durante três anos e meio o realizador (autor de **"Autografia"** sobre Mário Cesariny) acompanhou o escritor José Saramago e Pilar del Río por diversos países.



Este "barco do rock" começa a meter água logo ao princípio

Cinco Minutos de Paz

De Olivier Hirschbiegel, com Liam Neeson, James Nesbitt, Anamaria Marinca. M/12

★★★★☆

Lisboa: UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 2: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h05, 18h05, 20h05, 22h05, 00h05 Domingo 11h30, 14h05, 16h05, 18h05, 20h05, 22h05, 00h05; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 3h40, 16h10, 18h40, 21h50, 00h20; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h40, 24h;

Porto: Arrábida 20: Sala 8: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 16h30, 18h50, 21h15, 00h10; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h25, 17h35, 19h50, 22h, 00h10;

Parece que estamos, definitivamente, em maré de filmes sem sabor, nem perspectiva clara de objectivos. "Cinco Minutos de Paz" aspira a ultrapassar os limites do docudrama, mas esbarra, constantemente, em impasses narrativos: nem consegue transmitir o lado "verídico" dos factos que instrumentaliza,

nem atinge o ambicioso projecto de fazer um filme experimental, com a exploração de monólogos interiores e de subjectividades pouco eficazes. Apesar de não querer fazer cinema televisivo (que critica explicitamente), fica-nos a sensação de que o pequeno ecrã era o formato mais apropriado para este conflito sem conflito, com preocupações filosóficas que não entende. Ou então, a Irlanda do Norte já esgotou o seu filão representativo e o nosso "canção" virá todo daí. Vê-se, mas esquece-se. M.J.T.

O Barco do Rock

The Boat That Rocked De Richard Curtis, com Bill Nighy, Kenneth Branagh, Philip Seymour Hoffman, Tom Sturridge. M/12

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 4: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 21h20 6ª Sábado 21h20, 23h50; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 10:

5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 15h, 17h55, 21h25, 00h10 Sábado Domingo 11h55, 15h, 17h55, 21h25, 00h10; Medeia Saldanha Residence: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h20; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 3: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 15h10, 18h30, 21h30, 00h25 Domingo 11h30, 15h10, 18h30, 21h30, 00h25; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 2ª 3ª 13h15, 16h10, 21h15 6ª Sábado Domingo 13h15, 16h10, 21h15, 00h15 4ª 13h15, 16h10; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h30, 15h25, 18h15, 21h25, 00h20; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h40, 18h50; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h45, 15h40, 18h30, 21h30, 00h25; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h55, 15h45, 18h35, 21h25, 00h15; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h30, 21h10, 00h10;

Porto: Arrábida 20: Sala 19: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h40, 16h25, 19h15, 22h05, 00h50 3ª 4ª 16h25, 19h15, 22h05, 00h50; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h10, 21h20, 00h20; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h40, 15h40, 18h40, 21h40, 00h45; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h40, 17h50, 21h, 00h10;

Que os ingleses levam muito a sério a sua cultura pop só lhes fica bem, e no papel "O Barco do Rock", que ficciona os dias de ouro das rádios piratas inglesas dos anos 1960, podia ser uma extensão da "Alta Fidelidade" de Nick Hornby ou da "Quadrophenia" dos Who - como tornar-se um homem ao som do rock'n'roll. É isso que Richard Curtis, o argumentista de "Quatro Casamentos e um Funeral" (Mike Newell, 1993) e "Notting Hill" (Roger Michell, 1999) e realizador de "O Amor Acontece" (2003), quis fazer. Mas o que fez foi outra coisa: uma espécie de comédia televisiva inchada artificialmente para duas horas e quinze, com uma colecção de cromos bem sacados por um elenco de luxo, uma reconstituição dos "swinging sixties" de estarrecer e uma banda-sonora arrasadora deixados à deriva em busca de um

argumento que lhes dê consistência. O que é tanto mais grave quanto se Curtis sempre foi bom em alguma coisa foi a escrever - mas este "barco do rock" começa a meter água logo ao princípio. J.M.

Doomsday - Juízo Final

De Neil Marshall, com Caryn Peterson, Adeola Ariyo, Emma Cleasby, Christine Tomlinson. M/16

★★★★☆

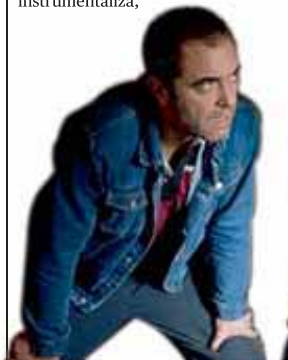
Lisboa: CinemaCity Beloura Shopping: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 22h10, 00h20; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 00h05; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h, 18h40, 21h50, 00h20;

Porto: Arrábida 20: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 21h20, 00h15 4ª 00h15; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h15, 19h, 22h 6ª Sábado 13h40, 16h15, 19h, 22h,

Apesar de uma excessiva crueza, "Doomsday" combina o lado de "thriller" apocalíptico com algum humor e com uma artificiosa montagem que acaba por lhe conferir uma tensão, algo imprevisível, a julgar por um argumento estereotipado, emulando outros filmes do género, com remissões para universos bem mais interessantes como o de John Carpenter. A obsessão com o Armagedon nem sempre encontra uma visualidade condizente com as suas ambições, excepto nas seqüências de luta (o melhor do filme), enquanto as perseguições deixam a desejar: parecem decalcadas de modelos (houve quem falasse de "Mad Max") mais bem conseguidos. Um "thriller" razoável que peca, sobretudo, por uma dispersão desorganizada e por uma narrativa confusa. M.J.T.



"Doomsday - Juízo Final": razoável "thriller"



"Cinco Minutos de Paz": a Irlanda do Norte já esgotou o seu filão representativo

DVD

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Cinema

Torino grande, extras pequenos

Nada nos move em desfavor de conversas sobre automóveis. Mas, bom, esgotar aí os complementos de uma edição DVD de "Gran Torino" não lembrava ao diabo. **Luís Miguel Oliveira**

Gran Torino
de Clint Eastwood
Columbia Tri-Star Warner

★★★★★

Extras

★★★☆☆



"Gran Torino", "gran-filme", como por esta altura o leitor, mesmo se não o viu (e foi um muito razoável sucesso de público em Portugal), já deve estar careca de tanto ler em tudo o que é sítio. É uma obra-prima certamente, e uma das melhores expressões - tudo somado - do lado vulcânico, sempre na iminência da mais destruidora erupção, da "persona" cinematográfica de Clint Eastwood, tendo ainda em conta - mas em rigoroso "controlo de expectativas" - toda a ambiguidade das conotações políticas que historicamente foram sendo associadas a essa

"persona" e, como no fundo aqui acontece, ironicamente cultivadas pelo cineasta-actor.

O DVD aparece poucos meses depois do lançamento em sala, passou-se muito pouco tempo para que o possamos ver com outros olhos. Confirmamos tudo: a prodigiosa complexidade da personagem de Walt Kowalski (Clint Eastwood), amargurado veterano da Guerra da Coreia, entre o ressentimento por um mundo em que não se reconhece (Toyotas em vez de Fords, vizinhos coreanos, padre imberbes, filhos tacanhos, netos "geração MTV") e os seus próprios e muito pessoais fantasmas culposos (é do caraças matar um homem, velho tema eastwoodiano); a delicadeza surpreendente da história de filiação, iniciação e, finalmente, transmissão, que acontece entre ele e o miúdo coreano que não parecia ter outro futuro que não o vandalismo; a não menos prodigiosa complexidade do que nas entrelinhas se desenha como um discurso sobre o legado e os símbolos das América contemporânea, aqui representados (não exclusiva mas preponderantemente) por um Ford Gran Torino de 1972; e a magistral precisão, tensa, dilacerada, austera (as sombras no encontro decisivo com o padre: às vezes parece que Clint se quer medir com os grandes ascetas, Ford, Dreyer, Bresson...) com que a mise-en-scène é conduzida. Fenomenal.

"Gran Torino", pequenos extras. Dificilmente alguém se lembraria, para um filme destes, de bónus mais irrelevantes. O organizador da edição - ou o departamento de marketing que instruiu o organizador da edição - deve ter a ideia fixa de que "Gran Torino" é um filme "sobre um carro". E portanto nada mais apropriado do que dois documentários-zecos sobre a "cultura automóvel na América". Tema tudo menos virgem

Dificilmente alguém se lembraria, para um filme destes, de bónus mais irrelevantes



("Christine" de Carpenter, "Crash" de Cronenberg..) e de muito discutível relevância em "Gran Torino" (mas ouve-se o argumentista Nick Schenck a depor e fica-se a suspeitar que Clint deu uma grande volta às prioridades do "script"). Um destes extras ainda tem alguma graça, porque é uma espécie de

"making of" onde aparecem os intervenientes, incluindo Clint - só que em vez de falarem do filme falam de carros. Nada nos move (bem pelo contrário) em desfavor de conversas sobre automóveis. Mas, bom, esgotar aí os complementos de uma edição DVD de "Gran Torino" não lembrava ao diabo.

SERRALVES 20ANOS10

JAZZ NO PARQUE

18ª EDIÇÃO

18, 25 JUL e 01 AGO 2009

Sábados, 18h00

TÊNIS DO PARQUE DE SERRALVES

PROGRAMAÇÃO: António Curvelo

01 AGO

"BENNIE WALLACE PLAYS MONK"

Bennie Wallace, Donald Vega, John Hebert e Yoron Israel

SERRALVES DÁ-LHE JAZZ AO JANTAR!

Um menu especial e um DJ na esplanada esperam por si! Saiba mais em www.serralves.pt

patrocinador

Castanheira CHEVROLET

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Entrada grátis até às 20h. João II (junto à Escola Francisco)

Informações: 281 206 541 | Geral: 226 226 500

Rua D. João de Castro, 200 - 4550-477 Porto

www.serralves.pt | info@serralves.pt

APÓIO INSTITUCIONAL

MIC

APÓIO

PICTETO

TIARA

PATROCINADOR DO JAZZ NO PARQUE

SUPER BOCK

Walt Kowalski, o amargurado veterano da Guerra da Coreia, entre o ressentimento por um mundo em que não se reconhece e os seus próprios fantasmas culposos

1-9 AGOSTO 2009

JAZZ EM AGOSTO



1 SAB 21H30
GEORGE LEWIS SEQUEL

2 DOM 18H30
ROUGH AMERICANA

2 DOM 21H30
NUBLU ORCHESTRA
CONDUÇÃO*
LAWRENCE D. "BUTCH" MORRIS



6 QUI 21H30
DAVE DOUGLAS & BRASS ECSTASY



7 SEX 18H30
PETER EVANS

7 SEX 21H30
BUFFALO COLLISION



8 SAB 21H30
PETER EVANS QUARTET

8 SAB 18H30
FRANZISKA BAUMANN + MATTHIAS ZIEGLER

9 DOM 18H30
PROPAGATIONS

9 DOM 21H30
BILL DIXON WITH EXPLODING STAR ORCHESTRA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

www.musica.gulbenkian.pt/jazz

PARCELOS



COOPERADO



MEMBROS



© DALEIN www.dalein.pt